

Rapto em Berlin

(Bárbara Cartland)



RESUMO

O que poderia acontecer a uma jovem ingênua e inexperiente como Loelia, em meio ao perigoso mundo de espionagem e grandes intrigas internacionais? Seu pai, agente do serviço secreto inglês, estava desaparecido há dois meses. Sensível e dedicada, Loelia partiu sozinha para Berlim, disposta a encontrá-lo. Porém não sabia que corria um grande risco: ao desembarcar naquela cidade estranha, foi covardemente raptada, levada para uma casa suspeita e transformada em escrava branca!

CAPÍTULO I

1896

Lorde Braydon tomou o trem que o levaria a Berlim, no porto belga de Ostende.

Não era preciso conhecê-lo bem para perceber, no semblante carregado, que estava de péssimo humor.

Aliás, estava assim desde cedo.

A idéia de ter de atravessar o canal da Mancha e se aventurar numa missão que qualificava de "louca" irritava-o profundamente.

Detestava, acima de tudo, ter de fazer a vontade do príncipe de Gales, sabendo de antemão que não iria dar certo.

Tudo tinha começado três noites antes, quando acompanhara o príncipe à ópera, em Covent Garden.

Pelos olhares que lhe lançava Sua Alteza, percebera que a noite não iria terminar sem alguma surpresa desagradável.

Como acontecia sempre que o príncipe ia à ópera, sua chegada tinha sido antecedida por um chef e seis lacaios.

O objetivo da comitiva era levar vários cestos repletos de talheres de prata, porcelana fina e comida.

Lorde Braydon, assim como muitos outros amigos seus, na corte, achava esse hábito real um tanto extravagante.

Ao mesmo tempo, não deixava de ser uma boa maneira de aliviar a monotonia de uma longa ópera, especialmente quando o vinho e a comida eram excelentes.

Ao acompanhar o príncipe de volta a Malborough House, lorde Braydon percebera que Sua Alteza estava procurando um jeito de lhe falar a sós.

Não podia retirar-se, naturalmente, antes que a princesa Alexandra se recolhesse.

Mas tinha intenção de escapulir assim que ela desse as costas.

O príncipe de Gales, porém, fora mais rápido.

— Preciso falar com você Braydan — tinha dito o príncipe herdeiro.

Em princípio, deveria ter sido um aparte a sotto você, mas não houve quem não tivesse escutado.

Tanto assim que, pouco depois, todos os membros da comitiva desapareceram como por encanto, enquanto lorde Braydon aguardava, apreensivo.

Era um homem alto, bastante atraente e muitíssimo requisitado.

Não só pelo príncipe de Gales, que o tinha ha mais alta conta, como também por uma série de belíssimas damas que, durante algum tempo, conquistavam seus favores.

Lorde Braydon, porém, se cansava de todas.

O problema com seus *affaires de coeur* era invariavelmente o mesmo. Acabava sempre se cansando do que ele chamava de "a monotonia do óbvio".

Ardia por alguma coisa original, alguma mulher diferente.

Ao mesmo tempo, reconhecia que estava pedindo demais de um destino que já lhe tinha sido bastante generoso.

Era herdeiro de um título antiquíssimo e de uma bela fortuna.

Seu lar ancestral em Oxfordshire era um dos mais espetaculares de toda a Inglaterra.

Seus cavalos de corrida eram admirados e invejados não só em seu próprio país como também na França.

Na verdade, seus animais puros-sangues lhe davam uma ótima desculpa para visitar regularmente a capital mais alegre da Europa.

Em Ostende, de onde partiu para Berlim, lorde Braydon tinha ficado olhando nostalgicamente o expresso para Paris, que aguardava os passageiros vindos da Inglaterra.

Tinha preferido usar seu iate particular para atravessar o canal da Mancha e chegar à costa belga.

O fato de ter de abandonar sua confortável embarcação e viajar no trem que o levaria a Berlim deixava-o ainda mais irritado.

Enquanto remoía seu desagrado, Watkins, o criado que o acompanhava em todas as viagens, providenciava para que a bagagem fosse levada à cabina do carro-leito.

Com toda a diligência, o criado dava ordens ao carregador para que pusesse na cabine contígua tudo aquilo que não fosse ser usado por seu amo.

Lorde Braydon gostava de viajar com conforto, e sempre fazia questão que seu criado Watkins ficasse na cabine ao lado.

Além de estar sempre à disposição, caso precisasse de seus serviços, a companhia de Watkins significava não ser perturbado por passageiros ruidosos, falando alto ou batendo portas na cabine vizinha.

Os amigos comentavam que era uma extravagância, mas lorde Braydon sempre tinha a resposta pronta.

— Não há nada neste mundo que valha tanto uma despesa extra quando o conforto próprio.

Como seu círculo compartilhasse inteiramente desta filosofia, não havia como prosseguir com as críticas.

Dando uma generosa gorjeta ao carregador, em nome de seu amo, Watkins retirou-se, dizendo o óbvio:

— Estou aqui ao lado, milorde, caso Vossa Excelência precise.

Lorde Braydon não se deu sequer ao trabalho de responder, recostando-se,

enfasiado, na poltrona, que ainda não tinha sido transformada em leito.

Perguntava-se em quanto tempo poderia se ver fora de Berlim.

Teria, então, de informar ao príncipe de Gales, e disto estava praticamente certo, de que não lhe tinha sido possível atender ao que ele designara.

Em outras palavras, sua missão tinha fracassado.

Somente ao príncipe de Gales, pensou lord Braydon, ocorreria a idéia bastante absurda de encarregá-lo de descobrir, entre os alemães, o exato conteúdo do programa armamentista da marinha alemã!

O relacionamento de Sua Alteza com a Alemanha nunca fora fácil. Primeiro foram os contratemplos por causa da aberta simpatia a que o herdeiro inglês dedicara à França durante a guerra franco-prussiana.

Depois, o príncipe tinha incentivado o casamento do príncipe Alexander de Battenburg com a princesa Victoria, filha do príncipe herdeiro da Prússia. Além disso, o príncipe não negava sua antipatia por Wilhelm, seu sobrinho, que considerava um tolo.

Na Alemanha, o príncipe Wilhelm fizera comentários desabonadores sobre o tio, chamando-o de "pavão gordo", e sobre a avó, chamando-a de "velha bruxa".

Depois disso, o príncipe de Gales o ignorara.

Em 1888, um ano antes do Jubileu, Wilhelm, aos vinte e nove anos, se tinha tornado kaiser.

O príncipe de Gales não tentara sequer disfarçar o quanto lhe desagradava o novo kaiser.

Referia-se a ele como "Wilhelm, o Grande" e ficara enfurecido quando o kaiser, muito consciente de sua própria importância, revidara.

Apesar de tudo, em 1889, no jubileu da rainha Victoria, o kaiser comparecera às celebrações, decidido a ser agradável.

Tinha havido, então, um período de relativa calma, até que o kaiser resolvera, nas palavras do príncipe de Gales, se transformar no "chefe de Cowes".

Até então, o príncipe herdeiro da coroa britânica era a grande estrela das regatas de Cowes,

Como comandante da esquadra real, seu veleiro Britannia, com ele a bordo, tinha vencido muitas corridas importantes.

O Britannia era considerado um dos melhores iates de corrida do mundo.

O kaiser, porém, tinha estragado tudo, vencendo o príncipe durante a regata em homenagem à rainha Victoria. Depois disso, acostumara-se a fazer de Cowes uma espécie de exposição para os mais modernos navios de guerra da marinha alemã.

No ano anterior, em 1895, tinha chegado com o iate imperial, o Hohenzollern, escoltado por dois dos navios de guerra mais modernos da Alemanha, o Worth e o Weissenburg.

Os dois tinham sido balizados com o nome de batalhas vitoriosas durante a

guerra franco-prussiana.

No mesmo ano, o kaiser provocara a indignação de todo o comitê das regatas, retirando-se no último instante sob a alegação de que tinha sido prejudicado.

Como se não bastasse, tinha sido extremamente rude com o tio, durante um jantar a bordo do Osborne.

Não escapara a ninguém a fúria do príncipe de Gales diante da empáfia do sobrinho.

Portanto, naquela noite, depois da ópera, lorde Braydon não tinha ficado surpreso quando o príncipe declarara, sem rodeios:

— Quero que me faça um favor, Braydon, e para isto deve embarcar para a Alemanha.

Lorde Braydon tinha segurado a respiração, sem nada retrucar.

Andando agitadamente pela sala, o príncipe de Gales lhe dissera:

— Ouvi de fonte segura que meu sobrinho, o kaiser, possui um novo canhão naval que é infinitamente mais mortal e eficaz do que qualquer peça que nossa marinha possa ter.

Tinha parado uns instantes para recuperar o fôlego e, como lorde Braydon permanecesse em silêncio, o príncipe continuara:

— Conheço sua reputação com línguas estrangeiras, e sei que fala alemão fluentemente. Se há alguém que pode descobrir o que está havendo, este alguém é você.

— Acho isso bastante improvável, alteza — respondera lorde Braydon, mem muita esperança de convencer o príncipe. — Se esta arma é tão secreta quanto dizem, os alemães a devem estar guardando sob sete chaves, e dificilmente poderia esperar que me falassem sobre ela.

— Quero saber do que se trata — insistira o príncipe, obstinadamente. — Sabemos que estão construindo navios, mas se estes navios estiverem sendo equipados com canhões melhores que os nossos, a situação pode ser muito perigosa.

Lorde Braydon sabia que o príncipe estava convencido, assim como muitas outras pessoas, que mais cedo ou mais tarde a Alemanha desafiaria a supremacia marítima da Grã-Bretanha.

Era do conhecimento geral o quanto o kaiser tinha ciúme do extenso império britânico. Ele falava abertamente da necessidade que tinha a Alemanha de adquirir mais "espaço".

Lorde Braydon sabia, portanto, que seria inútil argumentar. Tinha se limitado a dizer:

— Irei à Alemanha e farei o que estiver a meu alcance, alteza. Mas espero que não esteja pensando em milagres.

Como o príncipe não o tivesse interrompido, lorde Braydon continuara a expor seu pensamento:

— Duvido muito que consiga trazer-lhe qualquer informação que já não possua.

A intenção era fazer um elogio sutil à astúcia do príncipe de Gales.

A rainha Victoria ainda continuava mantendo o filho completamente afastado de todos os segredos de Estado.

Ele não tinha permissão de participar de nenhuma discussão importante, mas fazia o possível para se manter informado. Gostava de se imaginar a par de todos os assuntos do reino.

Lorde Braydon sabia que, se conseguisse descobrir alguma coisa antes do Ministério do Exterior ou da Marinha, estaria dando um belo trunfo ao herdeiro da coroa.

Pondo a mão sobre o ombro de Braydon, o príncipe encerrara o encontro:

— Isto é muito importante para mim. Sei perfeitamente que você se saiu às mil maravilhas em outras missões que não devemos mencionar aqui.

— Realmente não devemos, sir! — tinha concordado lorde Braydon mais que depressa.

Às vezes o príncipe, especialmente quando em companhia de uma bela dama, Unha tendência a ser indiscreto.

— Então, meu caro, partirá imediatamente? — perguntara ele.

— Depois de amanhã — prometera lorde Braydon.

Na manhã seguinte descarregara todo seu mau humor sobre seus empregados e amigos, para surpresa de muitos.

Era habitualmente um homem discreto, que se mantinha a distância. Controladíssimo, raramente revelava seus verdadeiros sentimentos.

Era divertido, bem-humorado e, como o próprio príncipe de Gales sabia muito bem, extremamente inteligente.

Havia ocasiões, porém, em que mesmo para os que o conheciam bem e o admiravam, lorde Braydon parecia um tanto assustador.

As mulheres, apesar de fascinadas, consideravam-no um enigma, e nem sequer tinham a pretensão de compreendê-lo.

— Eu o amo, Oswin — dissera há poucos dias uma bela mulher. — Mas sinto que não o conheço.

— O que quer dizer com isso? — perguntara lorde Braydon, entre curioso e divertido.

— Há algo profundo em você que eu não consigo alcançar. E não é justo. Eu lhe dou meu amor, meu coração, meu corpo, na verdade tudo que possuo, e você me dá muito pouco em troca.

Na ocasião, lorde Braydon não respondera. Apenas a beijara.

A dama se tinha contentado com os beijos, porque ele era um amante realmente fogofo.

Mas, ao vê-lo partir, percebera perfeitamente que na verdade possuía muito pouco daquele homem.

Quase tudo se achava trancado, por assim dizer, em algum lugar secreto que ela não conseguia penetrar.

— Prometa que pensará em mim quando estiver longe — tinha dito a mesma beldade, na noite anterior, quando lorde Braydon fora se despedir.

— Estarei contando as horas para o meu regresso.

A dama tentou heroicamente receber o comentário como um elogio pessoal mesmo sabendo que, deixar Londres em plena temporada, era algo odioso para lorde Braydon.

No fundo, sabia que ele se ressentia muito mais de ter de abrir mão de seus hábitos do que de se afastar dela.

O trem já estava em marcha, e lorde Braydon apanhou o jornal que Watkins tinha deixado a seu lado.

Na verdade, não pensava em nenhuma dama que tivesse deixado para trás, mas sim na perda de tempo que representava esta viagem.

Apesar do pessimismo com que assumira o encargo, tinha se dado ao trabalho de fazer uma visita ao ministro do exterior.

Teria sido um grande erro esconder sua missão do marquês de Salkbury.

Contara-lhe, então, o que pretendia o príncipe.

— Concordo com você, Braydon, que provavelmente será pura perda de tempo. Por outro lado, talvez tenha sucesso onde nós falhamos.

— Quer dizer então que vocês já tentaram descobrir o que vem a ser este canhão? — indagara lorde Braydon, surpreso.

O marquês assentira com a cabeça.

— Estou com um de meus melhores homens na Alemanha, um dos mais experientes. Mas não tenho tido notícias há um mês, quem sabe mais. Presumo, portanto, que ele vá regressar de mãos vazias.

Os lábios de lorde Braydon se contraíram, irritados, e o marquês prosseguira:

— Os alemães são fanáticos. Morrem de medo de espões, e guardam seus segredos muito melhor do que nós, quando chegamos a ter um!

— Acredita mesmo que exista este tal canhão? O marquês sacudira os ombros.

— Nossos melhores especialistas me dizem que os modelos que possuímos não podem ser melhorados. Ao mesmo tempo, os alemães têm uma longa tradição em experimentos avançados.

Lorde Braydon tinha perfeito conhecimento disso e, ao se despedir, dissera:

— Tentarei estar de volta a tempo de ver meus cavalos competindo em Neumarket. Esta é outra razão por que me desagrada tanto partir agora.

— Sinto muito por você — dissera o marquês, com simpatia. — Ao mesmo tempo, sinto-me grato ao príncipe de Gales. Se alguém pode conseguir o impossível,

este alguém é você.

— Lisonjeia-me, caro ministro, mas nem assim consegue aplacar minha raiva, no momento.

O marquês rira, mas assim que lorde Braydon saiu do Ministério, seu semblante voltara a se fechar.

Agora, enquanto folheava o jornal, lorde Braydon dizia consigo mesmo que não ficaria nem um segundo a mais do que o necessário na Alemanha.

Já tinha decidido a quem faria visitas de cortesia assim que chegasse a Berlim. Também já arranjava um pretexto plausível para visitar a capital alemã.

Certamente não deixaria de prestar suas homenagens a uma belíssima princesa russa que conhecera no passado. Ela estava agora casada com um dos ministros de Estado do kaiser.

Se ainda estivesse tão adorável quanto a lembrança que tinha dela, e se ainda houvesse um convite em seus olhos negros, a viagem talvez tivesse suas compensações.

Viajavam há uma hora quando Watkins levou-lhe o jantar. Havia um carro-restaurante no trem, mas lorde Braydon não tinha a menor intenção de se deslocar até lá ou de ingerir o que considerava comida inferior.

O chef de seu iate tinha, por isso, preparado um cesto com alguns de seus pratos favoritos.

Primeiro Watkins providenciou uma mesinha, que trouxe do compartimento vizinho.

Cobriu-a com uma toalha branca, com o monograma de lorde Braydon, e passou a servir-lhe um apetitoso repasto.

Havia patê como entrada e, em seguida, foi servida uma sopa.

O prato seguinte tinha viajado numa cesta de feno e ainda estava na temperatura certa.

Não faltou sequer um excelente champanhe, seguido de um clarete especial, amadurecido por vários anos até que ficasse no ponto perfeito.

A refeição encerrou-se com café, servido em bule de prata, e uma pequena dose de conhaque Napoleon, que o avô de lorde Braydon tinha posto para envelhecer no começo do século.

Sentindo-se um pouco mais reconciliado com o mundo a seu redor, lorde Braydon recostou-se na poltrona.

Pouco depois resolveu que seria melhor dormir cedo, e só então chamou Watkins para preparar o leito.

O valete foi então em busca do camareiro encarregado daquele vagão.

Enquanto os dois faziam a cama, com lençóis e fronhas bordados com o emblema de lorde Braydon, este foi até o corredor.

Deixou-se ficar ali, olhando para a escuridão da paisagem.

Uma vez mais pensava em como seria muito melhor se seu destino fosse Paris, e não Berlim.

Várias pessoas cruzaram seu caminho, mas ele nem chegou a notá-las, imerso como estava nos próprios pensamentos.

Watkins veio arrancá-lo deste estado absorto.

— Está tudo pronto, milorde.

Com um suspiro de alívio, voltou à cabine. O leito estava sem dúvida convidativo.

Mal tinha começado a se despir, quando bateram à porta.

Não tinha a menor idéia de quem pudesse ser.

Antes que tivesse tempo de responder, bateram de novo, como alguém que tem pressa.

— Entre! — disse lorde Braydon, sem muito calor na voz. E a porta se abriu.

Para sua surpresa, viu-se diante de uma jovem.

Era extremamente bonita, com grandes olhos num rostinho pequeno, um tanto magro.

Espantadíssimo, lorde Braydon viu que a jovem fechava a porta atrás de si e caminhava em sua direção.

Ele estava sentado, e nem chegou a fazer menção de se levantar.

Tentando se equilibrar, a moça finalmente falou:

— Desculpe-me incomodá-lo... por favor, me perdoe, mas preciso de sua ajuda.

— Minha ajuda?!

— Conheço-o, sei que é inglês, e, pensei que talvez pudesse... me ajudar.

— De que maneira?

Olhando de relance para trás, como se tivesse medo de ser ouvida, a jovem falou:

— Há um homem... um alemão... Sentei-me em frente a ele no carro-restaurante e agora ele não quer me deixar em paz.

Sua voz tremia e ela continuou, com um certo esforço:

— Ele me largou, por enquanto, mas disse que voltaria. Embora possa trancar minha porta, tenho medo de que ele, sendo tão persistente, suborne o camareiro ou ache um jeito de abri-la.

Lorde Braydon sempre fora um bom juiz tanto de homens quanto de mulheres.

A princípio, tinha imaginado que a jovem quisesse algo dele, pessoalmente.

Agora sabia que ela falava com absoluta sinceridade e que eslava, de fato, com medo.

— Eu sinto muito, realmente sinto muito por perturbá-lo, mas não sei mais o que fazer.

O corpo da jovem oscilava ligeiramente por causa do balanço do trem e lorde Braydon então sugeriu:

— Não seria melhor sentar-se e dizer-me quem é e como sabe quem sou eu?

A moça seutou-se na beirada da cama e voltou-se para ele.

Os cabelos, bem-arrumados, ainda que num penteado conservador, eram loiros.

Os olhos eram verde-acinzentados, da cor dos riachos das montanhas, mas as pupilas estavam muito escuras, provavelmente de medo, cogitou lorde Braydon.

— Conheço-o dos jornais — respondeu ela. — E sei também que possui alguns dos melhores cavalos do país.

— Quero crer que sim — retrucou lorde Braydon, um tanto secamente. — Agora conte-me quem é, senhorita. Não está viajando sozinha, espero?

A jovem desviou os olhos, como se estivesse embaraçada.

— Sei que não é correto.. . mas minha ama, que teria me acompanhado, está idosa e adoeceu no último minuto e não havia ninguém mais a quem eu pudesse pedir este favor.

Ela gaguejava, e lorde Braydon estava um tanto surpreso.

— Não quer me dizer seu nome?

— Loelia... Johnson.

A pequena pausa entre os dois nomes foi suficiente para que lorde Braydon percebesse que a moça não dizia a verdade.

— E está indo para Berlim? Ela fez que sim com a cabeça.

Estava a ponto de lhe perguntar se havia alguém para cuidar dela quando chegasse àquela cidade enorme, e um tanto ameaçadora.

Mudou de idéia, porém. Seria um grande erro envolver-se como uma jovem desconhecida naquele momento.

Limitou-se a dizer.

— Compreendo que esteja tendo dificuldades em viajar assim, sem uma acompanhante. Tem idéia de quem seja este homem?

— Ele me disse que seu nome era barão Frederick von Houssen.

Lorde Braydon memorizou o nome e depois voltou-se para a moça.

— A única coisa que posso fazer, srta. Johnson, já que somos conterrâneos, é pedir que meu valete, que está aqui ao lado, troque de cabine com a senhorita.

Os olhos de Loelia se iluminaram.

— Faria mesmo... isto por mim?

— Tenho certeza de que este homem não a importunará mais.

— Muito obrigada... muitíssimo obrigada. Não tenho palavras para expressar o quanto lhe sou grata.

De um fôlego, acrescentou:

— Nunca pensei.. . não imaginava que eu fosse ter dificuldades deste tipo.

— Como já lhe disse — repetiu lorde Braydon —, uma jovem não deve nunca viajar sozinha.

— Agora eu... compreendo isto. Vou tentar não deixar que aconteça outra vez. Lorde Braydon levantou-se.

— Fique aqui enquanto falo com meu valete. Saindo da cabine, fechou a porta atrás de si.

Chamou Watkins, que ainda não tinha começado a se trocar e contou-lhe o que tinha ocorrido.

— Era de se esperar, milorde. Esses estrangeiros são todos a mesma coisa, no mundo todo! Eles acham que só porque uma moça viaja sozinha, ela é presa fácil.

— Bem, Watkins, não há nada que possamos fazer. Mas se você trocar de cabine com a senhorita Johnson, acho que o nosso barão conquistador terá uma bela surpresa, quando voltar ao ataque.

Watkins deu um amplo sorriso.

— Pode deixar por minha conta, milorde.

Assim dizendo, o valete pôs-se imediatamente a arrumar seus pertences.

Lorde Braydon voltou para a cabine, onde Loelia Johnson o esperava.

A moça continuava na mesma posição em que a tinha deixado, sentada na beiradinha da cama.

Ele teve a curiosa sensação de que ela rezava, no momento em que entrou na cabine.

— Já providenciei tudo. Meu valete virá avisar, assim que tiver levado as coisas dele e trazido seus pertences para cá.

— O senhor é tão bom — disse Loelia, agradecida — E também é muito inteligente... exatamente como eu achava que seria.

— Por que diz isto, srta. Johnson? — perguntou lorde Braydon, intrigado.

Ela não respondeu.

Lorde Braydon teve a sensação de que a jovem tinha falado sem pensar, e que agora se arrependia de suas palavras.

— É que ouvi meu pai e... outras pessoas comentando que o senhor é muito inteligente.

— Inteligente! — repetiu lorde Braydon. — Não consigo imaginar por que teriam dito que sou inteligente.

— isto é modéstia de sua parte — retrucou Loelia.

Mas ele sabia que, socialmente, não era pessoa notada pelos dons do intelecto.

Estes, porém, não tinham passado despercebidos a gente como o marquês de Salisbury, o príncipe de Gales e dois ou três ministros, com quem trabalhara algumas vezes.

Socialmente, era conhecido por ser atraente, bonito e um bom anfitrião.

Parecia-lhe estranho que aquela moça tivesse dito aquilo.

— E seu pai lhe disse por que me acha inteligente?

— Não, claro que não! — respondeu Loelia, mais que depressa. — Foi só a impressão que tive e, claro, eu mesma pude notar como sua solução para meu problema foi inteligente.

Havia bem mais por trás do que Loelia tinha dito, pensou lorde Braydon.

De novo repetiu para si mesmo que não deveria se envolver.

A melhor coisa a fazer seria não ir muito a fundo na questão e manter aquele encontro à distância.

A entrada de Watkins para avisar que estava tudo pronto, ajudou seus propósitos.

— Já arrumei tudo, senhorita, e suas coisas já estão na cabine ao lado.

— Obrigada... muito obrigada. — Enquanto agradecia, Loelia levantou-se. — Muito obrigada mais uma vez, meu senhor. Sou-lhe infinitamente grata... mais do que poderia expressar.

Loelia saiu imediatamente.

Lorde Braydon ainda teve tempo de ouvir a voz suave, conversando com Watkins, antes que a porta se fechasse.

Depois, fez-se um silêncio absoluto.

Trancando a porta, ele começou a se despir, enquanto pensava no estranho encontro.

Intrigava-o, sobretudo, o motivo que tinha levado a srta. Johnson, e tinha certeza de que este não era seu verdadeiro nome, a chamá-lo de inteligente.

Não era nem um pouco conveniente para sua missão que os alemães achessem a mesma coisa.

Repassou de novo, mentalmente, a desculpa que tinha preparado para explicar a importância desta visita a Berlim, bem no meio da temporada londrina.

Deitou-se, mas não conseguiu pegar no sono de imediato.

Pensava em Loelia Johnson e achava que tratava-se, sem a menor sombra de dúvida, de uma dama, e parecia-lhe que mesmo os pais mais estúpidos, ou guardião, não iriam permitir que uma jovem saísse sozinha pelo mundo.

Lembrou-se então de como ela tinha sido reticente a respeito do próprio nome.

Talvez estivesse fugindo, mas de quem?

Não, tudo isto era ridículo.

O que a moça fez ou deixou de fazer era assunto dela, e seria um grande erro imiscuir-se no assunto, pensou lorde Braydon.

Acima de tudo, não podia perder tempo pensando nela.

Tinha de se ocupar em planejar, com exatidão, os próximos passos para descobrir aquilo que o príncipe de Gales e o marquês de Salisbury desejavam saber.

O trem corria velozmente pela noite.

Ainda acordado, lorde Braydon começou a achar que estava sendo perseguido

por aqueles dois enormes olhos verde-acinzentados que tanto medo tinham dentro deles.

O trem chegou a Berlim bem cedo na manhã seguinte.

Lorde Braydon não mostrava muita pressa, já que sabia perfeitamente bem que o trem esperaria na estação até que todos os passageiros tivessem desembarcado.

Quando terminou de se vestir e Watkins de desfazer a cama e guardar as roupas, já eram nove horas.

Não se surpreendeu ao ver, na saída, que a porta do compartimento vizinho estava aberta.

Sua ocupante já tinha partido.

Na estação, uma carruagem enviada pela embaixada britânica aguardava os viajantes.

Assim que se pôs em marcha, lorde Braydon perguntou a Watkins:

— O barão que perseguia a srta. Johnson voltou à cabine, ontem à noite?

Watkins deu um familiar sorriso.

— Voltou, milorde, e eu lhe disse poucas e boas. Ele me devolveu na mesma moeda, mas palavras não machucam!

Lorde Braydon achou graça.

No trajeto, surpreendeu-se ao ver que estava curioso em saber se alguém fora esperar Loelia na estação, e se ela havia conseguido escapar sem rever o barão.

Como tinha ficado óbvio pela carruagem, a embaixada britânica fora avisada da chegada de lorde Braydon a Berlim.

Ele, porém, não tinha a menor intenção de ficar hospedado lá.

Além do mais, seria infinitamente mais difícil fazer as necessárias investigações sem despertar a curiosidade do pessoal da embaixada.

Prevendo tudo isso, já tinha pedido ajuda a um amigo que trabalhava na embaixada alemã em Londres.

Por sorte, este amigo tinha um apartamento vago na cidade, e emprestou-o com o maior prazer.

Foi com alívio que lorde Braydon constatou tratar-se de um local extremamente confortável, mobiliado com todo o luxo e, que era melhor, munido de uma ótima adega.

Até o próprio Watkins, sempre muito crítico e zeloso do bem-estar do amo, teve de concordar:

— Isto aqui está bem melhor, milorde, do que alguns dos hotéis mambembes que já tivemos de aturar.

— Concordo, Watkins, a estava aliás bem temeroso de que, se não fosse assim confortável, nós teríamos de recorrer a um destes "hoteizinhos mambembes", como diz você.

Sem perder mais tempo, lorde Braydon pôs-se a endereçar as várias carias que

tinha escrito antes de partir.

Eram dirigidas às pessoas que desejava ver durante a estada em Berlim.

Não cometeu o erro, porém, de enviá-las apenas às pessoas ligadas à marinha alemã.

Mesmo assim, não podia deixar de comunicar sua chegada ao capitão do Weissenburg, a quem tinha conhecido durante um jantar, na regata de Cowes.

Sua segunda manhã em Berlim ainda não tinha terminado e lorde Braydon já estava de posse de dois convites para jantar naquela noite e de vários outros para o dia seguinte.

Optou por jantar com o barão Von Krozingen, que tinha conhecido em Marlborough House.

Na carta que lhe enviara, tinha dito que trazia uma mensagem especial da parte do príncipe de Gales.

Sabia que isto lhe valeria um convite.

O convite tinha sido escrito pela baronesa que, em linguagem efusiva, declarava-se encantada com sua presença.

Enquanto se vestia, lorde Braydon riu pensando em como seria maravilhoso se estivesse em Londres.

A esta altura estaria se dirigindo para Marlborough House, onde sempre se divertia muito.

Ou então estaria jantando com alguma dama cujo marido estivesse ocupado em outras paragens.

No entanto sabia, por experiência própria, que esta noite em Berlim seria extremamente formal.

A comida seria pesada, os vinhos banais e a conversa sem graça.

— Com os diabos! — exclamou ele, impaciente. — Por que fui consentir numa coisa destas, se é quase certo que não descobrirei nada que nossa marinha já não saiba?

A resposta era muito simples. Ele não podia recusar nada ao príncipe de Gales.

Não só por se tratar de um assunto do interesse de todos os súditos, como também porque se compadecia, de fato, da sorte de um homem que tinha sido tão maltratado pela própria mãe, a rainha.

O príncipe nunca tivera nenhuma autoridade nos negócios de Estado.

Tinha sido mantido "ao largo" até a maturidade e ainda agora continuava sendo tratado como um adolescente ignorante.

— Preciso descobrir algo, qualquer coisa, desde que seja ele o primeiro a saber — prometeu lorde Braydon para si mesmo.

Antes de sair, dirigiu-se a Watkins:

— Talvez não seja preciso, mas de qualquer forma gostaria que me apanhasse às vinte e duas horas e trinta minutos na casa do barão Von Krozingen. — Pensou por alguns instantes e acrescentou: — Talvez tenha chance de ir a outra parte, talvez não. De qualquer forma, gostaria que estivesse por perto.

— Foi o que pensei, milorde, e já reservei uma carruagem.

— já? — perguntou lorde Braydon, surpreendido com a eficiência do criado.

— Sei bem que vossa excelência está na trilha de alguma coisa, como sempre. Naturalmente quero estar na linha de frente!

Era uma impertinência que lorde Braydon não teria aceitado de ninguém, exceto de Watkins, que ocupava um lugar todo especial em sua vida.

Antes de fechar a porta, lorde Braydon completou:

— Duvido muito que haja uma "linha de frente", e de qualquer forma seria um erro contar antecipadamente com os louros da vitória.

— Sei disso, milorde, mas sempre é bom estar preparado. O jeito de Watkins fez lorde Braydon rir.

Na porta, uma elegante carruagem, fornecida pelos barões, o aguardava.

CAPITULO II

O jantar foi exatamente o que lorde Braydon previra: entediante.

Os convidados eram todos de meia-idade, empertigados e decididos a lhe provar a superioridade alemã.

De qualquer maneira, a decisão de jantar com o barão Von Krazingen tinha sido deliberada. Justificava essa decisão pelo fato de o barão estar intimamente ligado aos planos de defesa do país.

Lorde Braydon tinha certeza de que, se havia algo de secreto ou excepcional sendo planejado, o barão saberia de tudo.

Durante todo o jantar, falou-se de política européia.

Von Krazingen expunha seus pontos de vista de forma tão agressiva que, em outra situação, lorde Braydon não teria ficado calado.

Seria um grande erro contradizê-lo, e, contendo-se, dedicou seu tempo a agradar a anfitriã e o restante dos convidados.

Acalentava-o o fato de que no dia seguinte encontraria a princesa russa com a qual entrara em contato.

A dama em questão mandara-lhe dizer estar deliciada com sua chegada a Berlim e que contava as horas que faltavam para revê-lo. Acrescentara ainda que, infelizmente, já tinha alguns convidados para o jantar do dia seguinte. Mas como eram idosos e gostavam de se recolher cedo, tinha certeza de que poderiam ter um tête-à-tête depois que tivessem partido.

Durante o interminável e quase intragável jantar, o compromisso com a princesa foi a única coisa capaz de consolá-lo.

A noite se arrastava.

Os outros convidados ingeriam uma quantidade enorme de carne de veado, bolinhos, sauerkraut e apfelstrudel.

Braydon sabia que para se manter atlético e em forma, devia comer com sabedoria, e pouco.

A esta filosofia acrescentava exercícios diários de esgrima e boxe.

Quando estava no campo, cavalgava a maior parte do dia, o que deixava seu corpo sem um grama sequer de gordura supérflua.

Quantas mulheres já não lhe tinham dito que, despido, assemelhava-se a um deus grego?

Lorde Braydon nunca quis discordar do elogio.

Por isto mesmo, serviu-se do mínimo possível e brincou o tempo todo com a comida no prato. Na verdade, ingeriu pouco mais que uma colherada das coisas que lhe foram oferecidas.

O vinho era um pouco melhor do que a comida, mas não se comparava aos de sua adega e àqueles servidos aos convidados em Marlborough House.

Finalmente, quando as damas se retiraram, pensou que teria uma chance de escapar.

Porém, o barão convidou-o a sentar-se a seu lado, e sussurrou-lhe:

– Tenho uma surpresa para depois do jantar, meu caro!

– Uma surpresa? – indagou lorde Braydon, erguendo as sobrancelhas, alarmado.

O barão lançou-lhe um olhar que o deixou apreensivo. Pouco depois, sua apreensão aumentou ainda mais. Tendo praticamente expulsado os demais convidados, o barão enterrou um dedo numa das costelas de lorde Braydon e exclamou:

– Agora vamos nos divertir!

Lorde Braydon estava a ponto de dizer que tinha um outro compromisso, mas conteve-se.

Se tivesse de obter alguma informação do barão, o que era improvável, o melhor seria fazer seu jogo.

Tinha esperança de que, depois de beber tanto durante o jantar, o barão se tornasse indiscreto.

Pouco depois, lorde Braydon e o barão, despediam-se da baronesa, que não parecia nada surpresa em ver o marido saindo sem ela.

A caruagem do barão, grande e luxuosa, já estava à espera dos dois cavalheiros.

Lorde Braydon olhou a rua de relance, na expectativa de que Watkins estivesse a postos, caso precisasse dele.

Sabia que, ao vê-lo entrar na carruagem do barão, Watkins os seguiria.

Aprendera, por experiência própria, que, muitas vezes, ao acompanhar um anfitrião animado a outra festa, tornava-se difícil, .senão impossível, voltar para casa.

Além do que, contava com a eficiência de Watkins, que falava diversas línguas.

Aquele homem era capaz de obter informações dos criados em qualquer casa onde pudesse entrar.

Mais traquiilo, lorde Braydon sentou-se ao lado do barão.

O laçao protegeu-os com uma manta e, assim que fechou a porta, o barão falou com voz gutural:

— E agora, meu caro Braydon, vou poder retribuir a hospitalidade que me dispensou na Inglaterra.

Lorde Braydon lembrava-se de ter convidado o barão e a baronesa para uma grande recepção que dera em sua casa em Park Lane.

Incluía-os na lista de convidados simplesmente porque eram hóspedes da embaixada alemã em Londres. Teria sido um insulto não convidá-los se estavam hospedados na casa do embaixador.

— Apreciei sua gentileza — dizia o barão. — Fiquei encantado com a oportunidade de conhecer o príncipe de Gales.

— Tenho certeza de que Sua Alteza também teve muito prazer em conhecê-lo — murmurou lorde Braydon, diplomaticamente.

— Foi uma pena, uma grande pena; que ele e nosso imperador discordem tanto entre si, e sempre em questões referentes o nossos navios!

Riu como se tivesse feito uma piada e, cutucando lorde Braydon mais uma vez, arrematou:

— Mas agora vou mostrar-lhe umas coisinhas muito lindas sobre as quais não teremos motivo para discórdia. E considere-se meu convidado.

Lorde Braydon não compreendeu inteiramente o que dissera o barão.

Notou, porém, que haviam deixado a majestosa avenida onde jantara. Pouco depois, a carruagem entrava num conhecido bairro de Berlim e só então ele percebeu as intenções de seu anfitrião.

A surpresa consistia em levá-lo ao que era chamado, polidamente, de "Casa de Prazeres".

Extremamente criterioso, lorde Braydon tinha como princípio, nunca possuir uma amante a que tivesse de pagar com dinheiro vivo.

Quase todos os membros de seu clube, em Londres, frequentavam uma das "Casas" mais conhecidas de St. Jame's.

Senão, mantinham casinhas discretas em St. John Wood, com uma bailarina ou uma atriz sob sua proteção.

Os affaires de cocur de lorde Braydon, entretanto, eram sempre com as damas que conhecia em Marlborough House.

Eram conhecidas como as "Beldades Profissionais", unicamente porque seus retratos, em forma de cartões postais, estavam à venda em qualquer papelaria.

Os curiosos subiam em banquetas só para vê-las passar em Hyde Park.

Eram todas casadas, mas os maridos, depois de cinco ou dez anos de "felicidade conjugal" faziam-se de cegos e ignoravam as escapadelas das esposas. Desde que, naturalmente, fosse tudo feito dentro das normas de boas maneiras e não afetasse o orgulho próprio.

Na carta que recebera da princesa russa, ela tinha deixado bem claro que o marido, um diplomata, estava fora de Berlim.

Da mesma forma, em Londres, os maridos das damas que se atiravam nos braços de lorde Braydon estavam sempre ausentes.

Encontravam-se ou nas corridas ou, em certas épocas do ano, caçando e pescando. Tudo transcorria de forma muito civilizada.

Com horror, portanto, lorde Braydon percebeu que, a menos que quisesse ofender mortalmente o barão, em poucos minutos se veria dentro de um bordel.

Pensou em falar que se sentia mal, mas sabia de antemão que seria o tipo de desculpa que seu anfitrião não aceitaria.

O barão ainda estava exaltando o charme das mulheres com quem iriam se encontrar dentro em breve quando a carruagem parou.

O barão apeou e dirigiu-se com passos cambaleantes em direção à escada. Ficara ainda mais bêbado com o ar fresco da noite.

Ao serem recebidos efusivamente pela "Madame", encarregada do estabelecimento, resolveu, ele também, fingir que já tinha bebido além da conta.

O barão se sentia em casa.

Pagou Madame que, bem para lá dos sessenta, trazia o rosto empastelado de ruge e pó e, na cabeça, uma extravagante peruca.

Atravessaram o hall que conduzia a um amplo salão.

Um sofá confortável e várias garrafas de vinho esperavam por eles.

Num só relance, lorde Braydon já sabia que o Reno seria passável, o clarete duvidoso e que o champanhe nunca tinha visto uma vinha francesa.

Aceitou um copo de vinho branco, do Reno, enquanto o barão deglutia dois copos de clarete, em rápida sucessão.

Em seguida, dedicou-se ao champanhe.

Enquanto isso, as moças, a quem Madame tinha convocado batendo palmas; desfilavam diante dos cavalheiros.

A maioria era alemã, moças altas, curvilíneas e de seios grandes.

Havia duas de cabelos escuros, que talvez fossem francesas e uma que era obviamente chinesa.

Enquanto passavam diante do sofá, usando apenas uma coroa de flores ou um leque de penas, o barão aplaudia.

Chamava-as todas pelo nome.

Terminando o desfile, montaram em grandes bolas giratórias, revestidas de espelhos.

— Que foi que lhe disse, Braydon — gritou-lhe o barão. — Isto aqui é único, algo que não verá em lugar algum do mundo. E são todas suas, todas suas, meu caro. Escolha!

Explicou então à Madame, pela centésima vez, que lorde Braydon era seu convidado e que, quando as delícias da noite estivessem terminadas, a conta ficaria a seu cargo.

Houve uma pausa, enquanto o barão aguardava a resposta de lorde Braydon.

Esticando a taça para que lhe dessem roais vinho, embora esta ainda estivesse quase cheia, lorde Braydon disse: — Sois o mestre, mein Herr, e eu vosso discípulo.

O barão tomou o comentário como um elogio e ficou encantado.

Com dificuldade, ergueu-se do sofá e se pôs no meio do salão, entre as bolas giratórias, a gritar cumprimentos a cada uma das moças.

Por fim, num gesto teatral, ergueu os braços e chamou dois nomes.

As moças em questão deram gritinhos ardidos de satisfação.

Saltaram das bolas giratórias, correram para ele e, entre beijos e abraços, envolveram-no com braços gorduchos.

Sem esperar mais nada, as duas arrastaram o barão para fora do salão e desapareceram por detrás de uma porta.

— E agora, mein Herr, é sua vez — disse Madame num inglês sofrível.

Por cortesia, e também, como bem sabia lorde Braydon, para mostrar erudição, o barão lhe falara em inglês a noite toda.

Os demais convidados seguiram o exemplo.

Para lorde Braydon tinha sido excelente, assim ninguém ficaria sabendo o quão fluente era seu alemão.

Foi pensando nisto que, quando Madame lhe falou, lorde Braydon já tinha uma desculpa pronta.

Isto porque não tinha a menor intenção de participar da festa surpresa do barão.

— Quero uma moça inglesa — pediu então, arrastando as palavras, como se estivesse bêbado.

Sabia que tinha se safado.

Estava seguro de que não havia nenhuma inglesa no meio das bolas giratórias. Também achava improvável que houvesse mais mulheres na casa.

— Nossa Greta aqui fala inglês pouco. Muito experiente, faz você feliz.

Enquanto falava, Madame fez sinal para que uma das jovens se aproximasse. Era loira e bem gordinha.

— Não, essa não é inglesa. Se não tem uma, vou procurar noutro lugar —

ameaçou lorde Braydon, anda fingindo-se de bêbado.

Agora Madame estava derrotada.

Seria uma oportunidade de escapar, deixando para Madame a tarefa de explicar ao barão por que tinha partido.

— Para seu desespero, Madame levantou-se dizendo:

— Ora, ora! Mein Herr!

Por essa lorde Braydon não esperava. Propositadamente, levantou-se cambaleante.

Arrastou-se atrás de Madame que saiu por uma porta diferente daquela usada pelo barão.

A mulher seguiu por uma passagem estreita e abriu uma porta que lorde Braydon percebeu que ficava próxima do hall de entrada.

Como esperava, viu um quarto.

Adivinhou que era usado por aqueles que não estavam em condições de ir mais longe e certamente incapazes de subir escadas.

O quarto estava decorado do modo espalhafatoso e habitual de tais lugares.

Havia um leito enorme, fechado por cortinas de cetim rosa e, no teto, um grande espelho.

As cortinas eram o protótipo do mau gosto. Enfeitadas com laços e borlas, eram de fato pavorosas.

Num dos cantos havia um lavatório e, no outro, um pequeno armário.

Lorde Braydon adivinhou que lá estavam guardados apetrechos eróticos e só de imaginá-los sentiu-se nauseado,

No mais, o quarto ostentava toques de luxo que clientes do tipo do barão fariam questão. Havia um sofá grande e confortável para quem não quisesse a cama e um espesso carpete cobrindo o chão.

Vários outros espelhos, além daquele situado no teto, repetiam a imagem de quem frequentasse o recinto.

E como não poderia deixar de ser, lá estava a mesinha com bebidas variadas.

Assim que entrou no quarto, um empregado trouxe uma garrafa de champanhe.

Lorde Braydon sabia que custaria uma soma exorbitante, fosse aberta ou não aberta.

Tentando se certificar de que Madame compreendera sua exigência, repetiu com voz arrastada:

— Quero uma inglesa. ... in-gle-sa, como eu.

— Esperar, Mein Herr — respondeu Madame, prestimosa. E saiu do quarto, fechando a porta atrás de si.

Lorde Braydon sentou-se no sofá.

Decidiu que se lhe trouxessem uma moça inglesa, o que era improvável, diria

que não era de seu gosto.

Daria dinheiro suficiente para aplacar o orgulho ferido da moça.

Nas circunstâncias atuais, sem dúvida alguma seria bem mais fácil lidar com alguém de sua nacionalidade.

Uma alemã, com toda certeza, agiria de modo agressivo e se sentiria ofendida.

Esperou um longo tempo.

Com um sorriso interior, antevia Madame entrando no quarto e pedindo desculpas por não ter encontrado ninguém.

Exatamente quando ele assim pensava, pronto já para sair do aposento, a porta se abriu!

Madame tinha voltado.

Enlaçava uma jovem pelos ombros. A moça, como lorde Braydon podia notar, usava uma camisola.

Sobre ela a jovem vestia um negligê de musselina rosa, debruado com renda barata e vários lacinhos de veludo,

O rosto da moça estava escondido, semi-apoiado no ombro de Madame, mas era possível ver que tinha cabelos loiros.

Ao ver aquela pavorosa mulher conduzindo a jovem até a cama, lorde Braydon percebeu imediatamente que ela havia sido drogada.

Madame colocou-a sentada na cama e sacudindo a jovem com violência murmurou entre dentes:

— Faça o que o cavalheiro desejar, senão., . Largando a jovem, dirigiu-se a lorde Braydon:

— É muito jovem, tímida! Nada melhor, Mein Herr, que uma virgem inocente! Muito raro!

Soltando uma risadinha grosseira, saiu antes que lorde Braydon tivesse tempo de argumentar.

Somente depois que a porta se fechou é que a moça sentada na cama levantou a cabeça e abriu os olhos.

Lorde Braydon mal pôde acreditar em seus próprios olhos ao reconhecer Loelia.

Ela também o reconheceu imediatamente e não conteve o espanto:

— O senhor!

De um salto estava a seu lado.

Lorde Braydon percebeu imediatamente que havia algo muito errado.

Sabia também que Loelia tinha fingido estar drogada.

Quando percebeu que Loelia ia se atirar em seus braços, tapou-lhe a boca mais que depressa, para evitar que falasse. Ao mesmo tempo, enlaçou-a.

Virou-se de maneira a fazer crer, quem quer que estivesse espiando pela fresta da porta, que estava beijando a jovem. Num sussurro, que só Loelia poderia ouvir,

declarou: — Não diga nada, eles devem estar vigiando! Loelia parecia ter compreendido e lorde Braydon sentiu que estava mais calma, mas os olhos continuavam implorando por socorro.

Tirou devagar a mão que tapava a boca e Loelia não disse nada.

— Vá para a cama — murmurou lorde Braydon no ouvido da moça. Em seguida, arrastando as palavras como tinha feito antes, falou:

— Você é bonitinha, sabia? Bem o que estava querendo. Pra mim esses chucrutes são ininteligíveis...

Loelia voltou para a cama bem devagar e, se havia alguém espiando, pensaria que estava drogada.

Lorde Braydon tirou a casaca e pendurou-a na maçaneta da porta, Pelo tamanho do buraco da fechadura, imaginou que aquele seria um ótimo ponto de observação.

Dirigiu-se então para o lavatório de onde pegou uma toalha, pendurando-a num gancho, no centro da porta.

Desconfiava de algum orifício disfarçado, de onde poderiam estar sendo vigiados.

Dirigindo-se para a cama, de onde Loelia o observava com olhos que pareciam tomar-lhe o rosto todo, lorde Braydon levou o indicador aos lábios, pedindo silêncio.

Foi até as cortinas e, como já esperava, descobriu um aparelho de escuta.

Não era muito diferente de uma corneta acústica, embutida na parede.

Com aquilo, qualquer um no quarto contíguo seria capaz de ouvir cada palavra que dissessem.

Tirou um lenço do bolso e enfiou-lhe no bocal.

Tinha certeza de que agora o aparelho não serviria para nada.

Finalmente sentou-se na cama e falou com Loelia, em voz bem baixa:

— O que houve? Como veio parar aqui?

Loelia esticou as mãos para segurá-lo, como se tivesse medo de que ele a deixasse e sussurrou:

— Salve-me, por favor, salve-me!

— Conte-me o que houve. Não acho que possam nos ouvir, mas de qualquer maneira fale bem baixo. E não se esqueça de que deve dar a impressão de estar me entretendo.

O quarto estava sedutoramente iluminado. Lorde Braydon apagou o lampião que estava sobre um dos espelhos e o quarto ficou mais escuro ainda. Deu a volta na cama e deitou-se no outro lado.

— Pode haver um ponto de observação no teto — avisou lorde Braydon, sempre em voz muito baixa. — Deite-se e vire-se para mim.

Ela o obedeceu como uma criança.

Quando estavam suficientemente próximos para que qualquer um que os

estivesse observando pensasse que estavam fazendo o que se esperava, ele disse:

— Agora me conte o que aconteceu depois que saiu do trem.

— Peguei minha bagagem — começou Loelia, numa vozinha assustada — e saí da estação. Meu carregador perguntou se eu estava sozinha, respondi que sim e que queria uma carruagem para me levar a um hotel sossegado.

Loelia parou uns instantes, como se estivesse tentando se lembrar exatamente de tudo.

— Ele não parava de me olhar e tive a impressão de que era pelo fato de eu ser inglesa... embora estivesse falando com ele em alemão.

— Continue — encorajou-a lorde Braydon.

— Ele passou por várias carruagens que esperavam fregueses e, dirigindo-se para uma que estava um pouco mais afastada, falou: "Esta jovem está indo na mesma direção que a senhora, madame, quem sabe queira lhe dar uma carona"!

Loelia tomou fôlego antes de prosseguir.

— Eu não via direito quem estava dentro da carruagem, mas uma senhora me disse em alemão: "É claro! Será um prazer! Entre, minha cara, e diga-me onde quer ir".

— E você fez exatamente o que ela sugeriu — comentou lorde Braydon.

— Estive me perguntando desde então... como pude ser tão tola — respondeu Loelia, ainda mais baixo. — Mas nunca pude imaginar que estas coisas pudessem acontecer!

— Eu a preveni de que não deveria viajar desacompanhada.

— Eu sei, e... é claro que estava certo.

— E depois, o que foi que houve?

— A dama, pelo menos foi a impressão que me deu, perguntou onde eu queria ir e pedi-lhe que me recomendasse um hotel. Ela então disse que tinha uma idéia melhor. Contou-me que tinha ido à estação para buscar a filha. "Mas, descuidada como ela é, deve ter perdido o trem outra vez". Ela sorriu para mim e continuou falando.

Lorde Braydon ouvia em absoluto silêncio.

— Ela explicou que sua filha só chegaria no dia seguinte, mas que o quarto já estava arrumado e que eu poderia ficar com ela, e que adoraria me ter como hóspede.

Loelia falava num fiozinho de voz tristonha:

— Ela parecia tão boa, e eu estava com tanto medo de estar sozinha em Berlin... sem saber para onde ir. Foi por isso que concordei e agradeci.

— Você não notou que ela parecia meio estranha?

— Não, ela estava completamente diferente. Usava um vestido discreto, o rosto lavado. Nunca pensei que aquela senhora pudesse... se transformar deste jeito.

A voz de Loelia sumiu e lorde Braydon percebeu que tremia. Mas, como se tivesse necessidade de desabafar, ela continuou:

— Quando cheguei a esta casa, achei um pouco estranho, mas me levaram depressa para cima... para um quarto que me pareceu agradável, embora tivesse uma decoração meio exagerada. A alemã me disse então para tirar o casaco enquanto ia buscar uma xícara de chocolate quente para mim. Ela nem esperou pela resposta. Mal tinha acabado de tirar o chapéu e arrumar o cabelo, ela voltou trazendo a bebida e dizendo: "Agora beba tudo, vai gostar. Encomendei um almoço especial para você".

— E você bebeu — completou lorde Braydon, sabendo já o que a beberagem continha.

— Bebi, porque estava com fome, e não vi mais nada. Loelia estava obviamente apavorada,

— Quando acordei, bem tarde, na manhã seguinte, vi que alguém tinha me despido e me posto na cama. Pela primeira vez, senti medo, muito medo.

— Sabia para onde tinha sido trazida? — indagou lorde Braydon.

— Não, claro que não... mas já tinha ouvido falar de tráfico de escravas brancas e de como as jovens eram raptadas e levadas para o estrangeiro e o fato de ter sido drogada me pareceu tão estranho. .. estava aterrorizada.

Depois de um breve silêncio, Loelia criou coragem para continuar.

— Ela então foi até o quarto, com o rosto todo maquilado. Foi aí que eu percebi que estava em algum lugar mau,.. horrível. .. diabólico.

— Que fez? — perguntou lorde Braydon, curioso.

— Disse-lhe que queria partir imediatamente, mas ela riu. Falou-me que eu era sua prisioneira e que teria de fazer o que ela mandasse... senão. .. eles me dopariam e me espancariam.

Ao dizer isto, Loelia estendeu a mão, para segurar lorde Braydon.

— Vai me tirar daqui, não vai? Prometa-me que... vai me tirar daqui.

— Não será fácil.

Sabia que se criasse um caso Madame protestaria veemente. Era o tipo de história que iria facilmente parar nos jornais. Além do que, o escândalo não lhe faria bem algum, socialmente.

Todos os alemães a quem tinha escrito logo que chegara a Berlim sabiam que ele era amigo íntimo do príncipe de Gales.

A muitos havia dito que trazia uma mensagem do príncipe e que desejava transmiti-la pessoalmente.

Tudo isso passava-lhe pela cabeça naquele momento e Loelia, como se adivinhasse, suplicou-lhe:

— Por piedade.. . não pode me deixar aqui. Fingi o dia todo que estava drogada. . . não comi nem bebi nada. . . caso tornassem a fazer o que fizeram ontem.

— Foi muito esperta, mas precisa compreender que eles tentarão impedir que você parta.

— Como quer que eu fique aqui — perguntou, como uma criança

desamparada — a menos que me mate?

Instintivamente, lorde Braydon apertou a mão de Loelia.

— Vou salvá-la, de alguma maneira. Mas Deus é testemunha de que não vai ser fácil.

— Mas vai.. . salvar-me? Sei que é pedir demais, mas eu não poderia ficar neste. . . lugar horrendo. — Soluçando baixinho, Loelia continuou: — Não tinha idéia de que existissem lugares como este e nunca imaginei que cavalheiros... como o senhor viessem aqui.

— Vim aqui esta noite porque seria impossível ofender meu anfitrião. E exigi uma jovem inglesa porque tinha certeza de que não haveria nenhuma. Isto me daria uma boa desculpa para partir sem participar das "diversões" oferecidas.

— Mas não pode partir sem me levar. . , por favor,. . por favor.

— Não vou deixá-la aqui, Mas antes de mais nada precisa me dizer por que está em Berlim, e qual é seu verdadeiro nome.

— Então percebeu que eu menti quando disse que era Johnson?

— Sua expressão denunciou-a. O que não compreendo é por que está viajando sozinha. Uma jovem tão inexperiente e bonita não poderia nunca viajar desacompanhada.

Loelia olhou-o nos olhos.

— Vim a Berlim para procurar meu pai.

— Mas não sabe- onde ele está?

— Não tenho idéia, mas acho que os alemães o estão mantendo prisioneiro.

Os músculos de lorde Braydon se retesaram.

— E por que fariam isto? — Loelia manteve-se calada por alguns momentos.

— Loelia, você não pode esperar que eu a ajude se não for sincera comigo. Diga-me a verdade, toda a verdade, senão serei obrigado a deixá-la aqui.

— Oh, não!

— Confie em mim — pediu lorde Braydon, com suavidade.

— Eu não deveria contar coisas que só dizem respeito a papai. .. mas se lhe disser a verdade, promete tomar todo o cuidado para não prejudicá-lo?

Falava com uma tal veemência que lorde Braydon compreendeu imediatamente o quanto o pai de Loelia significava para ela. — No momento minha preocupação maior é tirá-la deste antro horrível em que você inadvertidamente se meteu. Ainda assim preciso ter certeza de que não está tentando me enganar. Lorde Braydon falava com toda a severidade. E percebia no olhar da jovem o quanto ela estava chocada por vê-lo imaginar uma coisa destas.

— Dou-lhe minha palavra, diante de Deus, e por tudo que me é mais sagrado, que não estou envolvida em nada que lhe diga respeito... estou só tentando ajudar meu pai... que está em perigo, eu sei.

— Ele lhe disse isso? — insistiu lorde Braydon.

- Não. . . não, mas eu sei que está.
- Como?
- Se eu lhe contasse... não me acreditaria.
- Farei o possível, Loelia.

– Pois bem. Estou tão próxima de papai, e tenho estado desde que mamãe morreu, que sinto coisas sobre ele quando está longe... Coisas que outras pessoas não são capazes de sentir.

Ela falava com hesitação, como se soubesse que lorde Braydon não acreditaria. Era difícil pôr em palavras o que queria dizer. Lorde Braydon tentou ajudá-la.

– Está querendo dizer que tem percepções psíquicas ou sobrenaturais sobre seu pai?

– Papai acha que se trata simplesmente de força do pensamento.

– Já ouvi falar disso, é claro, mas sempre em relação aos povos da Índia e de outras partes do Oriente. Não sabia que era praticado na Inglaterra.

– Papai disse a mesma coisa, mas assim como consigo ler os pensamentos dele, ele lê os meus. Sei o que está acontecendo com papai, quando não está por perto. E sei que está sendo mantido prisioneiro.

– Como pode saber uma coisa destas? Loelia fez com a mão um sinal de desalento.

- Sabia que não iria... acreditar em mim.
- Estou tentando, Loelia, mas você ainda não me disse o nome de seu pai.
- É Standish.

Lorde Braydon foi pego de surpresa.

- Está me dizendo que é filha de Thurston Standish?
- Conhece-o? Conhece papai? Não é possível!

O nome de Thurston Standish significava muitíssimo para homens como lorde Braydon que, às vezes, eram encarregados pelo Ministério do Exterior de missões especiais em outros países.

Thurston Standish era um desses prodígios que pareciam estar em vários lugares ao mesmo tempo.

Um homem para quem línguas estrangeiras, por mais difíceis, não eram segredo algum.

Era um especialista em tudo que se referia ao Oriente. Também era uma das maiores autoridades em armas de guerra.

Uma combinação sem dúvida estranha, mas lorde Braydon já tinha ouvido menção de seu nome em vários círculos, sempre cercado de respeito e admiração.

Constava que Thurston Standish sabia mais que qualquer outro homem sobre as experiências científicas que ocorriam na Rússia e outras partes do globo. Lorde Braydon sempre tivera vontade de conhecê-lo. Por isto mesmo parecia-lhe extraordinário, tão extraordinário que tinha a impressão de estar sonhando, que

estivesse diante da filha de Thurston Standish.

E também que ela estivesse em Berlim procurando pelo pai. Por algum motivo inexplicável, lorde Braydon teve o pressentimento de que Thurston Standish talvez fosse o homem de quem lhe falara o marquês de Salisbury.

O homem que tinha sido enviado a Berlim para tentar descobrir mais sobre o novo canhão, mas de quem, há mais de um mês, não se tinha nenhuma notícia.

Como bem sabia lorde Braydon, seria o tipo de missão que Thurston Standish acharia fascinante.

Uma coisa era certa, porém: precisava fazer todo o possível para salvá-lo, caso estivesse realmente em perigo, como dizia a filha.

— Conheço seu pai apenas de nome, mas nunca o vi pessoalmente. Sei que é um homem brilhante, admirado e tido em alta confiança por pessoas cujos nomes não devemos mencionar aqui.

Loelía estremeceu.

Percorreu o quarto com os olhos, como se desconfiasse de que houvesse alguém espreitando na penumbra.

— Foi tolice minha ter vindo, mas sabia que papai estava em perigo e achei que talvez, se chegasse mais perto dele... papai poderia me dizer o que fazer para ajudá-lo.

— Sabia que estava em Berlim?

— Sim, ele me contou antes de partir... e costumava escrever de onde estava toda semana até que um dia... as cartas pararam de chegar.

— Foi então que pensou que tivesse sido feito prisioneiro? Loelia lançou-lhe um estranho olhar antes de responder.

— O que eu acho é que papai está tentando me dizer que os alemães querem obter alguma informação dele, e é por isto que o mantêm preso.

Lorde Braydon sabia que isto era bem provável.

Se os alemães pudessem pôr as mãos num homem como Standish, fariam todo o possível para persuadi-lo a falar.

Caso conseguissem seu intento, ficariam de posse de todos os possíveis segredos do almirantado britânico.

Além do mais, poderiam verificar se sua nova arma era de fato tão superior quanto pensavam ser.

Mais do que nunca, lorde Braydon teria de fazer o impossível para salvar Loelia.

Por instantes, porém, sentiu-se incapaz.

Mas logo em seguida, como acontecia sempre que se achava em dificuldades ou em perigo, lembrou-se de que havia um outro poder a quem recorrer.

Loelia parecia ler seus pensamentos.

— Se puder me ajudar — disse ela —, nós poderemos salvar papai, e tenho

certeza de que Deus o enviou... no momento exato.

Sua maneira de falar comoveu lorde Braydon.

— Preste atenção, Loelia. Precisaremos ser muito espertos, muito mesmo, para sair deste lugar infecto sem que haja um grande escândalo.

Seu cérebro funcionava como uma máquina bem engraxada, que começa vagarosa e vai se acelerando mais e mais.

Ele e Loelia deviam estar juntos há pelo menos uma hora. E não tinha a menor intenção de reencontrar o barão antes de tirar Loelia dali.

Instintivamente, quase como se as palavras lhe estivessem sendo ditadas, disse a jovem o que deveria fazer.

Como o pai, Loelia parecia acostumada a obedecer instruções à risca.

Ela não argumentou, simplesmente assentiu com a cabeça.

Lorde Braydon levantou-se da cama.

Tomando da garrafa de champanhe, despejou quase todo o conteúdo num canto.

Foi para trás da cama e retirou o lenço que havia colocado no aparelho de escuta e colocou-o de volta no bolso.

Na mesma voz embriagada que tinha usado antes, falou em voz bem alta.

— Você é urna mocinha muito boazinha, muito boazinha mesmo! Vou voltar amanhã!

Enquanto falava foi até a porta, tirou a casaca da maçaneta e vestiu-a.

Ao mesmo tempo desfez a gravata, desabotoou o colete para dar um ar de desarrumação.

Despenteou os cabelos e fez um sinal a Loelia.

Assim que ela saiu da cama, ele colocou um braço em volta dos ombros da jovem e abriu a porta.

Como já esparava, assim que saíram do quarto para o hall, Madame estava ao lado deles,

— Divertiu-se? — perguntou ela, cora o sotaque carregado de "erres". — Loelia boazinha, fazer díreitinho tudo?

— Muito boa moça — respondeu lorde Braydon com um soluço.

— Muito boazinha mesmo! Voltarei amanhã à noite, guarde-a para mim.

— Ja, fa, Mein Herr, Loelía toda seu,

Andando com dificuldade, como se estivesse prestes a cair a qualauer momento, lorde Braydon inclinava-se por completo sobre Loelia.

Andou com o braço sobre os ombros da moça até a porta da frente.

Um dos criados abriu-a e correu escada abaixo, na direção de uma carruagem que aguardava.

Com enorme alívio, lorde Braydon viu que era Watkins quem estava na boleia.

— Sua carruagem está aqui, Mein Herr? — inquiriu Madame. — Diga boa-

noite a Loelia. Estou contente que tenha gostado dela.

— Achei-a esplêndida! Lugar esplêndido, boas moças, boa Madame! Sou-lhe muito grato! Enquanto falava levou a mão ao bolso.

Tirando um punhado de moedas e notas, jogou tudo em direção ao hall.

Cora gritinhos excitados, as moças se jogaram em cima do dinheiro.

Com avidez, Madame curvou-se para apanhar uma moeda de ouro que lhe caíra bem próximo aos pés.

Lorde Braydon jogou mais um punhado de moedas em direção ao porteiro, que se apressou em apanhá-las.

Ao mesmo tempo, soltou Loelia e deu-lhe um empurrão.

Rápida como um relâmpago, ela desceu voando as escadas, cruzou a calçada e jogou-se para dentro da carruagem.

Com a velocidade de um atleta, longe de qualquer embriaguez, lorde Braydon seguiu-a.

Os cavalos partiram imediatamente e Watkins, que tinha apeado, mal teve tempo de saltar para dentro e fechar a portinhola.

Em segundos os cavalos iam a pleno galope e Loelia, soltando uma exclamação de pura felicidade, jogou-se nos braços de lorde Braydon.

— Conseguimos! Conseguimos! Nunca pensei que fosse possível, mas nós conseguimos! — gritou ela, emocionada.

Loelia escondeu então a cabecinha no ombro de lorde Braydon, que não precisou olhá-la para saber que a jovem chorava.

— Está tudo bem agora — disse ele, suavemente. — Você foi muito corajosa, Watkins estava sentado na banquetta em frente, de costas para os cavalos.

A pouca luz vinda de uma lanterna no interior da carruagem era suficiente para iluminar o amplo sorriso no rosto do fiel valete.

— Agora, Watkins — explicou-lhe lorde Braydon —, temos de colocá-la para dentro do apartamento sem que ninguém a veja nestes trajes.

— Sua capa, milorde, ficou para trás.

— Sei disso, Watkins. E também minha cartola, que não estava muito firme em minha cabeça, caiu quando desci correndo as escadas.

Quando lorde Braydon atravessava o corredor, fingindo-se de bêbado, Madame tinha-lhe colocado a cartola na cabeça, precariamente.

Quanto à capa, Madame segurava-a na mão, com a intenção de entregá-la quando lorde Braydon largasse Loelia.

— Posso sugerir-lhe algo, milorde? — perguntou Watkins.

— Mas é claro.

— Acho que seria melhor se eu fosse na boleia, junto com o cocheiro. É improvável que Vossa Excelência esteja sendo seguido, mas nunca se sabe.

Lorde Braydon aquiesceu.

Watkins fez sinal através do vidro para que a carruagem parasse.

Assim que os cavalos responderam ao comando do cocheiro, Watkins apeou e, de um salto, estava já na boleia.

Loelia continuava cora o rosto escondido no ombro de lorde Braydon. Sabia que ela estava lutando para conter as lágrimas.

— Tomarei conta de você, Loelia.

A jovem ergueu o rosto.

Lorde Braydon viu as lágrimas que lhe escorriam pela face, silenciosamente.

— Como poderei agradecer-lhe? — perguntou ela em tom muito suave, com uma sinceridade que vinha do fundo da alma. — Como posso dizer-lhe o quão maravilhoso foi ter-me tirado de lá?

— Terá muito tempo para me agradecer quando você e seu pai estiverem fora de perigo. Mas lembre-se, Loelia, de não falar no nome dele até que esteja tudo resolvido. Provavelmente haverá uma busca, eles vão tentar encontrá-ia.

— Não posso deixar de imaginar o que teria sido de mim se em vez do senhor uma outra pessoa tivesse aparecido... Eu não poderia continuar sendo drogada... sem comer.

— Não, é claro. Mas tente não pensar mais nisso. Vencemos a primeira batalha, por enquanto. Na certa haverá outras, e temos de nos sair bem de todas.

— Estou rezando, rezando muito... para que tenhamos sorte.

— E agora, como Watkins sugeriu, acho melhor cobri-la. Sugiro que ponha esta manta sobre a cabeça. — Desdobrando-a, lorde Braydon acrescentou:

— É grande o suficiente para cobri-la e, se esconder os pés, ninguém verá como está vestida.

Loelia lançou-lhe um olhar de admiração,

A manta era de cashmere e, com a ajuda de lorde Braydon, Loelia cobriu-se inteira.

Àquela hora, não haveria muitos criados acordados. Ainda assim, seria melhor não dar margem a comentários.

Lorde Braydon precisava de tempo para pensar.

Teria de descobrir uma história para convencer o barão, que certamente se veria envolvido em tudo isto. Precisava provar que fizera a coisa certa.

A carruagem estancou e Watkins abriu a porta.

Lorde Braydon desceu e, tomando Loelia nos braços, dirigiu-se para a entrada do prédio.

Havia dois porteiros de serviço.

Embora olhassem com uma certa curiosidade para o que lorde Braydon carregava, não fizeram perguntas.

Seguido por Watkins, lorde Braydon tomou o elevador até o terceiro andar.

Só colocou Loelia no chão depois que a porta do apartamento estava

devidamente fechada.

Loelia limitou-se a descobrir a cabeça, num gesto de timidez.

— O quarto fica nesta direção, senhorita — informou Watkins, prestativo, assumindo o controle da situação. — Sei que a cama está feita porque vistoriei todos os quartos antes de sairmos.

Watkins foi na frente, seguido por Loelia e lorde Braydon. O aposento era bastante agradável, situado do lado oposto à saleta de estar.

O dono do apartamento obviamente usava-o como quarto de hóspedes.

— Muito obrigada — disse Loelia, dirigindo-se a Watkins.

— E agora, Watkins, já que a senhorita Loelia não comeu nada o dia todo, sugiro que providencie algo substancial para que ela se alimente antes de ir dormir.

— Deixe tudo por minha conta, milorde.

— Estou bem — agradeceu Loelia. — Não quero criar problemas.

Lorde Braydon não pôde deixar de achar graça.

— Você já causou um bocado de problemas, e desconfio que vai criar muitos mais ainda. De maneira que o problema que está dando a Watkins agora é de menor importância.

Loelia sentou-se na beira da cama.

— Agora que estou bem, só consigo pensar em papai e no que podemos fazer para... salvá-lo.

— Está mesmo convencida de que ele está sendo mantido prisioneiro? — perguntou lorde Braydon, ainda incerto. — Você compreende, não é, Loelia, que este não é o tipo de afirmação que eu possa sair fazendo por aí, sem provas.

— Sei que está preso! — afirmou ela, com convicção. — Consigo até ver o lugar em que meu pai está. Vejo porque ele está me enviando seus pensamentos...

Lorde Braydon não acreditava numa palavra sequer daquilo, mas estava disposto a ouvi-la.

— Continue, por favor.

— Ele está no porão de uma grande casa, e há uma mesa e uma pilha de papel onde os alemães querem que papai escreva ou desenhe aquilo que querem saber.

— E como pode saber tudo isto?

Loelia fez um gesto de quem não seria capaz de explicar-lhe.

— Se não me acredita, temo que não haja nada mais tangível... com que eu possa convencê-lo.

— Quero acreditar, Loelia. Quero mesmo. Mas você torna as coisas muito difíceis para mim.

Loelia riu, e o quarto se encheu de sons agradáveis.

— É o que mamãe costumava dizer, quando lhe transmitia as mensagens de papai. Nunca entendi por que ela mesma não podia recebê-las.

— Esta é uma história absolutamente extraordinária! Preciso pensar no

assunto mais calmamente e ver se somos capazes de usar estes poderes mentais para ajudar seu pai.

— Se estiver falando sério, tenho certeza de que poderemos encontrá-lo. Vou rezar, rezar muito. . . para sermos bem-sucedidos.

— Nisto eu acredito — falou lorde Braydon, baixinho.

CAPITULO III

Loelia acordou com um ligeiro sobressalto, sem saber direito onde estava.

Lembrou-se dos acontecimentos pavorosos da noite anterior e, de um salto, pôs-se de pé.

Abriu as cortinas. Apesar do sol, as casas acinzentadas tinham um aspecto sinistro. Sentiu um leve tremor percorrer-lhe o corpo ao lembrar-se do pai.

Só então deu-se conta da situação em que se achava.

É verdade que estava salva, pelo menos por enquanto, mas não tinha uma peça de roupa, exceto a camisola que usava.

Ouvindo que batiam à porta, correu de volta para a cama.

Deitando-se novamente, puxou as cobertas quase até o queixo.

Em seguida, com voz nervosa, respondeu:

— Entre!

A porta se abriu ligeiramente e Watkins, pondo só a cabeça para dentro, explicou:

— Bom-dia, senhorita! Ouvi quando abriu as cortinas, por isso sei que já está acordada. Gostaria do desjejum agora?

Loelia sorriu para ele.

— E como! Estou com muita fome.

Em poucos minutos Watkins voltava trazendo uma bandeja com ovos, bacon, torradas e um bule de café.

Depois de servir Loelia, Watkins transmitiu o recado que lorde Braydon lhe passara.

— Sua Excelência, meu amo, gostaria que se vestisse assim que achar conveniente.

— Vestir-me? — exclamou a jovem, entre surpresa e constrangida. — Com o quê?

— Andei fazendo algumas compras... Só espero que seja de seu agrado, senhorita.

— Watkins! Não me diga que esteve comprando roupas para mim!? Loelia estava encantada e aliviada.

— Tive de adivinhar o tamanho — respondeu o valete, modestamente. — Fiz o possível!

E, sem dizer mais nada, Watkins saiu do quarto.

Enquanto comia com apetite, Loelia ia pensando em como tudo aquilo que

estava acontecendo com ela era quase inacreditável.

Sentia por lorde Braydon uma imensa gratidão,

Era melhor não pensar no que teria sido dela se ele não tivesse aparecido naquele terrível lugar, na véspera. A jovem tinha apenas uma idéia muito vaga do que se passava ali, mas era o suficiente para saber o quão degradante e pavoroso teria sido seu destino.

Estava na segunda xícara de café quando Watkins voltou ao quarto.

Trazia as roupas que tinha comprado para ela, Loelia se surpreendeu ao ver que eram simples, mas de muito bom gosto.

Os vestidos eram próprios para uma moça bem jovem.

— Meu amo diz, senhorita, que assim que puder, a senhorita irá escolher coisa melhor. Mas que por enquanto terá de se contentar com estes.

— São muito elegantes! — apressou-se ela em dizer. — É muita bondade de Sua Excelência mostrar tamanha consideração. E muito inteligente de sua parte, Watkins, comprar roupas para alguém que você mal viu.

— Só espero que sirvam, senhorita. E agora, se me permite, vou preparar seu banho.

Loelia sabia que não era comum que houvesse uma banheira em apartamentos como aquele.

Embora algumas casas tivessem sala de banho, não eram habitualmente usadas pelas senhoras.

As damas banhavam-se sempre no próprio quarto.

Loelia, porém, não disse nada quando Watkins lhe trouxe uma enorme toalha turca para que pusesse sobre a camisola.

Em seguida, o criado a conduziu até uma sala de banhos muito moderna, com água corrente quente e fria.

Este era um luxo que Loelia nunca imaginou poder desfrutar.

Mergulhada até o pescoço na água tépida, sentia como se alguns dos horrores da noite anterior estivessem se dissipando. E com eles algumas das coisas degradantes que Madame lhe dissera.

Muito sensata, Loelia sabia que no momento tinha de pensar apenas no pai.

Ainda pensava nele quando, depois de banhada e vestida, Watkins veio lhe avisar que lorde Braydon a aguardava na saleta de estar.

O aposento ficava ao lado do quarto. Quando entrou, lorde Braydon levantou-se da escrivaninha, que ficava diante da janela.

Loelia notou então como ele era forte. Sentiu-se a salvo, segura.

E pensou que, enquanto pudesse estar com ele, nada de mal lhe aconteceria.

Impulsivamente, correu até onde estava lorde Braydon dizendo:

— Obrigada... muito obrigada! Não sei como expressar a gratidão que sinto.

— Temos outras coisas sobre o que falar, Loelia — respondeu ele, com toda

firmeza. — Acho que é inteligente o bastante para perceber que talvez haja sérias repercussões sobre ontem à noite. Existe a possibilidade de que os alemães me acusem de tê-la sequestrado. E isto é crime.

Loelia abafou um grito de horror.

— Está querendo dizer que eu... terei de voltar para lá?

— Não, claro que não — sossegou-a lorde Braydon. — Mas esteja preparada para uma visita do barão Von Krozingen, meu anfitrião de ontem. Temos de ter uma boa desculpa.

Loelia juntou as mãos em atitude de súplica.

— Não vai mencionar o nome de papai, vai. Ou contar-lhe quem sou eu?

— Não faria uma loucura destas, Loelia. Quando estávamos no trem, disse-me que seu nome era Johnson. Imagino que tenha um passaporte com este nome. Loelia fez que sim com a cabeça.

— Pertence à secretária de papai. Tirei da mesa dela, sem lhe dizer nada,

— Agiu muito bem. Não queremos que os alemães saibam que a filha de Thurston Standish está em Berlim.

Lorde Braydon parou de falar por uns instantes e depois completou, como se estivesse medindo cada palavra:

— Estive pensando no que vou dizer ao barão, que aliás pode chegar a qualquer momento. Para poupar tempo, sugiro que você e Watkins fiquem ouvindo nossa conversa.

— Mas como? — indagou Loelia.

— A porta de meu quarto dá para esta sala, e Watkins já pôs óleo nas dobradiças.

Enquanto falava, a porta principal se abriu e Watkins anunciou, num tom de advertência:

— Alguém está chegando, milorde.

Sem responder nada, lorde Braydon atravessou depressa o aposento e abriu a porta do quarto que se comunicava com a saleta.

Loelia, que já tinha entendido o que deveria fazer, entrou depressa e fechou a porta. Ficou à escuta.

Preocupada em não fazer barulho algum, Loelia tirou os sapatos que Watkins tinha comprado.

Neste momento ouviu que Watkins anunciava, em voz bem alta:

— O barão Von Krozingen deseja vê-lo, milorde. Lorde Braydon ergueu-se da escrivaninha, como se até então tivesse estado a escrever.

Estendendo a mão ao barão, disse em tom de surpresa:

— Meu caro barão, que gentileza a sua vir me visitar tão cedo!

O barão apertou-lhe a mão.

— Bom-dia. — Qualquer coisa no olhar do alemão sugeria problemas pela

frente,

— Pode ser cedo — continuou lorde Braydon, afetando despreocupação — mas suponho que temos direito a uma taça do ótimo champanhe francês que meu anfitrião deixou à disposição.

O barão respondeu com uma voz um tanto altiva:

— Parece-me uma boa idéia. Watkins já vinha entrando na sala.

Trazia uma bandeja com uma garrafa de Pol Roger e duas taças.

Lorde Braydon serviu primeiro o barão.

Sentaram-se em duas poltronas confortáveis e, depois de ingerir metade de sua taça, o barão falou finalmente:

— Receio ter de repreendê-lo, meu senhor, pelo comportamento de ontem!

— É realmente algo que preciso explicar-lhe — respondeu lorde Braydon, sem se perturbar.

Sutilmente abandonou a taça na mesinha, ao lado. Agia como se estivesse procurando a melhor maneira de dizer o que tinha para dizer,

— Deve saber — interpôs o barão —, que é um ato imperdoável tirar uma ocupante de uma "Casa de Prazeres". Depois que o senhor partiu Madame fez um estardalhaço e ameaçou até chamar a polícia.

— Tinha receio de que isto acontecesse — falou lorde Braydon, imperturbável.

— E é por isto que, além de lhe dever um pedido de desculpas e, é claro, uma explicação, pretendo confiar-lhe informações que são absolutamente confidenciais.

— Duvido que isto seja possível — retrucou o barão, com agressividade.

— Acredito que depois de ouvir o que tenho a dizer, o senhor, como homem do mundo e eminente estadista, compreenderá que minha confiança deve permanecer em segredo.

A curiosidade do barão estava agora bastante aguçada. Lorde Braydon se levantou para encher de novo a taça do barão.

— Antes de deixar a Inglaterra, fui informado que Sua Majestade, a Rainha, e minha avó, a duquesa de Exmouth, tinham aprovado o casamento entre minha pupila, que mora com minha avó, e um distinto cavalheiro da corte.

O barão olhava-o sem a menor preocupação em disfarçar o espanto.

Lorde Braydon sabia perfeitamente que o alemão não via nexos algum entre o episódio que estava contando e o incidente da noite anterior.

— Infelizmente — continuou lorde Braydon —, o cavalheiro em questão, cujo nome prefiro não mencionar, é muito mais velho que minha pupila.

O barão continuava atônito.

— Embora seja um homem proeminente, com muitos anos a serviço da Coroa, não é exatamente o tipo de herói romântico que corresponde às fantasias de uma jovem donzela.

Antes de prosseguir, lorde Braydon tomou um pequeno gole de champanhe.

— Como tantos outros jovens de hoje, minha pupila tem o que os mais velhos chamariam de "idéias revolucionárias", independentes. Ela se recusa a casar com ele porque, segundo diz, quer amar o homem a quem desposar.

O barão sacudiu a cabeça, como se estivesse começando a entender, e lorde Braydon continuou:

— Sendo assim, opôs-se veemente à idéia do casamento. Quando minha avó lhe disse que desrespeitar a decisão de Sua Majestade estava fora de cogitação, a jovem decidiu me procurar, para me ter como aliado.

Pelos olhos do barão passou um lampejo de compreensão.'

— Quando soube que eu já havia partido para Berlim — continuou lorde Braydon, mais animado —, a jovem, em desespero, tomou, sozinha, o vapor até a costa belga. Acontece que eu atravessei o Canal da Mancha em meu próprio barco.

Lorde Braydon parou uns instantes, para que o barão fosse digerindo aos poucos toda a história.

— Por pura coincidência, ela e eu tomamos o mesmo trem para Berlim, mas como já estivesse escuro, a jovem não me viu.

Antes de prosseguir, lorde Braydon encheu uma vez mais a taça do barão.

— Quando chegou a Berlim, não tendo a menor idéia de que eu estava naquele mesmo trem, recolheu a bagagem e pediu ao carregador que lhe recomendasse um hotel tranquilo. Sua intenção era esperar por mim diante da embaixada britânica e tentar me convencer a ajudá-la. Na verdade, queria que eu convencesse Sua Majestade a mudar de idéia.

— Uma tarefa bastante difícil!

— Impossível — concordou lorde Braydon. — Mas ainda não terminei minha história.

— Acho que posso adivinhar o que aconteceu — grunhiu o barão.

— Exato! Madame ofereceu-se para ajudá-la e nós dois, homens do mundo que somos, sabemos bem o que houve depois. — Lorde Braydon levantou-se e indo postar-se diante da lareira apagada, falou, enfático: — Não quero nem pensar no que poderia ter acontecido a esta pobre e confusa criança, por obra e graça do destino, tivesse se deparado com um outro que não eu, ontem à noite.

— Tem toda razão!

Mudando totalmente de voz, lorde Braydon acrescentou:

— Imagine, meu caro barão, o que não aconteceria se esta história fosse parar nas mãos da imprensa. Eles teriam arruinado não só a reputação de minha pupila como a nossa também. Pense no escândalo: dois homens, importantes em seus respectivos países, entregues aos prazeres da carne! Nós sabemos muito bem que certos jornais, em meu país e aqui, fariam qualquer coisa para desacreditar a monarquia. Uma história destas seria ideal para eles.

— Ja, ja, compreendo — apressou-se em dizer o barão, assim que teve

chance. — Como diz, seria desastroso se o público ficasse, sabendo.

— Estou pensando mais em sua situação — declarou lorde Braydon, fingindo-se solícito. — Afinal, tenho minha posição na corte e a sorte de gozar da estima do príncipe de Gales. — Olhou fixamente o barão, antes de completar: — Sua posição é especialmente vulnerável, já que ocupa um cargo de confiança na marinha. . . Talvez não devesse lhe dizer isto, mas antes de partir ouvi certos rumores. Parece que os russos suspeitam de uma nova arma que vocês inventaram e que eles gostariam muito de ter. Não há dúvida de que o estão espionando.

— Espionando? A mim!? — exclamou o barão, horrorizado.

— Pode não ser verdade, mas ouvi dizer que eles acreditam que vocês têm um novo tipo de mina, ou canhão, não sei bem, e é claro que estão querendo a nova arma para a marinha russa.

— Pois estão enganados, muitíssimo enganados! — retrucou irritado o barão.
— O novo canhão nada tem a ver comigo, nada!

— Os russos sempre entendem tudo errado - comentou lorde Braydon, com a maior polidez, tendo obtido a informação de que precisava.

— O importante, meu caro barão — disse sem dar tempo para que o alemão percebesse a indiscrição cometida —, é que preciso de sua compreensão. O que houve ontem à noite tem de ficar em segredo. Tenho certeza de que posso contar com sua colaboração.

O barão concordou, com a cabeça,

— Providenciarei para que Madame não diga nada, embora vá me custar bastante.

Com ar de expectativa, olhou para lorde Braydon,

— Pensei nisto também. Aqui está um cheque que deve cobrir todas as despesas que haja sobre o assunto.

Dirigindo-se até a escrivaninha, lorde Braydon apanhou o cheque, que já estava pronto, e entregou-o ao barão.

— Muito generoso! — comentou satisfeito o alemão. — Eu lhe asseguro que não haverá problema algum.

— É importante que ninguém saiba que minha pupila está aqui comigo em Berlim — enfatizou lorde Braydon. — Devo levá-la de volta à Inglaterra tão logo seja possível.

— Bem pensado — concordou o barão, ainda meio indeciso. — Peço que me perdoe, mas continuo curioso para saber o que veio fazer em Berlim.

Lorde Braydon sorriu.

— Já imaginava que fosse me perguntar isto, e, uma vez mais, devo pedir-lhe para que seja muito discreto,

— Claro, claro!

— Trata-se de coisa muito simples, pelo menos para nós. Mas de grande

importância para o príncipe de Gales.

Sem dizer nada, o barão olhava-o com curiosidade.

— Tenho certeza de que se lembra do incidente durante a regata de Cowes, no ano passado, quando o kaiser retirou seu iate da corrida, alegando injustiça na marcação dos pontos.

— Lembro-me perfeitamente que nosso imperador retirou-se com seu iate, o Meteor I.

— Pois bem, o príncipe de Gales ficou sabendo que, antes de partir de Cowes, o kaiser contratou George Lennox Watson, que projetou o Britannia, para construir-lhe um iate ainda mais rápido que o Meteor I,

O barão acompanhava o relato de lorde Braydon com interesse, versado como era em questões navais. — Vim a Berlim a pedido do príncipe de Gales, que deseja saber se o iate está de fato sendo construído, e se o kaiser pretende participar da próxima regata de Cowes. O barão riu.

— Então é esta a missão?

— Sua Alteza queria que eu descobrisse isto sem que pessoas importantes como o senhor tomassem conhecimento de minha curiosidade.

Agora o barão ria desabridamente.

— Posso lhe adiantar com toda certeza que Sua Majestade participará de Cowes com o Meteor II, mas duvido que fique pronto antes de dois anos.

Lorde Braydon deu um suspiro de alívio.

— Bem, isto me poupa inúmeros problemas, senhor barão. E, mais uma vez, só posso expressar-lhe o meu mais profundo pesar por tê-lo envolvido numa situação deveras embaraçosa, ontem à noite. Mas espero que compreenda que não havia como preveni-lo da tormenta que se seguiria à minha partida.

— Nein, nein. Compreendo — disse o barão. — Nas circunstâncias, não havia outra coisa a fazer.

— Sabia que compreenderia — agradeceu lorde Braydon, em tom caloroso. — Permita-me também agradecer-lhe pelo delicioso jantar, e dizer-lhe que estarei ansioso por retribuir-lhe a hospitalidade, da próxima vez que for à Inglaterra com sua encantadora esposa.

— Teremos muito prazer!

Com certa relutância, pôs de lado a taça, antes de se levantar.

— Há algo mais que possa fazer para tornar sua estada em Berlim mais agradável? — perguntou, antes de se despedir de lorde Braydon.

— Não no momento, mas muito obrigado por perguntar e muitíssimo obrigado por ter me poupado um bocado de trabalho com o Meteor II.

Com um risinho de satisfação, o barão comentou:

— Acho que o Britannia não terá a mínima chance. Lorde Braydon já se encaminhava para a porta, mas não perdeu a oportunidade de relembrar ao barão:

— Cuide-se, meu caro senhor. Sei como é indispensável ao kaiser, e não confio nestes russos.

— Não sei por que eies acham que tenho alguma coisa que ver com a nova invenção tão cara ao kaiser — disse o barão, irritado outra vez. — Isto é problema de Edersnier, e só espero que ele não estrague tudo.

Imediatamente, percebendo sua indiscrição, falou: .

— Ficamos entendidos. Tudo o que se disse entre estas quatro paredes fica entre nós.

Tratava-se de uma pergunta, e Lorde Braydon percebeu.

— Confio inteiramente em sua discrição, senhor barão, para proteger o nome de minha pupila e não revelar que Sua Majestade está indiretamente envolvida nesta confusão,

— Pode ficar tranquilo.

Acompanhando o barão, lorde Braydon tomou o elevador e levou-o até a porta, onde a carruagem o aguardava. Ao voltar para o apartamento, Loelia já estava à espera. — Foi brilhante! Inteligentíssimo! Como eu gostaria que papai tivesse visto com que facilidade arrancou do barão o nome do homem que o mantém preso.

— Como pode ter certeza? — perguntou lorde Braydon, em voz baixa.

Loelia hesitou um pouco, antes de responder:

— Enquanto ele falava no canhão, concentrei-me nos pensamentos do barão e acho que sei como é este Edersnier.

— Sabe? Então diga-me! — exclamou lorde Braydon.

— Ele é mais velho que o barão, tem um bigode virado nas pontas, como o do Kaiser, só que branco, como o cabelo.

Lorde Braydon olhava-a incrédulo.

— Como pode saber uma coisa destas, Loelia?

— Sei que não acredita em mim, e acha que estou dizendo bobagens. Mas papai ensinou-me a ler os pensamentos de outra pessoa. Quando o barão falou do canhão, estava pensando no homem responsável pela arma. E é esta a aparência dele.

— Se for verdade, já é um passo à frente — comentou lorde Braydon, sem muita convicção.

Dirigindo-se até seu quarto, perguntou a Watkins, que arrumava o aposento;

— Watkins, onde acha que poderei obter uma foto do homem sobre quem falou o barão?

— Não será difícil, milorde. Estes alemães adoram ser fotografados.

— Então veja o que pode descobrir.

Pode deixar tudo comigo, milorde. Aproveitarei para comprar alguma coisa para o almoço da senhorita Loelia, se ela for lazer a refeição aqui.

Ela almoçará aqui — respondeu lorde Braydon com firmeza. — Quanto a mim, tenho um compromisso para o almoço. . . Loelia não conteve um murmúrio de

protesto:

— Precisa mesmo ir? Sinto que precisamos fazer alguma coisa por papai. . . e depressa.

Percebendo a expressão no rosto de lorde Braydon, apressou-se em explicar:

— Não estou inventando nada. Sinto que ele está sofrendo, que talvez esteja até sentindo dor.

— Está querendo me dizer que eles o estão torturando? — perguntou lorde Braydon, severo.

- Não quero pensar nisto.. . mas é o tipo de coisa que eles fariam.

Lorde Braydon tentou disfarçar sua preocupação pois Loelia estava absolutamente certa em sua suposição.

Depois de alguns instantes, tentou acalmá-la.

— Acho que estaria cometendo um erro se cancelasse agora um convite que já aceitei. Além do mais, estarei almoçando com o capitão do Weissenburg, e talvez fique sabendo de alguma coisa que nos venha a ser útil.

Lorde Braydon pensou um pouco antes de acrescentar:

— Enquanto isso vá tentando se comunicar com seu pai à sua maneira. Quem sabe, embora por enquanto me pareça muito improvável, cheguemos os dois a alguma informação interessante.

— Tenho certeza de que salvará papai, tenho certeza! Foi muita sorte nossa tê-lo aqui. Agora percebo que, sozinha, não teria sido capaz de fazer nada. Estou morta de vergonha de mim mesma por ter sido tão ingênua a ponto de viajar sem uma acompanhante para tomar conta de mim. .. mas é que estava tão desesperada para. .. chegar até papai. Entre nossos criados não havia ninguém que estivesse em condições de vir e, naturalmente, não podia confiar em ninguém de fora.

— Não deve nunca mais fazer uma coisa destas, Loelia. Agora só podemos esperar que o barão mantenha segredo e consiga fazer com que aquela mulher também não diga nada.

— Suponho que ela fará qualquer coisa por dinheiro — comentou Loelia, em voz baixa. — Só me sinto mortificada por tê-lo feito incorrer em tamanha despesa.

Ela estava realmente constrangida, e sua timidez era encantadora.

Lorde Braydon lançou-lhe um sorriso que a maioria das mulheres achava irresistível.

— Nem pense nisto, e quando encontrarmos seu pai, vou dizer-lhe que daqui para frente terá de cuidar melhor de você.

— Quando o encontrar, pode dizer-lhe o que quiser! Mas que seja logo, logo! Tenho a sensação horrível de que se não andarmos depressa, será tarde demais.

Loelia não conteve a emoção ao dizer as duas últimas palavras.

Afastou-se de lorde Braydon, em direção à janela. Ele sabia que a jovem lutava para controlar as lágrimas.

O sol que entrava pela vidraça tinha colocado reflexos cor de ouro no cabelo de Loelia, Lorde Braydon estava irritado porque ela era jovem e bonita demais para se envolver em algo tão desagradável e perigoso quanto a missão de seu pai.

— Preciso descobri-lo depressa — murmurou com raiva, sem que ninguém o ouvisse.

Loelia, então, num tom muito diferente do habitual, falou:

— Ele está numa.. . casa bem alta, com uma calçada em frente e duas sentinelas na entrada.

Lorde Braydon olhou-a perplexa, mas Loelia não se virou.

— Papai está abaixo do nível do solo, talvez um porão, num quarto onde há uma mesa comprida no centro. Sobre a mesa há papéis e tenho certeza de que querem que ele escreva algo. .. ou desenhe.

— Pode ver seu pai? — perguntou lorde Braydon, com toda a calma.

— Não.. . mas sei que está lá. Sinto suas vibrações... ele esíá pensando em mim... me dizendo o que aconteceu e onde está.

A voz de Loelia foi sumindo e fez-se silêncio absoluto na sala. Só então a jovem se voltou na direção de lorde Braydon:

— Acha que ajudou em alguma coisa?

— Ajudará. Infelizmente existe muita gente importante, nesta cidade, com sentinelas na porta.

— Poderia me arranjar uma lista com os nomes de pessoas que moram em casas como esta?

— Não seria suficiente. Poderia ser a casa de quem projetou o canhão, ou mesmo de quem o construiu, mas estas não são pessoas com autoridade bastante para manter seu pai prisioneiro.

Loelia deu um suspiro fundo.

— Por favor. . . deixe-me tentar. Como pode ter certeza de que não chegaremos à pessoa certa?

Lorde Braydon sentia que Loelia precisava de apoio.

— Não posso ter certeza, é verdade. Mas se trabalharmos juntos, estou convicto de que-o salvaremos.

Falava com um otimismo que não sentia.

Lorde Braydon sabia que, se fosse verdade o que dizia Loelia, as autoridades alemãs teriam tomado todas as precauções para que Thurston Standish não pudesse escapar ou ser salvo.

Para mudar um pouco de assunto, lorde Braydon pediu a Loelia:

— Fale-me um pouco sobre sua família. Embora já tenha ouvido falar muito de seu pai, nunca o conheci. Não sei quem é ele. Estou curioso para saber por que não cuidara melhor de você.

Loelia sorriu.

— Papai e eu sempre fomos as ovelhas negras da família. — Lorde Braydon parecia surpreso, e a jovem explicou. — Minha avó queria que papai, seu único filho, entrasse para o exército.

— Quem é seu avô?

— Ele é o general sir Mortímer Standish-Drew!

— Ora essa! — exclamou lorde Braydon. — Nunca imaginei! Conheço seu avô, claro que conheço! Aposentou-se como um herói. Todos admiravam o brilhantismo com que comandou batalhas tanto na Índia quanto na África.

— É verdade, mas papai não queria seguir a carreira militar. — Loelia falava devagar, como se quisesse que lorde Braydon entendesse tão bem quanto ela o coração do pai. — Ele então decidiu, ainda muito jovem, que gostaria de viajar sozinho pelo mundo, aprender outras línguas e, um dia, escrever sobre os povos que viu.

— E ele escreverá livros para que todos leiam? — indagou lorde Braydon.

— Serão lidos, quando ele os publicar.

— Quer dizer então que os livros já estão escritos?

— Papai já escreveu dois. Ajudei-o, e por isso sei que são mais interessantes que qualquer outro livro que eu tenha lido. — Ao perceber a expressão no rosto de lorde Braydon, Loelia apressou-se em dizer: — Não há nenhum segredo neles. Papai trancou todos os seus segredos, e eles só virão a público quando já não puderem causar nenhum dano a ninguém. Só tenho medo de que ele... não esteja mais aqui para gozar do sucesso que merecerá como escritor.

— Ainda não me disse, Loelia, se tem algum outro parente que possa tomar conta de você.

Loelia sorriu e só então lorde Braydon reparou que ela tinha uma covinha no rosto.

— A verdade é que sempre fui tão feliz com papai que recusei o convite de várias tias e primas para que ficasse com elas.

Sentindo que lorde Braydon podia repreendê-la, Loelia acrescentou:

— Antes de mamãe morrer, ela me fez prometer que eu cuidaria de papai. Depois que termina uma de suas "missões", como ele diz, sempre volta emaciado, porque não se alimentou direito, nas horas certas. Às vezes, nem se lembra de comer, passa noites em claro para chegar ao fim de um caso.

— Mas você também precisa dos cuidados de alguém — interrompeu lorde Braydon, suavemente.

Loelia riu.

— Seria muito entediante ter alguém o tempo todo me dizendo o que e como fazer, ou me aconselhando, como uma de minhas tias. "Você precisa tentar, Loelia querida, se comportar como uma dama".

Loelia imitou tão bem a tia em questão que lorde Braydon, mesmo a contragosto, não se conteve e riu, antes de perguntar:

— É tão difícil assim ser uma dama?

— Para mim, é. Não quero ser uma dama de sociedade, frequentando bailes e recepções e tendo de escutar a conversa tola de rapazes que nunca fizeram nada mais interessante na vida do que tentar adivinhar o cavalo ganhador do Derby.

Lorde Braydon achou graça.

— Está sendo muito intransigente, Loelia.

— Estou lhe dizendo a verdade! — retrucou ela, irredutível. — Comparados com papai, os rapazes são muito tolos e incrivelmente entediados. É por isto que nunca me casarei!

— Não pretende se casar? — perguntou lorde Braydon, incrédulo.

— Não suportaria ter para sempre a meu lado um homem que nunca conheceu nada mais perigoso do que cair de um cavalo! — Lorde Braydon não fez comentários, e ela continuou: — Um homem que nunca leu um livro, desde que saiu da escola, e que acha que qualquer moça deveria ficar eternamente grata por ele ter lhe concedido algumas palavras: — Lorde Braydon não se conteve mais e riu. — Ria quanto quisesse. Sabe que estou dizendo a verdade. Aliás, enquanto contava aquela história da carochinha para o barão, não pude deixar de pensar que "meu pretendente" talvez fosse bem mais interessante que os rapazes que conheci até agora.

— Suponho que esteja percebendo, Loelia, como este comentário me ofende.

Ela olhou-o muito surpresa.

Lorde Braydon percebeu então que a jovem, por mais inacreditável que pudesse parecer, não o tinha visto, ainda, como um homem...

No trem, ela o procurava em busca de proteção. Conhecia-o de nome e sabia que era inglês. Quando a salvou da "Casa de Prazeres", Loelia o viu como um anjo da guarda. Não, ela ainda não o vira como um homem!

Sem que fosse preciso Loelia explicar, lorde Braydon tinha compreendido o que se passava no íntimo da jovem.

Ao vê-la ruborizar-se, com medo de tê-lo ofendido, lorde Braydon apressou-se em tranquilizá-la:

— Estava apenas brincando, não fiquei realmente ofendido com sua condenação.

— M... mas... nunca pensei nestes termos a seu respeito. Sei que é muito... muito inteligente e que se comportou exatamente como papai teria se comportado nas mesmas circunstâncias.

Conhecendo a admiração que Loelia tinha pelo pai, Lorde Braydon não poderia ter recebido um elogio maior.

Quando agradeceu, não foi por mera formalidade.

— Obrigado, Loelia. Espero no futuro fazer jus a esta impressão que tem de mim.

CAPÍTULO IV

Lorde Braydon saiu para cumprir seu compromisso. O almoço, porém, foi totalmente infrutífero e ainda mais entediante que o jantar da noite anterior, na casa do barão. Viu-se obrigado a responder inúmeras perguntas sobre o comportamento do príncipe de Gales, um assunto a respeito do qual sempre fora reservado.

Seus anfitriões também estavam curiosos acerca da rainha, de quem falavam com uma mistura de admiração e inveja.

Percebeu que todos os alemães estavam sofrendo de frustração e de uma sensação de inferioridade, devido à extensão do Império Britânico.

O assunto parecia dominar todas as conversas, em qualquer ocasião.

Lorde Braydon estava começando a se cansar de ter que defender a posição da Gra-Bretanha.

Assim que o almoço terminou, voltou às pressas para o apartamento.

Foi recebido por uma exclamação de alegria por parte de Loelia.

— Descobrimos! Descobrimos!

A jovem lhe acenava com uma fotografia, tirada durante uma cerimônia da Marinha, onde se achavam vários oficiais sentados no deque de um navio, com o Kaiser no meio.

Loelia apontou o homem.

O oficial correspondia à descrição que havia dado.

Tinha bigodes no mesmo estilo usado pelo imperador, só que eram brancos, exatamente como tinha dito.

Os nomes dos oficiais estavam impressos na própria foto.

O alemão de bigodes brancos chamava-se, de fato, Edersnier.

Não tinha "von" antes do sobrenome e era apenas comandante, enquanto quase todos os outros na foto eram almirantes.

Isto aumentou a certeza de lorde Braydon de que ele teria uma posição especial na Marinha alemã.

Lorde Braydon olhou longamente a fotografia, memorizando aquele rosto. .

Só então falou:

— Tem certeza de que é este o homem que viu em pensamento?

— Tenho certeza absoluta! — respondeu-lhe Loelia, com toda a segurança.

— Onde está Watkins?

Lorde Braydon deu-se conta, de repente, de que a jovem estava só.

— Depois que ele achou a fotografia, trouxe-a para que a visse e saiu outra vez, para tentar descobrir onde mora o comandante Edersmer.

Lorde Braydon não escondeu sua irritação. Não gostava que Watkins fizesse qualquer coisa sem ter recebido ordens, nem que tomasse iniciativas.

Loelia interveio:

— Não o censure. Eu estava tão... impaciente para chegar até papai que queria ir eu... mesma, mas Watkins disse que isso o deixaria muito contrariado,

— Sem a menor sombra de dúvida! — concordou lorde Braydon.

— Assim que Watkins descobrir onde papai está, precisarei achar um meio de me comunicar com ele.

— Agora preste muita atenção, Loelia. Vamos deixar uma coisa bem clara desde já — interrompeu lorde Braydon, com toda firmeza. — Você não fará absolutamente nada, a menos que eu tenha aprovado antes.

Sua voz tornou-se ainda mais severa:

— Além do que, acho que seria um grande erro se você saísse deste apartamento.

Loelia olhou-o bem nos olhos, antes de responder:

— Vim a Berlim sozinha... para achar papai.

— E meteu-se numa horrível confusão! Lorde Braydon pensou que ela fosse insistir.

Mas Loelia limitou-se a ir até a janela. De costas para ele, olhava, sem ver, o sol da tarde.

— Não pode me impedir de tentar. . . salvar papai.

— Claro que não. Mas se pretende fazer isto sozinha — retrucou lorde Braydon, friamente —, então sugiro que volte para o lugar onde a encontrei ontem à noite e esqueça-se de que me viu.

Lorde Braydon falava como se estivesse se dirigindo a um recruta teimoso.

Mas quando Loelia se voltou, percebeu que tinha sido cruel.

— Como pode dizer uma coisa destas quando sabe que se não tivesse aparecido naquele momento eu... hoje provavelmente estaria tentando me matar?

Loelia falava em voz muito baixa, Mal terminou a frase e correu até ele.

— Perdoe-me... perdoe-me! — implorou ela. — eu não devia ter discutido. É que estou... terrivelmente preocupada com papai. Sei que o estão maltratando, tentando forçá-lo a... fazer alguma coisa que para ele... é impossível.

Estava diante de lorde Braydon. Havia lágrimas em seus olhos e os lábios tremiam de emoção e arrependimento.

Era tão linda que ele sentiu o impulso quase irresistível de envolvê-la e beijá-la.

Não fez nada, porém. Naquele momento, Loelia lhe parecia pouco mais que uma criança, uma criança envolvida por um terrível pesadelo, necessitada de consolo,

Tinha certeza de que a jovem jamais tinha sido beijada por um homem e

poderia não entender sua intenção.

Limitou-se, portanto, a dizer suavemente:

— Concordo que precisamos achá-lo o quanto antes, mas de nada adiantará discutirmos ou agirmos de maneira dramática.

Loelia respirou fundo.

— Tem razão. ...é claro. Por favor, perdoe-me.

— Não há nada por que perdoá-la. Precisamos sentar e pensar no que vamos fazer quando Watkins voltar e nos contar onde fica esta casa.

— Estou certa de que ele dirá que é exatamente como a vi em pensamento — disse Loelia, obstinada. — Acho que ajudaria muito se eu pudesse ficar em frente à casa para tentar entrar em contato com papai. Tenho certeza que seria mais fácil se eu estivesse mais perto dele.

— Acho que não é nada aconselhável que você fique na frente da casa, mas talvez possamos passar por ela de carruagem.

— Faremos isto, então? — perguntou Loelia, mais animada..

— Creio que sim.

Neste instante ouviram que alguém entrava no apartamento.

Era Watkins.

— Encontrei a casa, milorde! Fica em Dahlern Strasse e tem duas sentinelas, exatamente como a srta. Loelia descreveu. - Watkins interrompeu seu relato e olhou sorrindo para a jovem.

— Há dois andares abaixo do solo, um é usado pelos criados.

O outro é um porão.

— Eu tinha certeza — murmurou Loelia.

— Observei que há uma grade ao nível do chão, milorde. Deve ser para a ventilação do porão.

— Uma grade! — exclamou Loelia. — E se fosse aberta, seria possível alguém passar por ela?

— Não, a menos que tivesse o porte de uma criança.

Em seguida Watkins olhou para Loelia como se a visse pela primeira vez e disse:

— Talvez a senhorita conseguisse passar, se pudesse se fazer tão flexível quanto uma cobra.

— Agora ouçam! — interrompeu lorde Braydon. — Antes que esta história vá mais longe, quero que fique claro que a srta. Loelia não fará nada disto que você está sugerindo, Watkins. Se vamos tentar salvar seu pai, ela ficará aqui, esperando até que voltemos com ele.

— Não pode me obrigar... a isso — protestou Loelia, indignada. — Não quando posso ser útil, como Watkins está sugerindo.

Watkins olhou para o amo.

— Seria impossível para qualquer um de nós, milorde, tentar entrar na casa por aquela abertura tão pequena. Acho até que é pequena demais para a srta. Loelia, por mais esbelta que seja. Só que, pelo que ela me contou, a srta. Loelia está acostumada a entrar e sair de lugares estranhos.

Lorde Braydon olhou-a com ar de censura, como se ela tivesse sido indiscreta.

— Só estava contando a Watkins uma ou outra aventura que vivi ao lado de papai, no passado — disse ela, para se defender.

Lorde Braydon parecia aborrecido, e Loelia continuou, tentando acalmá-lo:

— Uma vez, por exemplo, uns bandidos nos sequestraram para obter um resgate e eu consegui sair pela chaminé e pedir socorro.

— Bandidos são muito diferentes dos alemães. Qualquer intruso naquela casa será baleado imediatamente. Eles farão as perguntas depois.

— Se este é o único meio de salvar papai, terei de me arriscar respondeu Loelia, sem se dar por vencida.

— É um risco que eu não permitirei que corra — retrucou lorde Braydon, em tom firme.

— Como pode ser cruel a ponto de deixar papai ser... torturado por esta... gente quando nós podíamos, talvez, tirá-lo de lá... sem ninguém perceber?

— Incomoda-se de me dizer como faremos isto? — perguntou lorde Braydon, com a voz carregada de ironia. — Já sabemos que há duas sentinelas à entrada da casa e, com toda a certeza, inúmeros criados lá dentro. Além do mais, se este canhão é realmente tão importante quanto pensamos, não ficará um segundo sem guardas.

— O canhão não está na casa — disse Loelia, naquele tom sonhador que sua voz adquiria sempre que começava a ver com a mente.

— Então por que seu pai está lá?

— Acho — disse Loelia devagar — que papai deve ter chegado muito perto daquele canhão, ou então os alemães perceberam que ele sabia demais. Estão tentando fazê-lo falar... contar-lhes segredos da Marinha britânica antes... de matá-lo.

A explicação de Loelia era perfeitamente plausível e lorde Braydon olhou-a com admiração. Entretanto, falou com severidade:

— Isto tudo não passa de suposição. Não temos nada de realmente concreto que nos diga que ele está naquele porão.

— Sei que ele está lá! Sei que está! Levantando-se de um salto do sofá, Loelia suplicou:

— Por favor... ajude-nos... por favor, acredite-me. Não estou inventando nada disto. Não inventei nada disto... é verdade! É tão verdade quanto o fato de eu estar aqui, a sua frente. Sou capaz de jurar diante de Deus que não estou exagerando... o perigo que papai corre. Precisamos salvá-lo e... depressa.

Loelia falava com tanta sinceridade e determinação que conseguiu convencer

lorde Braydon.

— Está bem, então. Mas se você for morta, ou se a levarem prisioneira, espero não ter de carregar esta culpa pelo resto de minha vida.

— Se acontecer o pior — explicou Loelia, com toda a calma —, terá simplesmente de me esquecer. Afinal, surgi em sua vida por puro acaso, por causa daquele horrível alemão no trem, e se desaparecer da mesma maneira inesperada, não há por que preocupar-se.

Lorde Braydon teve o pressentimento de que ficaria não só preocupado como dificilmente poderia esquecer-se de Loelia.

Mas não viu razão para dizer-lhe isto.

Dirigindo-se a Watkins, perguntou:

— Tem alguma sugestão para entrarmos na casa do comandante?

— Estive pensando, milorde, que esta seria uma oportunidade para usarmos aquelas pílulas que Vossa Excelência ganhou em nossa última missão.

Lorde Braydon ergueu as sobrancelhas.

Sabia exatamente do que Watkins estava falando.

Já tinha quase esquecido das pílulas que um cientista chinês lhe dera em Hong-Kong.

Sua missão tinha sido evitar que o governador fosse assassinado. Era um complô muito complicado, e bastante fora do comum.

Quando tudo terminou, lorde Braydon percebeu que tinha tido muita sorte ao conseguir salvar a vida do governador.

Também tinha conseguido levar à justiça um desagradável bando de criminosos que queria tomar o poder a qualquer custo. Agira em segredo a maior parte do tempo. Apenas o Ministério do Exterior da Inglaterra sabia da operação, classificada como "sigilo absoluto".

Como recompensa por sua atuação numa missão altamente perigosa, lorde Braydon tinha recebido algumas pílulas especiais de um cientista chinês.

Na ocasião, o cientista lhe dissera que aquelas pílulas poderiam ser-lhe de enorme valia, numa operação futura.

— Espero que não haja nenhuma outra como esta — tinha sido a resposta sincera de lorde Braydon.

— Nunca se sabe — respondeu impassível o chinês. — Esta pílula é uma descoberta da qual muito me orgulho.

— Fale-me um pouco sobre o assunto — pediu lorde Braydon, mais com a intenção de ser gentil.

— Elas são feitas de uma substância que amortece o cérebro humano de um jeito tal que, embora a pessoa pareça absolutamente normal para quem a vê, não consegue perceber nada daquilo que se passa ao redor.

Lorde Braydon tinha tido uma certa dificuldade em entender a explicação do

cientista.

— A pessoa que tomar esta pílula — continuara o chinês —, transforma-se praticamente num boneco, age por força do hábito, e não em resposta aos estímulos do cérebro, como acontece normalmente, ingerida a pílula, a pessoa continua com seus afazeres, parece normal, mas o cérebro não está funcionando.

Lorde Braydon tinha ficado realmente impressionado com a droga.

— É extraordinário!

— De fato! E o que é melhor ainda, quando o efeito termina, a pessoa não se dá conta de nada.

— Não resta dúvida de que poderão ser bastante úteis numa emergência.

E assim dizendo, lorde Braydon aceitara o presente das mãos do cientista, mas nunca tinha tido oportunidade de experimentá-las.

Ainda assim não se surpreendeu com o fato de Watkins tê-las levado para Berlim.

Uma vez mais, o cérebro de lorde Braydon começou a funcionar como uma máquina bem condicionada.

A primeira coisa a providenciar era um convite para jantar na casa do comandante Edersnier.

Superou este obstáculo sem muitos problemas, usando o nome do príncipe de Gales na carta que mandou Watkins entregar em Dahlern Strasse.

A mensagem deixava bem claro que lorde Braydon precisava ver com urgência o comandante, antes de deixar Berlim.

Dizia também que trazia um recado do almirantado e do próprio príncipe de Gales.

Por este motivo, convidava-o, se não fosse inconveniente, para um copo de vinho depois do jantar, em seu apartamento. Em seguida, escrevera:

"Peço que me perdoe por não convidá-lo a jantar. Uma vez que não esperava receber convidados durante minha curta estada em Berlim, não tomei nenhuma providência quanto à parte culinária do local onde me encontro hospedado.

Tenho certeza, entretanto, que não seria aconselhável falarmos sobre tais assuntos em lugar público."

Lorde Braydon sabia que a mensagem iria intrigar o comandante, e fazer com que este fosse obrigado a convidá-lo para o jantar, principalmente porque sobrescritara o envelope com as palavras: "Pessoal e Confidencial".

Watkins, que tinha ficado esperando pela resposta, trouxe de volta o desejado convite para jantar com o comandante.

Tinha conseguido, também, ficar sabendo um pouco mais sobre o interior da casa e sobre os criados.

Eram todos bastante velhos e um pouco surdos.

Lorde Braydon ficou satisfeito ao saber disto, e ainda mais ao ser informado

de que Watkins, com a desculpa de estar com sede, tinha chegado até a cozinha, no pavimento inferior.

Os únicos criados, além do mordomo, eram uma cozinheira, um ajudante, e um velho que levava a lenha e o carvão para o fogo.

— A cozinheira me disse — relatou Watkins -- que ela e o mordomo, que é seu marido, cuidam da casa para o amo, que no momento está sozinho. A esposa dele está no interior.

Lorde Braydon apreciou as informações e falou, mais para si mesmo:

— Suponho que a perspectiva de ter um convidado esta noite tenha colocado todos em polvorosa.

— Sem dúvida, milorde. Na verdade, o comandante não me pareceu muito satisfeito ao enregar-me a resposta — comentou o valete, rindo. — Diga a seu amo, me falou ele, meio enfezado, para estar aqui às oito em ponto. É difícil servir uma boa comida se as pessoas se atrasam!

— Que tipo de homem é ele? — indagou lorde Braydon.

— Bem alemão, milorde, e pouco gentleman, se é que me faço entender.

Loelia, que escutava tudo com a máxima atenção, interrompeu o relato de Watkins.

— Acho que o comandante não é o homem que... inventou o canhão, mas acho que deve ser a pessoa encarregada de sua segurança.

— Tenho a impressão de que você está certa, Loelia. Mas só poderemos ficar sabendo a verdade depois que acharmos seu pai.

A jovem agradeceu com um sorriso o fato de lorde Braydon ter dito aquilo como se já fosse uma certeza.

O amor de Loelia pelo pai comovia lorde Braydon.

Ela estava disposta a arriscar a própria vida na tentativa de salvar a do pai.

Cedendo à insistência de Loelia, alugaram uma carruagem para passar pela Dahlern Strasse.

Felizmente havia bastante trânsito, de modo que a carruagem pôde passar bem devagar pela casa, sem despertar suspeitas. Pela expressão do rosto da jovem, lorde Braydon percebeu que ela estava tentando enviar uma mensagem ao pai.

Acima de tudo, certificava-se de que o pai estava mesmo no porão daquela casa.

Loelia só falou depois de alguns minutos.

— Ele está lá... e tenho a impressão de que está ficando mais fraco. Se não conseguirmos salvá-lo, amanhã... talvez já seja tarde demais.

Ao pronunciar as duas últimas palavras, sua voz tremeu. Lorde Braydon tornou-lhe as mãos, - Faremos todo o possível, Loelia.

— Eu sei...

Os dedos dela tremiam, e lorde Braydon sentiu como se estivesse segurando

um passarinho trêmulo de medo.

— De uma coisa estou certo — disse ele, depois de uma pausa. — Precisamos acreditar que teremos sucesso, senão nos arriscamos a criar a atmosfera errada.

Loelia olhou-o com espanto.

— Então compreende... realmente compreende!

— Estou tentando. Digamos que aceito que você tenha poderes excepcionais no que diz respeito a seu pai.

Ela apertou um pouco mais a mão de lorde Braydon.

— Enquanto estiver jantando com o comandante, não se esqueça de rezar para que Watkins e eu não sejamos ouvidos.

— Prometo-lhes que farei isso.

Ao terminar de se vestir, lorde Braydon lembrou-se de que não tinha uma capa.

Certamente não poderia recuperá-la de onde a tinha deixado na véspera.

"Watkins, porém, não se apurava.

Descobriu uma capa não muito diferente da de seu amo entre os pertences do dono do apartamento.

Colocando-a nos ombros de lorde Braydon, declarou:

— Tenho certeza de que o cavalheiro não se importará com o empréstimo.

— Pelo amor de Deus, Watkins, cuide da srta. Loelia. Sinto que não deveria ter permitido que ela participasse disto, mas não há outro jeito de sabermos se ela está certa ou não.

— Eu apostaria meu último tostão como a srta. Loelia está certa, milorde.

Falava com uma impertinência que, em outras circunstâncias, lhe teria valido uma reprimenda.

Lorde Braydon, porém, acrescentou apenas:

— Se ela estiver errada, tire-a dali o mais rápido possível.

— Assim será, milorde.

— Certifique-se de que pode confiar no cocheiro,

— Estamos lhe pagando mais do que o suficiente! — esclareceu Watkins. — E já dei ordens para que nos espere do outro lado da rua, sob o arvoredor. De lá não poderá enxergar muita coisa.

Uma vez mais, Watkins pensara em tudo.

Ainda assim, a vontade de lorde Braydon era cancelar toda a operação.

Ele queria levar Loelia de volta à Inglaterra, onde pelo menos estaria viva e livre de perigo.

Entre suas muitas aventuras, esta era a primeira vez que tinha os movimentos tolhidos pela presença de uma mulher.

Esperava que isto nunca mais acontecesse.

Lorde Braydon, porém, não queria que Loelia percebesse seus temores e,

pedindo-lhe para tomar muito cuidado, acrescentou:

— Se algo sair errado, fuja como puder e dê um jeito de voltar para cá. Entendeu?

— Claro que sim, e não se preocupe. Vou tentar me comunicar com papai e avisá-lo de que estou chegando, assim ele estará preparado para me ajudar quando eu o encontrar.

Lorde Braydon gostaria de partilhar da confiança de Loelia.

Não havia mais nada a fazer, porém. Sorriu, e desceram todos.

Loelia estava usando um casaco comprido, emprestado também do dono do apartamento. Sua aparência era meio estranha e lorde Braydon apressou-se ao atravessar com ela o hall de entrada, para que o porteiro não tivesse muito tempo de vê-la. .

A carruagem, com o cocheiro escolhido por Watkins, estava à espera.

Assim que partiram. Loelia tirou o casaco.

Lorde Braydon levantou a tampa do assento destinado às pessoas que se sentavam de costas para os cavalos.

Sob o assento acolchoado havia um vão.

Costumava ser usado para levar alimentos durante uma viagem ou os pertences mais valiosos dos passageiros.

O espaço era apenas suficiente para que Loelia se encaixasse nele.

Lorde Braydon viu então, um tanto chocada, que ela usava uma roupa grudada à pele, como o traje de mergulhadores.

As linhas do corpo ficavam assim evidentes, mas Loelia poderia se movimentar livremente, sem saias e anáguas atrapalhando.

Surpreendeu-se com aquela vestimenta, arranjada, sem dúvida alguma, por Watkins.

Mais surpreendente ainda, para ele, é que Loelia não se sentisse acanhada e nem tivesse tentado se desculpar.

Percebeu então o quanto ela era jovem.

Apesar de linda, dificilmente teria havido algum homem em sua vida.

Não lhe ocorria ser formalmente pudica quando estava envolvida em algo tão importante quanto salvar a vida do pai.

Na verdade, lorde Braydon se sentia bem mais apreensivo que ela. Sabia das terríveis consequências, caso o plano não desse certo.

Pararam diante da casa do comandante e Loelia desapareceu debaixo do assento.

As sentinelas apresentaram armas e, depois que Watkins tocou a sineta, a porta foi aberta pelo velho mordomo.

Lorde Braydon foi recebido efusivamente.

Assim que entrou e a porta se fechou, Watkins disse às sentinelas:

— Eu bem que gostaria de um bom jantar! O dia todo para baixo e para cima, faça isto! faça aquilo! Sem tempo de tomar um trago, que dirá comer!

— Sei bem o que é isto! — disse uma das sentinelas, o que parecia mais jovem.

— Faz calor quando está sol, faz frio quando venta.

Os três riram como se a piada fosse ótima, e Watkins falou:

— Olha aqui, rapazes, eu vou tomar um traguinho. Tenho uma garrafa escondida na carruagem. Se quiserem eu vou buscar um pouco para vocês. Que tal?

Houve uma pausa enquanto a sentinela mais velha examinava a rua.

Estava deserta, e no arvoredo em frente não havia mais ninguém.

Um pouco antes havia crianças brincando com babás, mas todos já tinham ido embora.

— Se a gente ficar de olho, acho que não tem importância!

— Assim que eu gosto de ver! — encorajou Watkins. — Detesto beber sozinho. Vou levar a carruagem para o outro lado da rua, caso algum xereta venha espiar o que estou fazendo. Fez um sinal para o cocheiro levar a carruagem para o outro lado, sob as árvores.

Dirigiu-se então para trás do veículo, onde tinha posto um cesto amarrado entre as duas rodas traseiras.

Abrindo o cesto, encheu meia caneca com o vinho de uma garrafa.

Pegou mais duas canecas e nelas despejou o vinho de uma outra garrafa.

Levando-as até as duas sentinelas, acrescentou: — Esperem um segundo que eu vou buscar o meu caneco e aí fazemos um brinde sem bater continências. Os dois esperaram.

Watkins voltou com a caneca e trouxe também a garrafa do clarete oferecido aos alemães. Bebendo de um trago só, fez o brinde:

— Às namoradas! Que estejam sempre bonitas e dispostas! Os dois alemães riram.

Em seguida, como Watkins tinha sugerido, esvaziaram de uma vez seus copos, que foram prontamente reabastecidos por Watkins.

Seguindo o plano à risca, levou a garrafa de volta para a carruagem.

De regresso, percebeu que as sentinelas pareciam mais rígidas. Embora ainda estivessem segurando os canecos, tinham colocado o rifle no ombro outra vez.

Watkins esperou vinte segundos e depois foi abrir a porta da carruagem.

Como uma sombra, Loelia atravessou a rua e desceu a escadinha que levava à grade do porão.

As sentinelas nem se mexeram quando Loelia passou, A droga tinha funcionado.

Com incrível habilidade, em dois tempos Watkins tirou a grade do respiradouro.

A abertura era pequena.

Mesmo para alguém esbelto como Loelia, seria apertado.

Watkins, porém, não estava excessivamente preocupado porque a jovem lhe contara que praticava ioga e chegara até a aprender um pouco de jiu-jitsu. Isto significava que tinha completo controle sobre os músculos.

Teve oportunidade de verificar que não era exagero quando a viu entrar de cabeça pela escura abertura. Torcendo-se toda, Loelia conseguiu fazer passar o corpo todo. Cabia a ele, agora, dar-lhe cobertura. Rapidamente, bateu bem forte à porta do porão, onde ficavam os criados.

Depois de alguns momentos, o ajudante de cozinha veio abrir.

— Posso entrar? — perguntou Watkins, alegremente. — É muito bom ver vocês todos de novo.

— É muito bem-vindo, mein Herr — exclamou a cozinheira, lá da cozinha —, mas não vou deixar que me atrapalhe enquanto eu preparo este jantar sozinha, sem ninguém para me ajudar. Exceto o Adolf, mas ele é tão desastrado que quebra tudo que toca.

— Deixe-me ajudá-la — pediu Watkins, sentando-se sem mais cerimônias.

Falava muito alto, tentando cobrir qualquer barulho que Loelia pudesse fazer.

A cozinheira e o ajudante não conseguiam parar de rir com as brincadeiras de Watkins.

Quando o velho mordomo voltava à cozinha, entre um prato e outro, juntava-se ao grupo alegre dos criados.

Watkins chegou até a levar uma bandeja à porta da sala de jantar, para poupar as pernas fracas do idoso mordomo.

Ouviu lorde Braydon falando sobre o iate que o príncipe de Gales gostaria de ver construído, um barco capaz de ganhar do Meteor II.

— Sei que com sua reputação brilhante, e originalidade, poderia descobrir um meio de fazer com que Sua Alteza derrote o sobrinho.

— O Kaiser não gostaria disto — declarou rindo o comandante —, mas o tio dele também não gostou de ser derrotado, há dois anos, nem da briga que tiveram antes de terminada a regata de Cowes.

Os dois riam como se o fato fosse uma grande piada. Olhando pela porta entreaberta, Watkins teve a impressão de que lorde Braydon comia cada prato tão devagar quanto possível.

Ele estava tentando prolongar o jantar ao máximo.

Watkins voltou à cozinha, para ajudar a cozinheira com a apfelstrudel e o enorme jarro de creme de leite.

— Seu amo e o meu vão engordar se comerem tudo isto! — brincou ele,

A cozinheira riu, satisfeita.

— O amo não é um bom garfo, exceto quando tem visitas. Na verdade, ele se esqueceria do desjejum, almoço e jantar, se não fosse o Friedrich lembrá-lo de que a

refeição está na mesa.

— É isto que acontece com quem trabalha demais — falou Watkins, sentando-se confortavelmente à mesa da cozinha. — Meu lema é não me esforçar demais, a menos que seja mesmo preciso.

— Achf isto é coisa de vocês, britânicos — retrucou a cozinheira. — Nós, alemães, somos diferentes. Gostamos de atividade.

— E onde é que isto leva vocês?

— Vai ver só! Espere e verá! Pelo que ando ouvindo — disse ela, com ar de mistério —, um dia desses terão uma surpresa.

— Bem, então me surpreenda com uma fatia disto aí que acabou de vir lá de cima, e eu lhe darei um beijo.

— Ach, me deixe em paz, ora que atrevimento! Vai deixar Friedrich com ciúme!

— E isto não é bom? — respondeu Watkins, ligeiro. Loelia ouvia as risadas na cozinha.

Tateava o caminho pelo aposento escuro por onde andava, depois de atravessar o respiradouro. Descobriu que o lugar estava deserto, exceto por alguns barris de cerveja vazios.

Na extremidade oposta havia uma porta.

Abriu-a e viu que era uma espécie de adega, com poucas garrafas, porém.

Começou a temer que tivesse se enganado e que seu pai não se encontrasse naquela casa. Cruzou então uma passagem cujo chão era de pedra.

Não via bem o que estava fazendo, devido à escuridão do lugar.

A única luz e ar vinham de um outro respiradouro, semelhante àquele por onde tinha entrado. No fim da passagem havia outra porta. Loelia viu logo que tinha uma grande chave na fechadura e um ferrolho.

Com todo cuidado, puxou o ferrolho e girou a chave. A porta estava bem azeitada e não fez barulho algum. A custo Loelia se controlou para não dar um grito de felicidade.

Sentado diante de uma mesa, sobre a qual havia vários blocos de papel, estava seu pai, com a cabeça apoiada nas mãos.

Loelia ficou parada uns instantes, olhando para ele.

Então, como se algo lhe dissesse que não estava mais só, Thurston Standish ergueu a cabeça.

Chocada, Loelia viu como ele estava magro e pálido.

CAPÍTULO V

Thurston Standish não disse uma só palavra.

Apenas se levantou da cadeira onde estava sentado e estendeu os braços para a filha, que correu em sua direção.

Abraçada ao pai, Loelia podia sentir o coração pulsando violentamente.

Havia um milhão de coisas que ela queria lhe dizer.

Lembrou-se a tempo, porém, de que no passado o pai lhe ensinara que falar, a menos que necessário, podia ser muito perigoso.

Os dois permaneceram abraçados durante um longo tempo.

Em seguida, Loelia, pegando a mão do pai, que lhe pareceu muito fria, puxou-o para fora daquele lugar.

Espiou, primeiro, ao longo do corredor por onde viera.

Não que esperasse encontrar alguém. Agiu assim por mera precaução.

Teve o cuidado de trancar a porta assim que saíram do aposento.

Loelia estava atenta aos mínimos detalhes, e procurou deixar a chave na mesma posição que estava antes.

Caminhando com leveza, liderou o caminho.

Seu pai a seguia pela escada que ia dar no porão do piso superior.

Esta era a parte mais perigosa do plano. 76

Thurston Standish nunca conseguiria sair pelo mesmo lugar por onde ela entrara. Watkins tinha explicado a Loelia a disposição dos cômodos no piso superior.

Era arriscado. Para alcançar a porta da frente, teria de cruzar um corredor que também tinha comunicação com a cozinha. No topo da escada, ao ouvir a risada dos criados que se divertiam com Watkins na cozinha.

Sabia que ele estava fazendo o possível para entretê-los e assim impedir que alguém ouvisse os ruídos no corredor ao lado. Movimentando-se com a agilidade de um jovem fauno, Loelia alcançou rapidamente a porta. Abriu-a com todo cuidado.

Com certa dificuldade, o pai a seguia na escuridão. Assim que se viram do lado de fora, Thurston Standish respirou fundo, como se estivesse tentando recompor as energias com o ar fresco que aspirava pela primeira vez depois de tanto tempo, Loelia fechou a porta atrás de si, silenciosamente, e galgou os degraus que conduziam à calçada.

Cautelosamente, atravessaram o portãozinho que separava a casa da rua.

Olhando em todas as direções, Loelia certificou-se de que não havia ninguém por perto.

O local estava deserto, à exceção das duas sentinelas. Os dois continuavam impassíveis, com os rifles sobre os ombros. A carruagem esperava sob o arvoredado em frente.

O cocheiro, provavelmente obedecendo às instruções de "Watkins, olhava para o outro lado.

Com uma rapidez que apenas por obra divina seu pai poderia acompanhar, Loelia atravessou a avenida.

Abriu a portinhola da carruagem e, poucos segundos depois, seu pai entrou e desmaiou no assento traseiro.

Felizmente lorde Braydon já tinha previsto que isto aconteceria.

Loelia estava preparada para a ocasião, e agiu com uma desenvoltura que o pai certamente aprovaria.

Ajudando-o a se recostar, cobriu-o com um cobertor escuro. Se alguém olhasse para dentro, dificilmente perceberia que havia mais alguém na carruagem. Em seguida, deu-lhe uma bebida.

Lorde Braydon havia preparado um pouco de conhaque misturado com água.

— Mas se papai não come há dias — Loeila tinha comentado, surpresa —, com toda certeza ficará tonto!

— O mais importante — explicara lorde Braydon — é que isto vai estimular-lhe o apetite. Quando se fica muito tempo, quem sabe semanas, sem comer, não se tem vontade de ingerir nada. Perde-se a vontade.

Ele tinha razão.

Seu pai tomou a bebida sem nada dizer.

O efeito seria rápido.

Assim que ele sorveu alguns goles, Loeila abriu um vidro de geléia de mocotó. Sabia que era o melhor alimento nas circunstâncias.

A geléia de mocotó era um alimento muito usado por doentes e convalescentes, incapazes de ingerir alimentos sólidos.

Devagar, foi dando a geléia às colheradas.

Teve a impressão de que, à medida que ele se alimentava, um pouco de cor lhe voltava às faces.

Ele comia de olhos fechados, mas tinha plena consciência do perigo que corriam.

Quando o vidrinho de geléia estava praticamente terminando, Loelia lhe deu um pouco mais de conhaque.

Em seguida, cobrindo o pai inteiramente com a manta, passou a olhar ansiosa pela janela.

O jantar tinha terminado e o café já tinha sido servido. Watkins olhou para o relógio da cozinha, e comentou com o velho mordomo:

— já passa das nove. Sugiro que suba até a sala de jantar para avisar Sua Excelência de que é esperado em dez minutos na casa de Sua Alteza, a princesa Von Achem.

— Isto não lhe dá muito tempo para chegar lá — respondeu Friedrich, com um certo ar de alívio.

— Mais uma razão para Sua Excelência se apressar! — foi o comentário de Watkins, fingendo-se indiferente.

Friedrich saiu devagar da cozinha.

Watkins despediu-se da cozinheira, sapecando-lhe dois beijos, o que a fez rir como uma juvenzinha.

Deu ao ajudante e ao velho da lenha uma generosa gorjeta, que deixou os dois criados mudos de gratidão.

Em seguida, prometendo alegremente que voltaria a vê-los em breve, saiu da cozinha.

Fechando a porta atrás de si, atravessou o corredor. Ia rezando para que tudo tivesse dado certo. A esta altura, esperava que Loelia já estivesse em segurança, com seu pai.

Se, contrariando todas as expectativas, não o tivesse encontrado, não cometeria a loucura de se demorar naquela casa. Teria voltado, conforme as instruções de lorde Braydon, para a carruagem.

Ao chegar à rua, viu que as duas sentinelas continuavam na posição de sentido.

Com uma das mãos seguravam o rifle e, na outra, a caneca na qual tinham bebido o clarete drogado. Watkins tirou as canecas das mãos das sentinelas. Os dois não se mexeram, olhavam fixamente para a frente.

Assim tinham sido ensinados, ao entrar para o serviço.

Levando as canecas, Watkins atravessou depressa a rua. Pôs os copos de volta no cesto, atrás da carruagem, e depois foi até a portinhola.

Uma olhada apenas foi o bastante para lhe dizer que tudo corria bem. Ficou do lado de fora, esperando que lorde Braydon aparecesse.

Por seu lado, lorde Braydon tinha aguardado a noite toda pelo recado de Watkins que o mordomo transmitiria. Ao ouvi-lo, disse ao comandante:

— Peço-lhe que me desculpe por ter deixado-o, e relutantemente, confesso, mas como parto hoje à noite de Berlim, prometi dizer adeus à princesa Von Achern,

— Parte esta noite, mein Herr?

— Infelizmente! São ordens reais que não posso deixar de cumprir!

— Compreendo — disse o comandante.

— Dá-me a palavra de que entrará em contato tão logo seja possível acerca de nossa discussão? — perguntou lorde Braydon, com ar ansioso. — Estarei aguardando com muito interesse, assim como, permita-me dizer-lhe Sua Alteza Real.

— Verificarei o assunto meticulosamente — replicou o comandante, com ar pomposo —, mas, como bem sabe, poderá ser difícil.

— Uma dificuldade que, espero, consiga superar — disse-lhe lorde Braydon sorrindo e atravessando a porta da frente.

Friedrich ajudou-o a vestir a capa e recebeu em troca uma moeda de ouro.

Ao sair, lorde Braydon comentou:

— Vejo que o cocheiro foi suficientemente inteligente para deixar os cavalos sob o arvoredado. Uma vez mais, adeus e muitíssimo obrigado pela hospitalidade.

Apertou calorosamente a mão do comandante. Em seguida, atravessou a passos rápidos a rua Watkins abriu-lhe a porta.

Somente depois de partirem é que Loelia levantou o assento. Tinha se escondido com receio de que o comandante resolvesse acompanhar lorde Braydon até a carruagem.

- Conseguiamos! Conseguiamos! — ela exclamou, num sussurro
- Bom trabalho! Como está seu pai?
- Muito agradecido — murmurou Thurston Standish, lá de seu canto.

Tinha tirado a manta do rosto, mas continuava deitado.

— Encantado em vê-lo — falou lorde Braydon. Thurston Standish conseguiu dar um sorriso fraco e respondeu:

— Sei quem é o senhor e estive rezando para que Loelia encontrasse alguém assim para ajudá-la.

— Sabia que ela tentaria salvá-lo? — perguntou lorde Braydon, sem disfarçar a surpresa.

— Sabia — confirmou Thurston Standish, muito baixo. Loelia, que já saíra do esconderijo, ajoelhou-se ao lado do pai.

— Meu adorado pai... tive tanto medo de que chegaríamos... tarde demais. Lorde Braydon foi maravilhoso!

— Não precipitemos as coisas — advertiu lorde Braydon. '

— Quando descobrirem o desaparecimento de seu pai, farão todo o possível para resgatá-lo.

— Talvez fosse melhor que me dissesse o que planeja fazer — interrompeu Thurston Standish.

— Naturalmente — concordou lorde Braydon. — Mas antes de mais nada, espero que já tenha comido alguma coisa, pois vejo que andou passando fome.

— Contarei tudo depois — conseguiu dizer o pai de Loelia.

Não pôde prosseguir. Loelia tinha aberto um outro vidro de geléia de mocotó e estava alimentando o pai, às colheradas.

A jovem percebeu que lorde Braydon olhava para o pai dela com preocupação. Receava que o ancião não conseguisse levar adiante os planos para a fuga. Ao chegarem ao apartamento, somente Loelia e lorde Braydon entraram pela porta da frente.

Watkins conduziu a carruagem até os fundos.

Subindo a sós com lorde Braydon no elevador, Loelia perguntou com voz tremula:

— Acha que papai será capaz de fazer tudo que espera dele? Ele me parece terrivelmente cansado e fraco.

— Acho que a força de vontade o fará transpor nosso próximo obstáculo — disse lorde Braydon, tentando tranquilizá-la. — É o passo mais importante. Não será fácil sair da Alemanha depois que começarem as buscas.

— Sei. . . disso. Loelia estava tremendo.

Sem pensar, procurou a mão de lorde Braydon.

- Não podemos falhar agora — murmurou com uma vozinha desesperada.
- Será impossível falhar — respondeu lorde Braydon, com voz firme.

Loelia sabia que ele estava tentando lhe inculcar força e coragem. Chegando ao quarto, pôs depressa o vestido que já deixara preparado sobre a cadeira. Colocou o outro traje dentro de uma maleta. Mal tinha acabado de se aprontar quando ouviu uma batida na porta. Era lorde Braydon, que também tinha mudado de trajes e parecia muito elegante em roupas de viagem. Atrás dele havia um carregador.

O homem apanhou a mala que Watkins tinha comprado para ela.

Olhando para o relógio, lorde Braydon comentou, a fim de que o carregador registrasse:

— Temos de nos apressar. Preciso ver a princesa, e nosso trem parte às onze horas.

- Estou pronta — respondeu Loelia.

O carregador tomou o elevador de serviço enquanto Loelia e lorde Braydon desciam pelo elevador social.

Quando chegaram ao térreo, ele já estava colocando, a bagagem na carruagem. Watkins não se movera.

Lorde Braydon deu ao homem uma régua gorjeta. Em seguida, juntou-se a Loelia, que se sentara na beira do assento traseiro, para proteger o pai de olhares curiosos. Assim que partiram, lorde Braydon perguntou, preocupado:

- Está tudo bem, Standish?
- Não se preocupe comigo — respondeu Thurston Standish. Watkins já me explicou o que temos pela frente, Farei o possível para parecer um eficiente "cavalheiro de um cavalheiro".

Lorde Braydon riu e perguntou em seguida:

- Watkins já lhe deu algo para disfarçar a palidez?
- Se não tivesse me dado, eu mesmo teria providenciado — retrucou Thurston Standish, em plena forma.

Havia em sua voz um vago tom de censura, como se lorde Braydon o tivesse acusado de não conhecer a arte do disfarce.

— Como pode imaginar — continuou lorde Braydon, em voz baixa —, daqui para a frente a operação será muito delicada.

— É uma manobra inteligente — comentou Thurston Standish —, fazer uma visita à princesa. Para os alemães pensarem, quando forem investigar seus últimos passos, que não teria perdido tempo com uma visita destas se estivesse com pressa de me levar para fora do país.

— Foi o que pensei — confirmou lorde Braydon. — Também deixei, acidentalmente, ou pelo menos assim espero que eles interpretem meu ato, um recado da embaixada britânica sobre a escrivaninha.

Havia um tom divertido em sua voz.

— Na mensagem, a embaixada diz ter sido informada de que Sua Majestade requer minha presença imediatamente, já que Sua Alteza, o Marajá, chegou inesperadamente a Londres, antes da data prevista. Thurston Standish não pôde deixar de achar graça,

— Sempre soube de sua fama, Braydon! Nada mais eficaz neste país que jogar com as "cartas da corte", quando se pode.

— Espero que funcione. Quando tivermos escapado disto tudo, vou dizer-lhe o quanto o admirei e ainda admiro — falou lorde Braydon.

— Espero não manchar esta reputação justamente agora. Sem poder dizer mais nada, Thurston Standish recostou-se novamente e cobriu o rosto com a manta.

Watkins deixou que o lacaio postado à frente da majestosa residência da princesa abrisse a porta. Antes de apear, lorde Braydon disse a Loelia, em inglês:

— Não devo demorar, minha cara. Dirigiu-se então ao cocheiro, em alemão:

— Espere aqui! Não levarei mais que alguns minutos. O lacaio fechou de novo a portinhola.

Loelia, que se sentava muito ereta, com o pai às suas costas, perguntou:

— Está bem, papai? Sente-se melhor?

— Comi o tempo todo em que Watkins me vestiu e me deu as instruções.

— Watkins é tão eficiente que acho que não preciso acrescentar mais nada.

Loelia falava quase sussurrando.

O lacaio, que tinha voltado a se postar na entrada da residência da princesa, achava que ela estava só na carruagem.

— Estou orgulhoso de você, minha querida — falou Thurston Standish, com carinho na voz —, mas nunca deveria ter corrido tamanho risco, vindo sozinha a Berlim.

— Falaremos sobre isto depois.

Loelia sabia muito bem o quanto seu pai ficaria aborrecido quando lhe contasse exatamente o que tinha acontecido.

No momento, não queria que ele pensasse em nada exceto nos planos de lorde Braydon para escapar.

Dentro da mansão, a princesa, ainda mais atraente que a lembrança que lorde Braydon tinha dela, mal pôde acreditar ao ver o jeito como ele vinha vestido,

— Não me diga que está de partida! — exclamou ela. Lorde Braydon tinha lhe enviado uma carta, um pouco antes, onde explicava que devido a compromissos inadiáveis, não poderia jantar com ela aquela noite. Mas prometia ir visitá-la mais tarde.

Naturalmente, a princesa pensou que o planejado tête-à-tête ainda estava de pé.

Segurando-lhe a mão por mais tempo que o necessário, lorde Braydon

desculpou-se:

— Não sei como lhe dizer o quanto me sinto contrariado, mas, pouco antes do jantar, recebi um comunicado da embaixada dizendo que Sua Majestade deseja o meu regresso imediato a Londres. Terei de entreter um marajá que chega em breve da Índia.

A princesa fez um ar contrariado e seus lábios rubros ficaram ainda mais sedutores.

— Como pode o Destino ser tão mau conosco? — perguntou ela com voz velada.

— Como acha que estou me sentindo? — interveio lorde Braydon.

Apertou-lhe ainda mais a mão, antes de dizer:

— Haverá outras ocasiões e outros encontros. Mas esta noite, quando o trem estiver me levando para longe daqui, estarei pensando em uma única pessoa.

Lorde Braydon parecia falar com tanta sinceridade que a princesa disse, num suspiro:

— Então é apenas au revoir e não adeus!

— Será sempre assim conosco — respondeu galante, beijando-lhe a mão.

Era impossível dizer mais.

Lorde Braydon tinha consciência de que, no extremo oposto da sala, os demais convidados faziam um grande esforço para conversar naturalmente.

Ao mesmo tempo, lançavam olhares curiosos para sua anfitriã.

— Está mais bela que nunca — cumprimentou-a lorde Braydon, beijando uma vez mais a mão da princesa russa.

Em seguida partiu.

Assim que a carruagem se pôs em movimento, Loelia indagou, curiosa:

— A princesa é muito bonita?

— Muito! — respondeu lorde Braydon.

E não disse mais nada.

Loelia ia pensando que ele devia estar muito desapontado, talvez irritado, por não poder passar a noite como tinha planejado.

"Ele deve achar que papai e eu somos uma terrível amolação", pensou ela. "Deve estar feliz com a idéia de nunca mais nos ver, assim que chegarmos à Inglaterra".

Estes pensamentos a perturbavam de uma maneira que não podia entender. Olhou para o rosto de lorde Braydon, iluminado pelos lampiões a gás acesos nas ruas. Para ela, ninguém mais era tão bonito, elegante e inteligente. Sabia que, mesmo que nunca mais o visse, jamais poderia esquecê-lo.

Subitamente, antes que tivessem chegado à estação, os cavalos pararam. Loelia teve medo de que algo tivesse saído errado. E se fosse a polícia, querendo investigar quem estava com lorde Braydon?

Depois lembrou-se de que a parada fazia parte dos planos. Este era o ponto em que Watkins devia deixá-los. O criado apeou da boleia.

Loelia ainda teve tempo de, vê-lo partir.

Tinha uma aparência bem diferente da habitual. Usava um boné, no lugar do costumeiro e elegante chapéu-coco.

Vestia também uma capa. Sob ela, trajava um terno vulgar, axadrezado, com uma gravata amarela. E levava uma maleta.

— Acha que estará seguro? — perguntou Loelia, ansiosa. Lorde Braydon sorriu.

— Se há uma pessoa com a qual nunca me preocupo é Watkins. Não há nada que ele aprecie mais do que aquilo que chama de "aventura". Sempre se sai delas com um sorriso.

Voltando-se para o pai de Loelia, lorde Braydon prosseguiu:

— Acho que chegou a hora, Standish, de assumir seu papel.

— Mas é claro — concordou Thurston Standish, cora uma nota divertida na voz.

Levantou-se com uma certa dificuldade e tomou o lugar que lhe era devido na carruagem.

Loelia ficou no assento traseiro, atrás de lorde Braydon. Olhando para o pai, sentiu vontade de rir.

Tinha sido idéia de lorde Braydon que ele tomasse o lugar de Watkins como valete.

Embora já o tivesse visto em muitos disfarces, não esperava que pudesse se parecer tanto a um valete de verdade.

O colarinho branco e alto, a gravata preta, o terno preto de Watkins, que lhe ficava um pouco grande, estava tudo perfeito.

Este era o uniforme padrão.

Seu pai tinha repartido o cabelo ao meio.

Não usava maquilagem, exceto um pouco de cor nas maçãs do rosto, para disfarçar a extrema palidez.

Thurston Standish tinha assumido imediatamente a expressão de um criado pronto à obedecer ordens e ansioso por agradar.

O chapéu-coco de Watkins estava a seu lado, no assento.

Ao vê-lo com ele na cabeça, na estação, Loelia teria rido se não estivesse tão assustada.

Lorde Braydon tinha providenciado para que um funcionário da embaixada britânica esperasse por eles.

O rapaz acompanhou-os até o carro-leito e entregou-lhes os bilhetes.

Era um sujeito bastante pomposo, que não tomou conhecimento do valete de lorde Braydon. .

Tinha sido suficientemente habilidoso, porém, para arranjar um carregador.

— Receio que não tenha lhe dado muito tempo para tomar as necessárias providências — comentou polidamente lorde Braydon.

— Felizmente, meu senhor, o trem não viaja muito cheio esta noite, e pude reservar três cabines no centro do carro-leito, assim não viajarão sobre as rodas.

O funcionário prosseguiu, devagar:

— Também providenciei, conforme as instruções, para que a pupila e o valete viagem em cabines contíguas à sua.

- Obrigado — disse lorde Braydon. E, sem mais delongas, partiram em pequena fila indiana. O funcionário seguia ao lado de lorde Braydon, seguidos por Loelia e o valete.

O carregador fechava o cortejo, levando as bagagens. Ao entrar no trem, lorde Braydon agradeceu uma vez mais, e dispensou o funcionário, dizendo que não havia necessidade de esperar pela partida do trem.

— Estou certo de que terá muitas coisas a fazer. Peço-lhe desculpas por tê-lo mantido em serviço até tão tarde.

— Foi um prazer, senhor.

Lorde Braydon apertou-lhe a mão, e Loelia fez o mesmo.

Neste momento, ela viu um homem que parecia estar em busca dos compartimentos de segunda classe.

Loelia não teria reconhecido Watkins se não estivesse procurando por ele.

Estava fazendo o papel de turista americano.

Como num passe de mágica, lorde Braydon conseguira até um passaporte com o nome de Kirk Webber para o fiel valete.

— Você deve dizer que veio ver a terra de seus pais — tinha recomendado lorde Braydon. — Seja bem volúvel sobre as maravilhas da pátria-mãe. Fale como quem quer que esteja disposto a ouvi-lo.

Ao vê-lo bamboleante pela plataforma, Loelia deu-se conta de que Watkins era um excelente ator.

Até mesmo o mais astuto alemão teria dificuldade em acreditar que ele era um polido e obsequioso valete.

Loelia notou também que, enquanto se despediam do funcionário da embaixada, seu pai se dedicava com afincos a arrumar tudo que lorde Braydon precisaria para a noite.

Qualquer um que resolvesse espiar pela janela pensaria tratar-se de um empregado executando as tarefas pelas quais estava sendo pago.

Dirigindo-se à sua cabine, Loelia rezava para que não fossem parados. E também para que, por algum milagre, o comandante ainda não tivesse descoberto o desaparecimento de seu prisioneiro.

Passou-se uma eternidade até que o guarda soou o apito e acenou-a

bandeirinha vermelha.

O trem se pôs em marcha e Loelia dirigiu-se imediatamente para a cabine de lorde Braydon.

Seu pai ainda estava lá.

Assim que deixaram a plataforma, sentaram-se os três na cama, com um suspiro de alívio.

Só então Loelia pôde enlaçar o pai e beijá-lo.

— Conseguimos! Papai, conseguimos! Diga-me que está bem! Tinha tanto medo de que não fôssemos... chegar a tempo!

— Estou bem, minha querida — sossegou-a o pai, com voz fraca. — Mas, se Sua Excelência me permitir, gostaria de me deitar.

— Claro, claro! — exclamou Loelia.

— Trouxe algo para comermos — interrompeu lorde Braydon. — Mas suponho que nas atuais circunstâncias, uma taça de champanhe venha bem a calhar. Sugiro que vá para sua cabine enquanto chamo o camareiro.

Sorrindo, lorde Braydon, continuou:

— Vou tratar de dar-lhe uma régia gorjeta, de maneira que se houver perguntas, na fronteira, só tenha boas referências a nosso respeito.

Thurston Standish, apesar de muito fraco, conseguiu rir. Sem dizer mais nada, dirigiu-se a sua cabine, que ficava ao lado da de Loelia.

A jovem seguiu-o, com a intenção de ajudá-lo.

— Isto poderia ser um grave erro, minha filha. Sou o valete de Sua Excelência, e não podemos nos esquecer disto até deixarmos este país.

Loelia sabia que ele tinha razão.

Limitou-se a beijá-lo e foi em seguida para sua própria cabine, esperar por lorde Braydon.

Assim que o camareiro providenciou o pedido, lorde Braydon levou uma taça de champanhe a Loelia.

Em seguida, não sem examinar antes o corredor, foi até a cabine ao lado, com uma taça de champanhe e sanduíches de patê. Ao voltar, comentou com Loelia:

— Seu pai já está deitado, e diz que, diante de tudo, sente-se bem melhor do que esperava.

— Ele lhe disse mais alguma coisa?

Lorde Braydon hesitou, como se estivesse deliberando se devia ou não dizer a verdade. Depois falou:

— A princípio foi torturado, mas acabou convencendo os alemães de que, a menos que pudesse conservar suas faculdades, não conseguiria fazer o que lhe fora pedido.

— E o que é que eles queriam que fizesse?

— Loelia, ainda não tive oportunidade de falar sobre isso com seu pai, e você

sabe tão bem quanto eu que não devemos tocar no assunto até chegarmos a, território neutro.

Loelia teve de se satisfazer com esta resposta.

Enquanto ela bebericava seu champanhe, lorde Braydon sentou-se a seu lado.

— Suponho que saiba que foi absolutamente magnífica! Nunca acreditei que uma mulher pudesse fazer o que você fez com tamanha coragem.

Loelia enrubesceu diante da veemência de lorde Braydon, e não teve coragem de olhá-lo nos olhos.

— Você é linda, Loelia. Este tipo de vida não lhe convém. Devia estar brilhando na sociedade, e não se preocupando com intrigas internacionais.

— Sabe muito bem o que eu penso... da sociedade! — respondeu Loelia, com desprezo.

— E que sabe você dela? — retrucou lorde Braydon. — Quando contar a seu pai sobre aquela história que inventei para o barão Von Krozingen, vamos torná-la realidade.

Lorde Braydon sorriu para Loelia, com ternura.

— Vou pedir a uma de minhas parentes, quem sabe minha avó, a duquesa de Exmouth, para apresentá-la à corte e transformá-la no maior sucesso da temporada.

— Não, não! — protestou Loelia, com veemência. — Estas coisas não me... interessam. Prefiro mil vezes participar de aventuras como esta, ao lado de papai e... a seu lado.

Houve uma pausa breve antes das duas últimas palavras, e lorde Braydon perguntou, com genuína curiosidade:

— Quer dizer então que apreciou minha companhia?

— Claro que sim! — afirmou Loelia, sem timidez. — Eu não sabia que existiam. . . homens assim neste mundo.

Loelia desviou os olhos, mas continuou:

— É um homem rico, importante, tem mansões, cavalos de corrida... e muitos amigos na sociedade. Por que iria se preocupar com o tipo de missão que intriga e excita papai?

— Suponho que pelas mesmas razões de seu pai: elas me intrigam e me excitam!

— Mas nós não somos. . . ricos, papai não tem muitas outras coisas na vida. Seu caso é bem diferente.

— Talvez seja muita ganância, Loelia, mas eu quero mais do que luxo e diversões. Quem sabe se fosse casado, com uma família, seria diferente, mas mesmo que não me acredite, costumo entediá-me com excesso de pâté de foie

Loelia riu.

— É assim que se sente? Quantas vezes me perguntei se é possível alguém enjoar de coisas belas e luxuosas.

— Asseguro-lhe que é muito fácil.
— Mas isto não está certo. .. nem um pouco certo. Tem de haver outras coisas que possa fazer, em sua posição.

Lorde Braydon olhou-a, surpreendido.

— O que me sugere?
— Incentivar reformas, já que é membro da Câmara dos Lordes, Há tanta coisa a ser feita, tantas injustiças que deveriam ser reveladas e corrigidas.

Lorde Braydon agora a olhava aturdido.

Loelia tinha tirado o chapéu e seus cabelos refletiam o ouro do sol, reluzindo de encontro à madeira escura da cabine.

Sua pele fazia um contraste translúcido com o vestido senhoril que Watkins comprara para ela.

Lorde Braydon percebeu que Loelia era realmente bela, mas de uma beleza diferente da de outras mulheres.

Loelia tinha uma aura.

Havia nela uma mistura de juventude, pureza e espiritualidade.

De repente, já que a pergunta acabara de lhe ocorrer, perguntou:

- Que pretende fazer quando chegarmos à Inglaterra?
- Papai e eu iremos para casa.
- Já lhe passou pela cabeça que não tenho idéia de, onde vocês moram?

Loelia sorriu.

— Ao norte de Londres, em Hartfordshire. Vivemos num pequeno solar, com alguns acres de terra e alguns cavalos. É tudo.

Com um gesto mais eloquente que palavras, continuou:

— Percebe agora como seria difícil para um homem como papai contentar-se com isto? Ele conhece a fundo as complexidades de tantos países, e tem tanto para dar.

Olhando para lorde Braydon para ver se ele continuava interessado, Loelia prosseguiu:

— Era diferente quando mamãe estava aqui. Eram tão felizes juntos que nada mais tinha importância. Tentei substituí-la — contou Loelia, sorrindo. — Mas a vida sem ela nunca mais foi a mesma.

— Compreendo perfeitamente o que seu pai sentiu — respondeu lorde Braydon, com um tom de voz diferente. — Mas estou querendo saber sobre você.

- Eu... estarei bem. -
- E ficará sozinha de novo quando seu pai sair outra vez pelo mundo?
- Tenho muito que fazer em casa.
- Sem ninguém para admirá-la? Loelia sorriu de novo.

— Os cavalos me adoram. Atendem quando eu chamo e eu adoro cavalgar.

— Gostaria de lhe mostrar meus cavalos.

Lorde Braydon viu que os olhos de Loelia brilharam com o convite implícito.

— Adoraria vê-los! Acredito que seus estábulos em Bray Park estejam entre os melhores da Inglaterra!

— Quem lhe disse isto?

— Acho que li em uma revista ilustrada, e havia o retrato de sua casa. É muito grande.

— Sim, realmente — concordou lorde Braydon. — E, como seu pai, muitas vezes me sinto só, o que, de certa forma, explica por que faço isso.

— Mas é... perigoso — murmurou Loelia.

— Mas se estiver em perigo, daqui para frente, pensarei em você e tentarei chegar a seus pensamentos, para que vá me ajudar!

Lorde Braydon disse isto brincando. Mas Loelia olhou-o com seus grandes olhos e disse, muito baixinho:

— Gostaria muito... de poder ajudá-lo.

CAPITULO VI

Loelia continuava acordada em sua cabine.

Repassava, na memória, tudo o que tinha acontecido.

O movimento do trem parecia dizer-lhe que seu pai estava livre.

Mesmo assim, continuava preocupada com o que podia acontecer na fronteira.

Lorde Braydon, naquele seu jeito muito próprio, já tinha dado as instruções:

— Seria um erro enorme — tinha dito — ficarmos acordados e vestidos, como se estivéssemos esperando ser interrogados.

— Acha que vamos ser? — Loelia perguntara, com um tremor na voz.

— Com toda certeza Edersnier já se deu conta de que o prisioneiro escapou. A primeira coisa que fará será avisar a polícia secreta e todas as outras autoridades envolvidas no assunto.

Loelia tinha empalidecido.

Lorde Braydon, então, continuara, mas num outro tom: — Não acredito, porém, que o destino ou os deuses tivessem deixado que chegássemos tão longe para depois nos abandonar. — Não... é claro que não — concordara Loelia, com os olhos brilhando de esperança outra vez.

Quando o trem parou, subitamente, Loelia tinha acabado de pegar no sono. Seu coração por um breve instante também pareceu parar. Havia chegado à fronteira.

Apesar do que tinha dito a ela, lorde Braydon estava bastante ansioso, mas sem o demonstrar continuou calmamente deitado em sua cabine.

Manteve os olhos fechados até ouvir uma batida forte na porta.

Ignorou o chamado e, pouco depois, ouviu uma outra batida seguida de uma

voz autoritária:

— Abra, por favor, mein Herr.

Resmungando, mas de maneira a ser ouvido, lorde Braydon levantou-se com relutância e foi até a porta. Destrancou-a e abriu uma fresta.

— O que é? — perguntou.

— Documentos, por favor, mein Herr.

— Deus meu! — exclamou lorde Braydon, em inglês. — A esta hora da noite?

Deixou a porta aberta, entretanto.

Puxou do bolso do casaco uma carteira de couro e jogou-a sobre a cama.

— Aí estão! Os papéis de minha pupila e de meu valete, que viajam nas cabines contíguas também estão aí, portanto não há necessidade de incomodá-los,

O funcionário, que era um oficial graduado, lançou-lhe um olhar inquisitivo.

Bocejando, lorde Braydon voltou para a cama e, recostando-se nos travesseiros, fechou os olhos.

Devagar, com meticulosidade, o funcionário examinou os três passaportes,

— Fui informado, mein Herr, de que jantou ontem à noite com o comandante Edersnier.

Lorde Braydon abriu os olhos.

Depois de uns instantes, como se estivesse pondo as idéias em ordem, respondeu:

— Edersnier! Sim, claro, jantei com ele. Enrijeceu-se.

— E que tem isto a ver com o senhor? — perguntou, incisivo — Minha visita ao comandante foi particular, e meus motivos são assunto exclusivamente meu e de mais ninguém.

Falava da mesma forma como teriam falado os superiores do oficial.

Quase como se pedisse desculpas, o funcionário alemão explicou:

— Tenho de lhe fazer estas perguntas, mein Herr, porque fui informado por meus superiores de que um prisioneiro que estava sob a custódia do comandante escapou.

— Um prisioneiro? Que significa isto, um prisioneiro? — perguntou lorde Braydon, fingindo não compreender. — O comandante e eu jantamos sozinhos em sua residência. Se ele tinha algum prisioneiro, em algum lugar da cidade, não é assunto meu.

O oficial estava obviamente aturdido com o tom de lorde Braydon. Demorou algum tempo para falar.

— Fui instruído, mein Herr, para pedir-lhe que preste um depoimento à polícia naval.

— O que me pede é impossível! Peço-lhe a gentileza de informar a polícia de que estou voltando à Inglaterra, a pedido de Sua Majestade, a rainha. Recebi a mensagem por intermédio da embaixada britânica e sou esperado no palácio de

Buckingham.

Seu tom ficou ainda mais severo.

— Portanto, está fora de cogitação atrasar minha viagem, ainda que quisesse, mesmo que fosse por algumas horas apenas.

O oficial parecia indeciso.

Lorde Braydon percebeu logo que ele não era suficientemente importante para exercer autoridade sobre si. O pobre alemão hesitava, sem saber como agir.

— Não tenho mais nada a dizer — anunciou lorde Braydon peremptório. — Diga a seus superiores que podem entrar em contato comigo por meio do embaixador alemão em Londres. Ele sabe onde moro. Aliás, é um amigo pessoal. No momento, não tenho tempo para procurar, ou discutir, prisioneiros dos quais nunca ouvi falar.

Com voz imperativa, encerrou o assunto:

— Que fique bem claro: não sei do que o senhor está falando, e o meu contato com o comandante Edersnier se deu por motivos particulares.

Não restava mais nada ao oficial se não devolver os passaportes que ainda estava segurando.

Com uma reverência meio desajeitada, falou:

— Compreendo, mein Herr, e por favor desculpe a interrupção, mas estou apenas cumprindo ordens.

— Claro, claro! Feche a porta, sim. Não estou com vontade de levantar outra vez.

Bocejou de novo, fazendo um ar de cansaço e tédio convincentes.

O oficial fechou a porta.

Lá fora, manteve um longo colóquio sussurrado com dois outros policiais e o camareiro. Tentavam decidir se deviam ou não acordar Loelia.

O passaporte dizia tratar-se da srta. Johnson.

Lorde Braydon não conseguia ouvir o que diziam.

Mas percebia, pelo tom de voz do camareiro, que ele estava tentando tranquilizar os oficiais e convencê-los de que não havia nada de sinistro sobre os três passageiros.

Finalmente os alemães pareceram aceitar sua palavra.

Levaram porém um bom tempo até se afastarem pelo corredor.

O trem continuava parado na fronteira.

Lorde Braydon não se mexeu, embora soubesse que Loelia e o pai deviam estar muito ansiosos.

Receava que os oficiais estivessem pedindo instruções superiores.

Depois do que lhe pareceu uma eternidade, o trem se pôs novamente em marcha.

Somente quando a locomotiva acelerou é que lorde Braydon sentiu uma

sensação de alívio percorrer-lhe o corpo.

Queria falar com Loelia, acalmá-la.

Se fosse usar de toda a honestidade, ele também tinha estado apavorado com a possibilidade de tudo falhar no último momento.

Vestiu o robe de seda que Thurston Standish, fazendo seu papel, tinha tirado da mala.

Havia outra parada na fronteira holandesa.

Mas, como tinha previsto, ali foi uma questão de mera formalidade, e o trem passou sem sequer parar.

Só então lorde Braydon saiu de sua cabine e foi bater à porta de Loelia.

— Quem é? — indagou uma vozinha hesitante.

— Quero saber se está bem. A porta entreabriu-se.

Loelia não vestia nada sobre a camisola.

Seus olhos, escuros de medo, pareciam tomar conta de todo rosto.

Lorde Braydon sorriu para ela.

— Só vim lhe dizer que estamos livres e que o bicho-papão ficou para trás.

Estava tentando fazê-la sorrir.

Ela, porém, falou quase como uma criança assustada com a escuridão:

— Tem certeza? Tem mesmo certeza? Eu ouvi aqueles homens falando tanto tempo que fiquei com muito medo... muito medo mesmo.

— Claro que ficou — consolou-a lorde Braydon, com ternura. Oscilando um pouco devido ao movimento do trem, perguntou:

— Incomoda-se se eu entrar? Não quero perturbar seu pai, que deve estar dormindo, espero. Mas acho que devemos fazer alguns planos para quando chegarmos a Antuérpia.

Loelia não respondeu. Afastou-se da porta e voltou para a cama.

Lorde Braydon entrou, fechou a porta e sentou-se na beirada do leito.

Loelia, com as cobertas puxadas até o queixo, continuava olhando ansiosamente para ele.

— Está tudo bem, Loelia. Acho que consegui convencê-los de que nenhum de nós sabe nada sobre o prisioneiro que fugiu.

A jovem deu um suspiro fundo, que parecia vir de seu âmago.

— Talvez tenha sido tolice de minha parte ficar tão assustada... mas não tenho só papai com quem me preocupar. Afinal, fui eu que o arrastei para o meio disto tudo... uma coisa que nunca deveria ter acontecido.

— Acho que sem mim teria achado um pouco mais difícil tirar seu pai de lá — comentou lorde Braydon.

— Não quis dizer isto — corrigiu-se ela, muito depressa. Você foi maravilhoso conosco... ninguém poderia ter sido melhor.

Hesitou, e depois continuou, suavemente:

— Mas sé alguma coisa lhe acontecesse.. . papai e eu nunca nos perdoaríamos.
— Loelia, quero que esqueça tudo o que houve e comece a se divertir.
— Estou disposta a esquecer — disse ela, devagar. — Mas não tenho a menor vocação para divertimentos.

Antes de prosseguir, lançou-lhe um olhar nervoso.

— Preciso cuidar de papai e, além do mais, já lhe disse que não me encaixo na sociedade.

— Entendo seus sentimentos, mas continuo achando um terrível desperdício vê-la restrita a uma pequena casa com uns poucos acres de terra.

— Agora está usando minhas próprias palavras contra mim!

— Se quer que eu alargue os meus horizontes — retrucou lorde Braydon —, acho que deveria alargar os seus.

Loelia fez um gesto de quem não podia evitar ser como era.

— Acho que na verdade sou um "peixe fora d'água", como dizia minha ama. Não me encaixo em lugar nenhum.

— Agora está sendo modesta demais, Loelia. Falaremos disto uma outra hora. Sugiro que durma um pouco, e eu farei o mesmo.

Sorrindo para ela, lorde Braydon levantou-se. Antes de sair, ainda falou:

— Lembre-se sempre disto, Loelia. Tivemos sucesso onde muitos outros teriam fracassado.

Fechando a porta, foi para a cabine.

Levantou-se apenas quando o camareiro foi chamá-lo, avisando-o de que o desjejum estava sendo servido no vagão-restaurant; adiantou também que chegariam a Antuérpia dentro de uma hora.

Lorde Braydon não tinha intenção de ir até o restaurante, onde poderia encontrar algum conhecido.

Neste caso, teria de explicar por que Loelia estava viajando com ele.

E sabia perfeitamente bem o que as pessoas pensariam ao vê-lo com uma moça desacompanhada.

Também sabia que nem por um momento passaria pela cabeça de Loelia que poderia haver algo errado em viajarem juntos.

Pediu, então, que seu desjejum e o de Loelia fossem servidos nas cabines.

Infelizmente, não poderia fazer o mesmo para Thurston Standish, mas tinha certeza de que ele se arranjaria.

Na verdade, somente quando o trem entrou em Antuérpia é que ele apareceu na cabine de lorde Braydon.

Ainda estava vestido como um valete, e sua aparência era muito melhor.

Fechando cuidadosamente a porta atrás de si, disse:

— Como seu valete, peço-lhe desculpas sinceras por ter dormido demais

depois que deixamos a fronteira.

Lorde Braydon sorriu.

— Sei que deve ter ficado acordado até muito tarde, se perguntando o que estaria havendo. Confesso que também fiquei bastante inquieto.

Em seguida, narrou a Thurston Standish exatamente o que tinha se passado na fronteira.

— Acho que escapamos — concluiu lorde Braydon. — Mas não seria conveniente levantar nenhuma suspeita no camareiro. Vamos continuar com nosso plano até estarmos a bordo de meu iate, que já recebeu ordens de nos esperar no porto.

Thurston Standish começou imediatamente a fazer as malas.

A seguir, foi até a cabine de Loelia para pegar as bagagens dela.

O trem já estava entrando na estação.

Loelia compreendeu imediatamente que deveria continuar agindo como se seu pai fosse o valete de lorde Braydon.

Sem dizer nada, desceu à plataforma ao lado de lorde Braydon.

Assim que Thurston Standish conseguiu um carregador, o grupo se dirigiu pura o cais.

O iate estava ancorado ao lado do vapor que fazia a travessia do Canal, e trazia o pavilhão branco hasteado.

A embarcação era tão indiscutivelmente britânica que Loelia precisou se controlar para não correr.

Sabia que, uma vez a bordo, estariam definitivamente a salvo.

Thurston Standish pagou o carregador.

Assim que embarcaram, ele desceu imediatamente.

Preocupada, Loelia seguiu-o.

Sabia, instintivamente, que a cabine na extremidade da popa devia ser de lorde Braydon.

Sua cabine e a do pai estariam ao lado.

Entrou na cabine da esquerda.

Seu pai estava deitado na cama, com a mão protegendo um dos lados do corpo.

Horrorizada, viu que seus dedos estavam cobertos de sangue.

— Papai, papai! Que aconteceu?

— Suspeitaram de mim — conseguiu dizer, já quase desmaiado. — Alguém me apunhalou quando saí... da estação.

Loelia deu um grito.

Ao voltar-se em direção à porta, em busca de socorro, viu Watkins vindo em sua direção.

Estava sem o boné, mas ainda vestia a capa sobre o terno espalhafatoso.

— Papai foi apunhalado! — gritou ela. Watkins assumiu imediatamente o controle. Tirou a capa e o paletó.

Mandou que Loelia fosse buscar o capitão que, segundo ele, entendia bastante de ferimentos, e começou a prestar os primeiros socorros para evitar mais sangramento.

Mais tarde, ao lembrar-se de tudo, Loelia diria que tinha sido como entrar acordada num pesadelo.

Lorde Braydon decidiu zarpar imediatamente.

Em vez de partir diretamente para o alto-mar, porém, o iate iria pela costa, rumo a Calais, de onde a travessia até a costa inglesa era mais curta.

— Se ele precisar de um médico, o que "Watkins acha improvável, por enquanto, poderemos atracar em qualquer porto. Além do mais, precisamos poupá-lo o máximo possível de uma travessia agitada.

Lorde Braydon falava com calma e confiança.

Loelia, porem, não era tão tola que não soubesse que para alguém tão enfraquecido quanto seu pai, uma grande perda de sangue poderia ser fatal.

Watkins foi conversar com lorde Braydon, depois de cuidar do ferimento, e este pediu a Loelia que os deixasse a sós.

Estava sentada, tristonha, no salão, quando Braydon foi procurá-la.

Embora não estivesse chorando, ele sabia o que a jovem estava sentindo.

Sentou-se a seu lado num sofá forrado com um delicado chintz inglês.

Colocando a mão sobre as de Loelia, falou bem baixo:

— Podia ter sido muito pior.-Se tivesse acontecido enquanto ainda estávamos na Alemanha, talvez nenhum de nós tivesse escapado.

— Acha que papai... vai... morrer? — perguntou ela, num sussurro quase inaudível.

— Tanto Watkins como o capitão acham que ele teve muita sorte. O punhal não perfurou nenhuma artéria, de maneira que não é uma ferida muito complicada.

Falava com confiança.

Quando Loelia olhou para ele, para ver se dizia mesmo a verdade, lorde Braydon viu que as lágrimas lhe escorriam pelo rosto.

Sem pensar, pôs o braço em volta dos ombros dela.

— Está tudo bem — falou com suavidade. — Prometo a você que Watkins vai salvar seu pai como já me salvou antes. Ele é um enfermeiro nato, e sem dúvida deve ter sido um, na outra encarnação.

Olhou aquele rostinho reclinado em seu ombro. Sentia o corpo todo de Loelia tremendo como se tivesse sido sacudido por uma tempestade.

— Até agora foi tão corajosa — continuou ele. — Não podemos deixar que os alemães ganhem no último momento.

— Papai é tudo que tenho! — disse ela, a voz quase sumindo. — Não há mais

ninguém em minha vida. . . exceto papai.

Loelia sentia como se estivesse só, num mundo vazio.

Subitamente deu-se conta da força e da segurança do braço de lorde Braydon.

Ele a segurava contra si.

Sua mão ainda cobria as dela, entrelaçadas num esforço para se controlar.

Loelia percebeu, então, que quando ele a deixasse, sentiria muito sua falta.

Tanta falta quanto sentiria com a ausência do pai.

— Estive pensando, milorde — falou Watkins, enquanto arrumava o traje de noite de lorde Braydon. — Creio que aquele punhal era para mim!

— O que o leva a pensar isto?

— Bem, não acho que soubessem que o sr. Standish estava no meu lugar. Mas devem ter achado que eu tinha alguma coisa a ver com o desaparecimento dele. Então resolveram me dar uma espetada, por assim dizer, para que eu não me esquecesse deles.

Lorde Braydon compreendia o raciocínio meio tortuoso de Watkins, e via-se obrigado a lhe dar uma certa razão.

Concordava que seria muito típico dos alemães uma vingança assim, sem nada que a justificasse.

Aliás, tinha certeza absoluta que, àquela altura, estariam revirando Berlim, em busca de Thurston Standish.

Mesmo assim, duvidava que os alemães associassem seu valete, ou ele próprio, ao desaparecimento do prisioneiro.

Do contrário, teriam tido mais empenho em detê-lo.

— Acha que o sr. Standish vai ficar bom? — indagou ele ao criado, com voz preocupada.

— Vamos ter de fazê-lo comer bem, milorde. E evitar que perca mais sangue. Mas ele ficará "bom como pão". — Espero que esteja certo.

— Deixe por minha conta, milorde — assegurou Watkins, confiante. — De qualquer maneira, Vossa Excelência há de compreender que não poderemos movê-lo daqui, pelo menos por alguns dias.

— já esperava por isto, de maneira que ficaremos ancorados ao largo da costa francesa até que ele se sinta melhor. Só então cruzaremos o Mancha e voltaremos à normalidade.

Watkins deu um largo sorriso.

— Para mim está ótimo, milorde. Bem que gosto dos franceses. Pena não poder dizer o mesmo dos alemães.

Lorde Braydon riu do comentário. Naquele exato momento, sentia exatamente a mesma coisa que seu valete. Assim que terminou de se vestir, foi para o salão.

Loelia já o aguardava. Trajava um vestido de seda azul, muito bonito, porém mais adequado para a tarde do que para a noite. Era, entretanto, seu único vestido, à

exceção daquele com o qual viajara.

O azul pálido da seda realçava-lhe a beleza, ao mesmo tempo que a fazia parecer absurdamente jovem. Lorde Braydon teve de novo a sensação de estar tratando com uma criança. Ao mesmo tempo tinha consciência de ter a seu lado uma jovem culta e inteligente.

Ao vê-lo entrar no salão, elegantíssimo em seu traje de noite, Loelia olhou-o com admiração.

— Papai está dormindo calmamente — informou ela, ao ver Lorde Braydon.

— Fui até lá agorinha mesmo, e Watkins me disse que, antes de dormir, ele tomou um prato inteiro de sopa.

— Estou certo de que podemos deixar seu pai nas mãos habilidosas de Watkins — disse Lorde Bruydon, atravessando o salão. — Enquanto isto, sugiro que aproveitemos estas férias, longe dos problemas e aflições que tivemos.

— Tem certeza — perguntou Loelia em voz baixa — de que não deveria voltar imediatamente para a Inglaterra? Acho que devem estar sentindo. . . sua falta. E está perdendo todos os bailes e diversões da temporada.

Lorde Braydon sentou-se no sofá antes de responder.

— Quando fui enviado para a missão na Alemanha, me resenti de ter de perder todos os acontecimentos sociais de que fala você. Agora sinto-me muito feliz de estar onde estou.

Seus olhos brilharam, ao acrescentar:

— Mas é claro que será seu dever, pessoal, Loelia, certificar-se de que eu não sinta falta de nenhum tipo de divertimento.

Ele estava provocando a jovem que, mesmo assim, ficou preocupada com a responsabilidade.

— Como poderia sequer pensar em recompensá-lo por todos os prazeres que está perdendo. . . principalmente seus cavalos?

— Tinha um pressentimento de que voltaríamos a falar de cavalos, Loelia. E já que estamos ancorados numa parte da costa francesa onde sei que existem inúmeros estábulos, acho que deveríamos programar alguns exercícios. Cavalgaremos enquanto seu pai descansa.

Como por encanto, a preocupação desapareceu dos olhos da jovem.

— Acha mesmo que podemos sair a cavalo? Seria maravilhoso mas. . . sabe que eu não lenho traje de montaria?

— Então Teremos de enviar Watkins às compras mais uma vez — disse Lorde Braydon. — É uma coisa que o diverte. Aliás, preciso me lembrar de cumprimentá-lo pela escolha deste vestido que está usando hoje.

Loelia olhou-se como se só então tivesse se dado conta de seu traje.

Lorde Braydon perguntava-se intimamente quantas mulheres de seu círculo de relações teriam, realmente, esquecido do vestido que usavam.

— Com toda certeza é muito mais caro do que qualquer coisa que eu mesma pudesse pagar — falou ela, hesitante. — Por isso, por favor, não deve gastar mais dinheiro comigo.

— Este é um assunto que não pretendo discutir. Tudo o que você possuía ficou num lugar que é melhor não mencionarmos, portanto permita-me, pelo menos até que cheguemos à Inglaterra, providenciar para que esteja decentemente vestida.

— Eu, . . eu poderia procurar algo. . . barato que sirva para cavalgar.

— Só que "Watkins não vai gostar nada disto, ele se julga um bom árbitro em questões de moda!

Loelia não pôde deixar de achar graça.

— É tão mais fácil para mim dizer... muito obrigada por tudo... do que tentar me opor a suas decisões.

— Agora está sendo sensata — disseram lords Braydon, com um sorriso conciliador.

— Julga as pessoas sensatas quando concordam com o que quer?

— Mas é claro! É o que espero, principalmente quando estamos os dois envolvidos numa missão de grande importância.

Entendendo que não tinha sido suficientemente claro, lorde Braydon completou:

— Não se esqueça que você, eu e Watkins salvamos um dos homens mais importantes do serviço do Ministério do Exterior. Sei que o marquês de Salisbury ficará encantado conosco, ainda que ninguém mais venha a saber desta história.

Instintivamente, Loelia estendeu-lhe as mãos, dizendo:

— É difícil dizer-lhe o quanto significa para mim ter papai aqui conosco, vivo.

— Sugiro uma taça de champanhe — foi a resposta de Lorde Braydon. — Vamos celebrar esta que foi, indiscutivelmente, uma grande vitória! Só gostaria de ter visto a cara do comandante ao descobrir a porta trancada e "seu pássaro" desaparecido.

— Com toda certeza ele vai desconfiar de que sua visita teve algo a ver com o desaparecimento.

— Talvez suspeite, Loelia. Mas terá dificuldade em provar, mesmo para si próprio, que Watkins e eu estivemos diretamente envolvidos.

Enquanto falava, Lorde Braydon serviu o champanhe.

— O fato é que seu pai nunca poderá voltar a Alemanha. E o mesmo se aplica a você.

Loelia não conteve uma exclamação de horror.

— Acha que é possível... que quando fiquem sabendo que papai voltou a salvo, os alemães tentem.. feri-lo?

Loelia hesitou, antes de dizer "feri-lo".

No íntimo, temia que os alemães tentassem matá-lo.

Estendendo-lhe a taça, lorde Braydon sentou-se novamente.

— Agora preste atenção, Loelia. Já pensei sobre isto. Vou sugerir que, por algum tempo, pelo menos até que se tenha certeza que os alemães não estão mais interessados em seu pai, vocês dois venham morar comigo.

Loelia olhou-o com espanto.

Lorde Braydon sabia que ela nunca imaginara sequer que chegassem a ser seus hóspedes.

— Mas é claro que não podemos fazer isto!

— Não vejo por que não. Você me disse que já viu fotografias de minha casa, portanto deve saber que é suficientemente grande para acomodar seja qual for o número de convidados.

— Mas eles são seus amigos.. .

— Está sugerindo, depois de tudo que passamos juntos, que seu pai e você são diferentes?

Lorde Braydon viu o rubor subir às faces de Loelia. A jovem desviou o olhar, timidamente, enquanto falava: — Quero crer que sejamos... amigos.. Mas não como as pessoas... com quem se relaciona habitualmente. É diferente. ..

— Muito diferente! — concordou Lorde Braydon. Ergueu-se em seguida, pois o garçom já vinha trazendo o primeiro prato.

Na manhã seguinte, depois de certificar-se de que seu paciente estava bem, Watkins foi a terra.

Ao voltar, encontrou lorde Braydon sentado no deque.

Informou-o, então, de que dois cavalos estavam sendo trazidos do vilarejo mais próximo para o ancoradouro onde se achavam.

Watkins também tinha conseguido encontrar uma saia de montaria e uma blusa para Loelia.

— Há uma cidade perto daqui — disse Watkins. — Irei até lá amanhã ou quem sabe ainda esta tarde, para ver o que posso achar. Mas a srta. Loelia estará confortável neste traje que comprei, e bem bonita também.

Lançou ao amo um olharzinho um tanto impertinente.

Lorde Braydon ignorou-o.

— Obrigado, Watkins. Agora é melhor que mostre à srta. Loelia o que comprou, e providencie para que seu paciente tenha uma boa refeição.

Watkins não se deixou impressionar com os modos um tanto indiferentes do amo.

Apressou-se até a cabine de Loelia.

Ao menos ela estaria interessada em ouvir sobre as dificuldades que tivera para achar-lhe algo adequado naquele, como dizia ele, "ermo de Deus".

Depois de almoçar, Loelia desembarcou. Trajava uma blusa branca com apliques de renda e uma saia simples, porém elegante.

Ao se ver montada num puro-sangue, só pôde pensar que era a moça mais feliz do mundo.

Watkins não conseguira comprar-lhe um chapéu, e por isto tinha prendido bem os cabelos. Sem pensar em mais nada, deu rédeas ao belo animal.

Lorde Brayon cavalgava parecendo parte da montaria.

Era preciso também admirar o magnífico garanhão que Watkins conseguira arranjar para o amo.

Os dois partiram na direção dos campos silvestres que beiravam o mar. Passaram por um vale, onde vários camponeses trabalhavam a terra.

Havia calma e paz naquele lugar, tão diferente de Berlim.

Era difícil para Loelia acreditar que fizessem parte do planeta, de tão diversos que eram.

Observando-lhe o rosto, Lorde Braydon perguntou;

— Está feliz?

— Estava justamente pensando que acabo de entrar num conto de fadas e que todos meus desejos se fizeram realidade.

— Obrigado — disse ele bem-humorado. Loelia riu.

— Tenho até minha Fada Madrinha, ou melhor, tenho um Padrinho, ainda que não me lembre de nenhum conto de fadas com um padrinho.

— Bem, não estou tão mal assim, já temia que fosse ser escalado para barão malvado ou bruxo.

— Como pode dizer uma coisa destas? Claro que é o Príncipe Encantado...

— ... que descobriu que a Bela Adormecida era realmente uma princesa? — perguntou Lorde Braydon.

Loelia não olhou para ele ao dizer:

— Deve acontecer de vez em quando... ou será que todas as suas princesas sempre tiveram... sangue azul?

— Pensei que você estivesse num conto de fadas — respondeu lorde Braydon, com voz grave. — E nos meus livros, princesas não são nunca cínicas nem sarcásticas. Elas sempre vêem a vida com "lentes cor-de-rosa" e por isto vivem muito felizes.

Loelia disse, de um fôlego só:

— é o que quero ser, mas ainda sinto medo.

— Já lhe disse que o bicho-papão ficou para trás, e me recuso a pensar que tenha medo de mim.

— Não temo você... mas tenho receio de acordar. . . Lorde Braydon riu.

O dia começava a esfriar ligeiramente, e as sombras sob as árvores se alongavam.

Ao ver o Leão Marinho ancorado, o mar muito azul no horizonte, Loelia perguntou:

— Quanto tempo levará até que papai fique bom o suficiente para voltarmos à Inglaterra?

— Está com muita pressa?

— Não, claro que não! Só tenho medo de que se sinta entediado, e que nos tornemos um empecilho.

— Sou muito egoísta, Loelia. Jamais me permitiria ficar entediado. Na verdade, se estivesse, nada me impediria de dar ordens de zarpar rumo à Inglaterra, deixá-la e voltar para o que chama de minhas "diversões".

— é isto o que gostaria de fazer? — perguntou Loelia.

— Já disse que sempre faço aquilo que quero, exceto quando recebo ordens reais de visitar Berlim.

Loelia riu mais uma vez.

— Pelo menos aqui o príncipe de Gales não poderá enviá-lo a parte alguma, já que não sabe onde está!

— É justamente disto que estou gostando! Portanto, pare de ficar se atormentando com as coisas que acha que posso estar perdendo.

— Crê que é isto que estou fazendo? Mas não, engana-se. Quero ficar, claro. Quero ficar e sair a cavalo, conversar. ..

Nunca me diverti tanto assim.

Lorde Braydon nada disse e, depois de uma pausa, Loelia continuou:

— Não acreditava que pudesse haver um homem assim em todo o mundo.

O que quer dizer com isto?

— É tão jovem e ao mesmo tempo tão sábio que parece muito mais velho. Faz parte da sociedade mas, a menos que seja um ótimo ator, divertiu-se com nosso passeio a sós.

Loelia não falava como se estivesse querendo elogiar lorde Braydon.

Estava, por assim dizer, pensando alto.

— Estou disposto a concordar com você, Loelia. E a que conclusões chegou a meu respeito?

— Que é... único e... extremamente maravilhoso! Os olhos dos dois se encontraram.

E foi difícil separá-los.

CAPÍTULO VII

Lorde Braydon foi até a cabine de Thurston Standish, e o encontrou sentado na cama, escrevendo.

— Como se sente esta manhã? Thurston Standish sorriu e o convidou:

— Sente-se, por favor. Gostaria de lhe falar.

— Já imaginava, mas achei melhor deixá-lo sossegado por alguns dias, até que estivesse perfeitamente recuperado do ferimento.

— Estou muito melhor, obrigado — respondeu Thurston Standish, — E, antes de prosseguirmos, deixe-me entregar-lhe meu relatório completo sobre o canhão no qual estava interessado.

Assim dizendo, Thurston Standish estendeu um maço de papéis para lorde Braydon.

Um simples passar de olhos foi suficiente para verificar que continham exatamente aquilo que queria saber.

— Posso levar estes papéis para o príncipe de Gales? — perguntou Lorde Braydon. — E deixar que Sua Alteza os entregue ao marques de Salisbury?

Falava com certo receio de que isso fosse quebrar as normas.

Afinal, Thurston Standish tinha sido enviado à Alemanha sob as ordens do marquês de Salisbury, ministro do exterior.

— Considerando-se que salvou minha filha e a mim, não poderia ser tão mesquinho a ponto de lhe negar seja o que for.

Lorde Braydon não respondeu.

Examinava os papéis e pensava em como o príncipe de Gales ficaria satisfeito.

Sua Alteza teria algo de concreto para relatar ao marquês, e seria "o primeiro a saber".

— Deve imaginar que lhe serei eternamente grato — continuou Thurston Standish —, não só por ter me tirado de Berlim como também por ter salvo Loelia das terríveis consequências de sua impetuosidade.

— Espero que não tenha ficado muito bravo com ela — apressou-se em dizer lorde Braydon. — Ela sabe que cometeu um erro e nunca mais voltará a cometê-lo.

— Não, pelo menos no que me diz respeito — retrucou Thurston Standish, em voz baixa.

Lorde Braydon olhou-o sem compreender.

— Esta foi minha última missão e, graças a sua intervenção, bem-sucedida. Não tinha nenhuma vontade de puxar a cortina sobre um fracasso.

— Não compreendo!? - murmurou lorde Braydon.

— Então serei mais claro. Embora ninguém saiba de nada, exceto meu médico, sou um homem muito doente.

Lorde Braydon estava chocado.

— Quando parti para a Alemanha, já sabia, pelo que o médico dissera, que se não conseguisse trazer de volta o projeto do canhão, que tanto interesse despertou no marquês de Salisbury, não teria importância. Pelo menos não para mim.

Lorde Braydon continuava sem entender, mas nada disse. Thurston Standish, percebendo sua perplexidade, prosseguiu:

— Estou com tuberculose, e um dos pulmões já está muito afetado. Como sabe, é apenas uma questão de tempo até que eu morra. Os médicos foram francos e disseram que não há nada a fazer.

— Sinto muito... sinto muitíssimo — declarou Lorde Braydon, extremamente chocado.

— Não sinta pena de mim. Se não posso mais fazer aquilo que gosto, prefiro morrer.

Thurston Standish falava com naturalidade e calma, e lorde Braydon comentou:.

— De certo modo acho que entendo o que está sentindo.

Naquele momento pensava no pequeno solar e nos poucos acres de terra onde ele morava, conforme a descrição de Loelía.

Sabia que era um mundo restrito demais, ele próprio se sentiria sufocado. Que dirá um homem como Thurston Standish, |que tinha percorrido o mundo todo.

— O que pretendo fazer — explicou Thurston Standish, com firmeza —, é terminar meu terceiro livro e deixá-lo, junto com os outros dois, sob sua responsabilidade.

Olhou para lorde Braydon intensamente.

— Se me permite, eu o nomearei meu testamenteiro. Poderá publicá-los quando achar seguro. Sei que passará às mãos de Loelia qualquer rendimento que porventura venham a ter.

— Mas é claro que farei isto. Só posso lhe dizer, Standish, que sua falta será muito sentida. E que seus feitos notáveis circulam quase como lendas a portas fechadas.

Thurston Standish riu.

Lorde Braydon percebeu então que ele estava realmente muito doente.

Talvez não conseguisse chegar ao fim de seu terceiro livro.

Olhou mais uma vez para os preciosos papéis que levaria para o príncipe de Gales, antes de dizer:

— Tenho uma sugestão a fazer, e espero que aprove. Thurston Standish recostou-se nos travesseiros como se estivesse subitamente muito cansado.

Preparou-se para ouvir o que lorde Braydon tinha a dizer.

— A esta altura a polícia secreta alemã já sabe que tem o segredo da nova arma, e estará a sua procura. Os alemães farão todo o possível para que não transmita o segredo.

Thurston Standish não disse nada, mas sabia que lorde Braydon dizia a verdade,

— Por isto, sugiro que fique aqui em meu iate até terminar o livro.

Não havia necessidade de explicar o que isto significava.

Ele ficaria livre de toda perseguição.

Livre do medo de que alguém entrasse em sua casa para matá-lo.

Livre, sobretudo, das apreensões de que algum transeunte inofensivo pudesse ser seu carrasco.

— Já pensei em tudo, e meu iate poderá levá-lo aonde deseje ir. Pessoalmente, acredito que um lugar com sol é a melhor coisa para sua saúde.

Lorde Braydon sorriu e continuou:

— Uma viagem ao Mediterrâneo seria bastante agradável nesta época do ano.

— Seria maravilhoso — explicou Thurston Standish, ainda com voz cansada.

— Se pudesse escolher um lugar onde repousar meus ossos, este lugar seria a Grécia.

— Então o iate está a sua disposição. Pode estar certo de que cuidarei de Loelia.

— É isto o que vem me preocupando mais. Tenho duas irmãs mais velhas e vários primos que estariam dispostos a olhar por ela.

Thurston Standish suspirou, prosseguindo a conversa.

— Receio, porém, que ela ache a vida com eles extremamente monótona e restrita, depois de tudo que passamos juntos.

— Prometo-lhe que cuidarei de Loelia. Lorde Braydon levantou-se, e declarou:

— Vou sair a cavalo com ela, agora, e na volta darei ordens para zarpar. Estou ansioso para ver o príncipe de Gales e deixar estes papéis sob sua guarda, antes que alguém tenha a chance de roubá-los.

— Espero que isto nunca venha a acontecer — comentou Thurston Standish, apreensivo. — Poderia, é claro, refazer tudo, mas com um certo esforço.

— Não há motivo para se preocupar.

Saindo da cabine, Lorde Braydon encaminhou-se para o convés, onde Loelia já o esperava para a cavalgada.

Ela parecia a própria encarnação da primavera, no novo traje verde que Watkins adquirira na cidade vizinha.

O tecido, embora não fosse dos mais finos, tinha uma elegância própria dos franceses. O chapéu combinava à maravilha.

— Watkins andou de novo fazendo as vezes de Frederick Worth — disse a jovem rindo, aludindo ao mais célebre dos costureiros da época. — Espero que a escolha dele mereça sua aprovação.

— Está muito elegante, Loelia. Mas terá de comprar um outro traje de montaria, antes de se apresentar numa caçada inglesa.

— Desconfio que isto jamais acontecerá. As caçadas sempre estiveram fora do alcance de nossa família. Mas tenho certeza de que nossos cavalos ficarão encantados com minha aparência.

Ela o estava provocando.

Lorde Braydon ia responder alguma coisa, mas mudou de idéia. Sem dizer mais nada, guiou seu cavalo em direção ao campo.

À hora do almoço, pararam numa pequena estalagem, onde lhes foi servida

uma refeição deliciosa.

Loelia e Lorde Braydon conversaram animadamente o tempo todo.

Na volta, a caminho do iate, a jovem ia pensando que nunca se divertira tanto na vida. Lorde Braydon era um homem muito inteligente.

Ele, por sua vez, brincava e a fazia rir como se fossem os dois da mesma idade.

Ao chegarem ao pequeno embarcadouro, um cavaleiro esperava para levar os animais embora. Só então lorde Braydon lhe disse:

— Agora terá de se despedir de nossas montarias, Loelia, Não veremos mais estes cavalos.

Loelia olhou-o.

Sua expressão, por alguns instantes, era quase de pânico.

Depois, controlando-se, conseguiu dizer:

— Serei eternamente grata a eles. . . por se portarem tão, bem comigo.

Lorde Braydon ajudou-a a desmontar. Sentiu o tremor que percorreu o corpo da jovem. Pagou o cavaleiro e, ao lado de Loelia, encaminhou-se na direção do iate.

Assim que embarcaram, Loelia correu até a cabine do pai. Watkins vinha saindo, e avisou-a em voz baixa:

— O sr. Standish está dormindo, senhorita.

— Então não vou incomodá-lo. Ele comeu bem no almoço?

— Ele tentou, senhorita. E à tarde trabalhou um pouco no livro, mas acho que o esforço o cansou.

— Ele não pode se exceder — comentou Loelia, preocupada. Dirigindo-se para sua cabine, ia pensando como seria a travessia para o pai.

Aiém disso, haveria também o trajeto para casa, ou para a mansão de lorde Braydon.

Loelia gostaria de ter conversado sobre o assunto com o pai, mas temia preocupá-lo desnecessariamente.

Por isto tinha decidido esperar, mas agora começava a ficar inquieta.

Embora Watkins tivesse assegurado que ele estava melhor, sentia que continuava muito enfraquecido.

Ainda não tinha perdido aquela palidez que tanto a assustara ao vê-lo no porão do comandante Edersnér.

Queria falar sobre isto, mas achou que lorde Braydon talvez preferisse ficar a sós, depois de ter passado o dia inteiro com ela.

Tirando o traje de montaria, Loelia recostou-se na cama para descansar um pouco antes do jantar.

No íntimo, gostaria de ter continuado conversando com ele. Guardaria para sempre estes momentos.

Nunca levou muito a sério a sugestão de lorde Braydon para que ficassem, ela e o pai, em sua casa, em Oxfordshire.

Não seria certo abusar da boa vontade dele.

Ao mesmo tempo, pressentia que deixá-lo seria pura agonia.

Ali, naquela cabine confortável, Loelia rezava para que pudesse ficar com lorde Braydon um pouco mais.

Quando se separassem, seu mundo seria muito pequeno e solitário.

"Papai logo partirá em outra missão", pensava ela. "E não restará outra coisa para mim a não ser os cavalos e a preocupação para com papai".

Um arrepio perpassou-lhe o corpo ao imaginar que talvez os alemães continuassem procurando seu pai, por vingança.

"Que farei? A quem pedirei ajuda?" perguntava-se, enquanto o sol se punha no horizonte.

Lorde Braydon era a única pessoa em quem confiara, a única a quem podia pedir ajuda.

"Mas não posso continuar a incomodá-lo", pensou com angústia.

Ao lembrar-se de como ele tinha sido bom, como era forte e autoritário, quando se fazia necessário, Loelia percebeu que lorde Braydon preenchia todo seu mundo.

Tinha tentado não pensar no assunto, mas sabia que o amava.

"Eu o amo! Eu o amo muito!", pensava, inquieta. Sentia-se protegida porque estava no iate dele. O Leão-Marinho era como um palácio mágico porque era dele. "

Exatamente como tinha dito, brincando, dias atrás, ele era o Príncipe Encantado.

— Mas eu não sou Cinderela, Bela Adormecida nem a princesa de seus sonhos — murmurou desconsolada.

Sentiu que as lágrimas lhe escorriam pelo rosto.

Neste momento desejou a lua, mas esta ficaria sempre fora de alcance.

— Eu o amo! — repetia baixinho enquanto se arrumava para o jantar.

Vestiu um novo vestido que Watkins comprara junto com o traje de montaria.

Era uma roupa muito simples, mas possuía aquele charme que sempre parecia faltar nas criações inglesas. Fazia sua cintura parecer ainda mais fina. A saia ampla dava a Loelia o aspecto de uma flor.

Ela não sabia que, para lorde Braydon, era um botão de rosa ainda fechado.

Ele esperava por ela no salão. Agora que tinha admitido amá-lo, sentia dificuldade em olhá-lo nos olhos. Sentiu-se tímida ao ir em sua direção.

O iate estava ancorado, e o mar calmo. Havia apenas o murmúrio da água batendo suave no casco, e o sol, incendiado no horizonte, lançava laivos de luz dourada pelas escotilhas.

Para Loelia, tudo fazia parte de seu conto de fadas.

Lorde Braydon levantou-se ao vê-la entrar. Para ela nenhum outro homem seria tão esplêndido e cativante em trajes de noite.

— Watkins me disse que havia comprado um novo vestido. Espero que você mesma já tenha notado que lhe cai muito bem, Loelia.

Ela enrubesceu.

Embora constrangida, sentiu necessidade de perguntar-lhe:

— Esta é a última noite que... passamos juntos?

— Espero que não — respondeu lorde Braydon. — Mas falaremos sobre isto depois do jantar.

Os garçons já estavam começando a servir.

Assim como já tinha ocorrido no almoço, falaram de assuntos que lorde Braydon nunca tinha conversado antes com mulheres.

Loelia, pelo convívio com o pai, e por ter lido muito, era uma interlocutora fascinante.

Às vezes lorde Braydon tinha dificuldade em achar argumentos para prosseguir com os assuntos que ela introduzia na conversa.

A noite transcorreu animada e, terminado o jantar, Loelia foi até a cabine do pai, dizer-lhe boa-noite.

Thurston Standish estava muito sonolento, e ela não ficou mais que alguns minutos com ele. Saindo da cabine, foi ter com lorde Braydon,

Ele não estava mais no salão, mas sim no deque, admirando o mar. Os últimos reflexos dourados do sol refletiam na água.

Loelia aproximou-se.

Lorde Braydon continuou em silêncio, olhando para ela.

Com medo de fitá-lo, Loelia desviou o olhar.

— Esta é nossa última noite aqui — disse ele finalmente. — Pergunto-me se você foi tão feliz quanto eu, nestes últimos dias.

— Sentiu-se realmente feliz?

— Muito feliz, Loelia.

Ela deu um pequeno suspiro de satisfação.

— Tinha tanto medo de que se sentisse... entediado.

— Sempre achei que o tédio é fruto do óbvio, principalmente de saber o que a pessoa com quem se está dirá a seguir.

Lorde Braydon ficou alguns momentos em silêncio, mas como Loelia nada dissesse, continuou:

— Você foi muito original e muito diferente, desde o momento em que a conheci.

— Obrigada.

— Depois de termos passado juntos por situações tão diversas, me pergunto se irá sentir minha falta.

As palavras de lorde Braydon magoavam Loelia, porque nelas parecia implícito que não mais se veriam.

Por alguns momentos estive a ponto de lhe dizer o quanto iria sentir sua falta, e como a vida sem ele nunca mais seria a mesma.

Mas tive medo de que a confissão o constrangesse. Desviando os olhos em direção ao mar, Loelia falou:

— Haverá tantas outras coisas... para interessá-lo... mas eu jamais esquecerei como foi bom, como foi inteligente... como foi maravilhoso.

— Fala sério? — perguntou lorde Braydon, com sua voz profunda. — Gostaria muito que fosse verdade o que me diz.

— Mas é claro que é!

— Só poderei ter certeza disto se você olhar para mim, Loelia.

Ela, porém, tinha medo de que lorde Braydon percebesse seus verdadeiros sentimentos, e continuou olhando o mar. Não conseguiu resistir por muito tempo. Sem se mover, sem nada dizer, lorde Braydon parecia comandar seus atos. Devagar, voltou a cabeça para ele. Mais vagorosamente ainda, ergueu os olhos.

Naquele instante, nenhum dos dois se moveu.

Para Loelia, era como se existissem somente aqueles dois olhos cinzentos no mundo todo.

De mansinho, como se tivesse medo de assustá-la, lorde Braydon puxou-a mais para perto de si.

Sentiu o tremor que tomava conta do corpo da jovem. Loelia estava junto dele. Tremia, mas não era de medo.

Lorde Braydon olhou-a com olhos perscrutadores, os lábios entreabertos. Loelia parecia fazer parte do próprio sol. Aproximou-se mais. Aprisionou-a com um beijo.

Era como se o mundo tivesse parado para ela. Toda a luz do sol vinha de lorde Braydon. Este era o beijo que tinha desejado, mas que nunca esperou receber.

Era feliz, e o mundo maravilhoso. Pertencia a ele, completamente.

Nada mais importava, exceto a força daqueles braços a sua volta, e o êxtase que sentia, como se o sol estivesse dentro de seu corpo.

Quando lorde Braydon ergueu a cabeça, Loelia disse numa voz que não parecia a sua:

— Eu o... amo!

Falava quase inconscientemente.

Lorde Braydon não encontrou palavras para expressar o que sentia.

Beijou-a outra vez.

Seu beijo tinha agora um toque de fogo.

Era como se todo o sol que Loelia sentia dentro de si tivesse se transformado em chamas que subiam dos seios até os lábios.

Sentia uma sensação tão diferente de tudo que chegou a pensar que morreria. Parecia estar no céu, um céu tão cheio de êxtase e glória que não poderia ser

transformado em palavras.

Loelia não pensava mais. Apenas sentia o que jamais sentira antes.

Os beijos de lorde Braydon a tinham levado até a lua, ao sonho inacessível.

Centenas de estrelas luziam dentro dela. e o sol queimava feito fogo.

Loelia escondeu o rosto no ombro do homem amado.

Lorde Braydon apertou-a ainda mais contra si e disse, com voz embargada:

— Eu a amo, minha querida! Tinha tanto medo de assustá-la ainda mais, mas agora que sei que me ama, acabaram-se as tempestades.

— Eu o amo! Eu o amo muito! — sussurrou Loelia.

— Quero que me diga isto mais e mais, até eu ter certeza. Receava que não me achasse inteligente o bastante.

Loelia riu.

— Como pude ser tão tola? Por que não percebi antes que existem homens como você neste mundo?

— Bem, mas agora estou aqui e não pretendo deixá-la sair à procura de ninguém mais.

— Jamais!

Depois, para se certificar de que não estava sonhando, Loelia ergueu a cabeça para perguntar-lhe;

— Você disse.. , realmente. . . que me ama?

— Amo-a tanto que não penso em mais nada neste mundo. Vamos nos casar assim que chegarmos à Inglaterra.

— C.. . casar?

Loelia mal podia pronunciar a palavra.

— É costume, meu tesouro, quando duas pessoas se amam.

— Mas nunca pensei... nunca sonhei... que você quisesse casar comigo! Um homem tão importante, tão aristocrata, talvez eu não corresponda a seus anseios e aí.. se arrependerá.

Lorde Braydon riu, numa alegre gargalhada.

— É um risco que terei de assumir. Mas acho muito difícil, minha adorada, que nos sintamos entediados na companhia um do outro. A não ser, é claro, que você me ache desinteressante, depois de tudo que viveu ao lado de seu pai.

— Como pode dizer algo tão tolo?

Só então Loelia percebeu que ele estava brincando, e acrescentou:

— Eu quero muito casar-me com você. . . mas acho que não deve fazer isto.

— Está sugerindo que, apesar do que sentimos um pelo outro, eu deveria deixá-la?

Instintivamente, Loelia se aproximou dele. Ela segurava na lapela de sua casaca, como se tivesse medo que ele desaparecesse.

— Não poderia suportar perdê-lo agora — disse de novo, assustada.

- Isto jamais ocorrerá.
- Mas suponha. . . apenas suponha que os alemães. . .
- Proíbo-a de pensar nisto! — disse lorde Braydon, num tom categórico. —

Na Inglaterra estaremos bem protegidos, e já providenciei tudo para que seu pai fique em absoluta segurança.

Lorde Braydon quase terminou a frase com um "enquanto ele viver".

Mas conteve-se, sabendo que seria cruel aumentar os receios de Loelia em relação ao pai. Depois que tivesse se tornado sua esposa, seria mais fácil para ela entender.

Inteligente como era, compreenderia que Thurston Standish preferia morrer no auge da carreira.

Ele era o tipo de homem que detesta envelhecer por entender que a velhice o impediria de poder viver perigosamente.

Lorde Braydon jurara para si mesmo que a protegeria pelo resto da vida.

Sabia que a primeira tarefa seria fazê-la tão feliz que, quando o pai morresse, o choque não fosse tão sério quanto seria em outras circunstâncias.

Seria uma dor que ambos enfrentariam juntos.

Suas vidas se enriqueceriam com sua lembrança, em vez de se tornarem amargas com sua ausência.

Lorde Braydon falou bem baixinho:

— Quero que você saiba meu amor. Seu pai pôs no papel tudo o que descobriu na Alemanha, e agora é minha obrigação levar estas informações o quanto antes para o príncipe de Gales.

Trouxe-a mais para perto de si, e continuou:

— Mas não posso deixá-la, e não quero deixá-la. Levo você como minha esposa.

— Tem certeza que é a coisa certa a fazer?

Loelia falava com uma certa ansiedade, mas ao mesmo tempo Lorde Braydon notava que estava radiante de felicidade. Todo o seu rosto parecia iluminado por uma luz interior.

Havia em torno dela uma aura que a tornava mais bela do que qualquer outra criatura no mundo.

— É o que faremos. Quanto a seu pai, como ele precisa estar livre de preocupações e de perigo, ficará no iate para terminar o livro.

— Papai vai adorar! — exclamou Loelia, sem conter a satisfação. — Sei que ficará feliz a bordo deste iate. E eu não ficarei preocupada com a polícia secreta alemã.

— Você não vai ficar preocupada com nada depois que for minha esposa. A não ser comigo, naturalmente!

— Vou tomar conta de você. Antes de mais nada, vou amá-lo... amá-lo com

todo meu coração e minha alma. Acha que será suficiente?

Havia um tom de sincera preocupação na voz de Loelia, e lorde Braydon respondeu-lhe, sorrindo:

— Você sabe que é isto que desejo e é disto que sempre senti falta na vida.

Ele a olhava como se quisesse guardar para sempre na memória a expressão de Loelia.

— Seria bobagem negar, minha querida, que outras mulheres me amaram, à maneira delas, mas você é a única que rezou por mim, que leu meus pensamentos, e que me dá algo que nunca recebi antes.

— O quê?

Lorde Braydon tinha os lábios muito próximos aos dela, quando respondeu:

— Soube quando a beijei, agora há pouco, que você me deu não só seu coração mas também sua alma.

— E de você — murmurou ela — eu recebo o sol, a lua, as estrelas, e a luz que sei que vem de Deus.

Lorde Braydon beijou-a novamente.

Estava mais possessivo, mais exigente, mais apaixonado.

Loelia não sentiu medo.

Sabia agora que o amor não era somente aquela doce emoção romântica que imaginara antes. Era algo muito mais emocionante, forte e vigoroso como a própria vida.

Podia ser tão calmo e quieto como o mar batendo de encontro ao casco daquele iate, mas também podia ser tempestuoso e violento como uma tormenta.

Sabia que lorde Braydon teria muito de ensiná-la.

Seu corpo já respondia ao dele de uma maneira que nunca julgou ser possível.

Estava plenamente consciente de que descobrira o amor em todo seu vigor e majestade.

Lorde Braydon beijou-a e continuou beijando-a, como se quisesse ter certeza de que ela era sua para todo o sempre.

Em seu coração, Loelia repetia:

— Eu o amo e nem a morte nos separará.

O iate já havia ancorado no porto inglês quando Loelia abriu os olhos, sonhadores. Tinha adormecido com a sensação de que toda sua vida mudara. Não era mais ela própria, mas alguém que fazia parte do homem amado.

Tinha deixado lorde Braydon já bem tarde.

Muito mais tarde ainda, ou melhor, só de madrugada, é que tinha conseguido pegar no sono.

O sol, portanto, já ia alto.

Teve medo de que seu pai estivesse preocupado com ela.

Levantou-se e, colocando um bonito *négligé* de algodão, comprado também por Watkins, foi até a cabine do pai.

Ele estava sentado na cama, escrevendo e, ao vê-la, falou:

— Já fui informado, minha querida filha, que hoje é o dia de seu casamento!

Loelia correu a abraçar o pai.

— Papai, estou tão feliz!

— E eu mais feliz ainda por você, minha filha adorada. Acho que o destino trouxe o homem certo para sua vida. Sei que vocês pertencem um ao outro, assim como sua mãe e eu.

— Sei que está certo, papai. Mas, meu querido, não quero perdê-lo. Quando ficar bom, quero que venha morar conosco.

— Por enquanto tenho muito que fazer — respondeu Thurston Standish, sorrindo para a filha. — Terminarei mais rápido se estiver sozinho, e aceitei a oferta de seu futuro marido para ficar neste iate. Pretendo visitar o Mediterrâneo num estilo bem diferente de minhas visitas passadas. Loelia riu muito.

— Sem dúvida vai se sentir bem mais confortável aqui do que naquele trem lotado, lembra-se, durante a viagem que fizemos à França.

Thurston Standish lembrava-se bem.

— Esta é uma aventura que não posso esquecer de contar em meu livro!

— Fale de mim também, papai. Quando os livros forem publicados, o senhor ficará muito famoso, sem dúvida alguma, e quero tomar parte!

— Uma grande parte! — concordou Thurston Standish, rindo das recordações.

Loelia beijou o pai,

Depois conversaram sobre o que ele faria assim que terminasse o cruzeiro pelo Mediterrâneo.

Um pouco mais tarde, Loelia voltou à sua cabine para se vestir.

Encontrou, sobre a cama, um lindo vestido branco. A seu lado estava uma grinalda de flores e um magnífico véu de renda de Bruxelas, com toda certeza caríssimo.

Adivinhou que Watkins tinha estado bastante ocupado pela manhã.

Era extraordinário que tivesse tanto bom gosto.

Vestiu-se, mas esperou, pacientemente, que alguém viesse buscá-la.

Ajoelhou-se, então, e rezou para que seu marido nunca se cansasse dela.

Pedi também que o amor que os unia continuasse forte e belo para o resto da vida.

— Ajude-me, mamãe, Sei como foi feliz com papai, e como cuidou bem dele. Quero ser igual.

Loelia estava tão absorvida em suas preces que nem notou quando a porta se abriu.

Não se deu conta, portanto, de que lorde Braydon estava atrás dela, observando-a.

Ele não esperava encontrá-la rezando. Mais uma vez confirmou-se sua impressão de que Loelia era diferente de todas as mulheres que conhecera.

Tão diferente que parecia inacreditável que tivesse tido a sorte de encontrá-la.

A intensidade de seus sentimentos era tanta que penetrou o pensamento de Loelia, ela voltou-se.

Ao vê-lo, levantou-se de um salto e correu para ele.

Lorde Braydon tomou-a nos braços e beijou-a, não com paixão e sim com delicadeza, como se ela fosse infinitamente preciosa.

Loelia sentiu que ele se entregava a ela para sempre.

— Está tudo pronto, minha querida! Há uma carruagem esperando por nós no cais, para levar-nos até a igreja.

Loelia nem compreendeu direito o que ele dizia. Estava totalmente invadida pelo amor que sentia. Olhando-o, disse emocionada:

— Como é possível que eu o ache sempre mais bonito, a cada vez que o vejo?

— É assim que quero que pense — disse Braydon, sorrindo. E cada vez que a vejo, amo-a ainda mais do que cinco minutos atrás.

Lorde Braydon beijou-a de novo e saíram de mãos dadas, em direção à cabine de Thurston Standish.

Loelia beijou o pai, lorde Braydon deu-lhe a mão e não havia necessidade de mais palavras.

Estavam os três na mesma sintonia. Tinham encontrado aquiio que buscavam na outra pessoa.

Tudo podia ser resumido em uma única palavra: Amor.

Loelia e lorde Braydon casaram-se na igrejainha situada no próprio cais.

Forrada por redes, era lá que as esposas dos pescadores rezavam para que seus maridos voltassem a salvo do mar.

Lá dentro, a atmosfera era de fé e amor.

Loelia sabia que igreja alguma de Londres teria aquela aura.

Depois de terminada a cerimônia, com bênçãos do padre ainda ressoando dentro deles, voltaram ao iate.

Um almoço leve já os esperava. Logo em seguida, tomaram a carruagem que os levaria até a estação.

Para a alegria de Loelia, havia um vagão especial no trem, que os levaria até a estação mais próxima da mansão de lorde Braydon, em Oxfordshire.

Ela nunca tinha estado num vagão particular.

Lorde Braydon observava, enquanto examinava tudo, como uma criança que acaba de ganhar uma casa de bonecas.

— É muito emocionante — concluiu, sentando-se ao lado do marido na sala de

estar.

Em vez de poltronas individuais, o compartimento possuía sotas confortáveis.

— É emocionante porque podemos ficar a sós, minha querida.

— É o que mais quero também. Acho que ficarei muito assustada quando tiver de conhecer todas aquelas pessoas que estarão se perguntando por que se casou comigo.

— Basta que olhem para você e saberão a resposta! Ao mesmo tempo, meu tesouro, você e eu temos mil respostas muito diferentes para dar.

Lorde Braydon aproximou-se um pouco mais de Loelia, que perguntou:

— Diga-me quais são.

Ele olhou-a com uma expressão que ninguém jamais vira em seu rosto.

— Amo-a não só porque é bela, porque esta beleza não reside apenas em seus traços perfeitos, na pele translúcida, nestes seus olhos divinos. Amo-a, meu precioso tesouro, porque esta beleza vem do coração e da alma, e ambos me pertencem.

Era impossível haver alguém mais feliz que Loelia.

— Amo você não só porque é o homem mais bonito do mundo, mas porque para mim você é o homem mais inteligente, o mais compreensivo e o mais generoso do mundo.

Lorde Braydon beijou-a tanto que o vagão parecia dançar à volta deles.

Não existia mais nada no mundo exceto amor e um brilho radiante que vinha de dentro dos dois.

Loelia estava tão feliz que não se perturbou nem se intimidou com o tamanho da mansão de lorde Braydon.

Nem com o exército de criados que os aguardava à entrada.

Já informado do casamento, o mordomo fez um pequeno discurso dando as boas-vindas aos recém-casados e saudando Loelia.

Como ela tinha capacidade de ler pensamentos, percebeu que nenhum dos criados pensava em lorde Braydon como um amo prepotente.

Os membros mais velhos da criadagem estavam lembrando do menino que tinham visto crescer e a quem amavam quase como se fosse um filho.

Loelia deu a mão a todos.

Em seguida, lorde Braydon levou-a para o andar de cima, dizendo:

— Estamos ambos muito cansados da viagem, e dei instruções para um jantar informal.

Pondo o braço no ombro de Loelia, enquanto caminhavam pelo amplo corredor, Lorde Braydon continuou:

- Pedi que o jantar fosse servido em seu boudoir. Tudo que você tem a fazer é mergulhar num banho de espuma, e vestir o négligé que Watkins com toda certeza já lhe arranhou.

Loelia riu.

— Suponho que um dia eu consiga escolher minhas próprias roupas. Mas estou começando a achar que Watkins é muito melhor nestas coisas que eu!

- Quero lhe dar o mais belo enxoval que uma noiva já teve, mas terá de esperar, minha adorada, até irmos a Londres.

Lorde Braydon sorriu, e continuou:

— Até lá, Watkins providenciará tudo que precisar. E já que ele passou a manhã toda em Folkstone, estou certo de que achará tudo que necessita.

Loelia riu outra vez. Tinha certeza de que isto nunca acontecera a nenhuma outra noiva.

Não se surpreendeu, portanto, quando, depois de banhar-se, viu a maravilhosa camisola que esperava por ela. O negligé e a camisola de seda cor-de-rosa eram trabalhados em renda da mesma cor.

— Como Watkins conseguiu achar algo tão lindo, tão bem feito? — perguntou à governanta, que a ajudava a se vestir.

— O sr. Watkins me disse, milady, que a melhor costura quem faz são as freiras. Por isso comprou todas estas num convento da França.

Loelia achou graça, mas nada mais a surpreendia. Tudo se encaixava em seu conto de fadas.

Ficou ainda mais certa disto ao entrar no boudoir contíguo a seu quarto, onde lorde Braydon a esperava.

Seu marido usava um robe comprido, guarnecido com galões.

Era quase um uniforme militar, e Loelia sentiu, por uns instantes, que estava informal demais.

Acostumada, porém, à naturalidade, esqueceu-se logo de sua timidez.

Havia ali uma mesa posta com candelabros de ouro e decorada com orquídeas.

— Nós é que vamos nos servir, minha querida. Ou melhor, eu a servirei. Não quis ser incomodado por ninguém. Vamos imaginar que somos os únicos nesta casa.

Loelia sentiu que somente ele poderia pensar deste jeito.

Antes que pudesse dizer alguma coisa, porém, lorde Braydon a beijou. Em seguida, serviu-lhe uma taça de champanhe.

— Um brinde, minha amada! A nós e ao nosso amor, que durará e aumentará por toda a eternidade!

— Rezarei sempre para que isto aconteça.

— Acontecerá — assegurou-lhe lorde Braydon, beijando-a outra vez:.

Loelia nunca soube o que comeu ou bebeu. Tudo parecia encantado. Quando o jantar terminou, lorde Braydon levou-a para o lindo quarto onde ela tinha se vestido. As cortinas já estavam fechadas,

Havia apenas duas velas ao lado da imensa cama dourada. Loelia achou que lorde Braydon iria conduzi-la até lá. Mas ele foi até a janela e abriu as cortinas. Lá

fora a lua começava a nascer, por trás do parque que circundava a mansão. As estrelas brilhavam no límpido céu, e pareciam refletir pontinhos de fogo no lago. O luar prateava a folhagem do arvoredo, e acrescentava mistério e encanto às sombras. Lorde Braydon enlaçou Loelia, que declarou:

— É tão lindo, o cenário perfeito... para você.

— É o cenário perfeito também para o nosso amor, minha linda esposa. Espero que um dia nossos filhos venham a amar isto tudo tanto quanto nós.

A idéia fez Loelia enrubescer.

Ela virou a cabeça e escondeu-a junto ao pescoço do marido.

— Tenho algo a dizer-lhe — falou ela, suavemente.

— O que é?

Loelia hesitou e, sentindo seu corpo tremer, lorde Braydon encorajou-a:

— Fale, Loelia...

— Quando me achou naquele... horrível lugar — gaguejava Loelia —, acho que compreendi que homens como o barão vão lá para se divertir... mas receio que me ache muito ignorante porque... eu... não tenho muita certeza do que... acontece... quando duas pessoas... se amam.

Lorde Braydon apertou-a mais de encontro a seu corpo.

Ele estava acostumado com mulheres casadas e sofisticadas, com as quais tivera seus *affaires de cocur*.

Nunca lhe ocorrera que uma jovem pudesse ser completamente inocente.

Ela preenchia todos seus sonhos. Loelia aprenderia a amar com ele, apenas com ele. Seria a experiência mais emocionante de toda sua vida.

— Suponha — continuou Loelia, com uma vozinha onde havia inquietação e nervosismo —, que depois de me amar... fique desapontado?

Lorde Braydon apertou-a um pouco mais, dizendo:

— Isto será impossível!

— Por quê?

Em vez de responder, ele a tomou nos braços e levou-a até a cama.

Tirou-lhe o *nêgligê* e, levantando-a de novo, colocou Loelia entre os travesseiros de renda e cobriu-a com o lençol bordado com seu monograma.

Depois deu a volta, tirou o robe e deitou-se ao lado dela.

Estendendo o braço, puxou-a para mais perto de si.

Sentindo o corpo delicado tremendo de encontro ao seu, lorde Braydon experimentou sensações que jamais tivera.

Desejava-a com todo ardor, mas ao mesmo tempo sentia que Loelia era totalmente diferente de qualquer outra mulher. O que sentia por ela era diferente também.

— Você me fez uma pergunta, minha adorada, e agora vou respondê-la. Nunca me cansarei de você, porque eu não amo só sua beleza, seu corpo magnífico e

as sensações que você me provoca quando a beijo. Há muito mais!

— Diga-me o que é, diga-me, por favor — implorou Loelia.

— Primeiro eu a amo por sua inteligência e delicadeza. Beijou-lhe a testa, antes de continuar:

— Depois amo a afeição que tem por seu pai, e a maneira como pensa nele antes de pensar em você.

Sorrindo, prosseguiu:

— Nunca conheci ninguém tão natural, que não tivesse as roupas, adereços como únicos objetivos. e se concentrasse naquilo que realmente importa.

— Só quando me apaixonei por você é que tive medo de não ser bonita o suficiente.

— Àquela altura, eu já estava apaixonado não só por seu rosto, meu anjo, mas também por seu coração e sua alma.

Ele tocou-lhe o rosto com os lábios, enquanto acariciava-lhe o corpo.

— Você me pertence, minha querida, e nunca a deixarei! O luar, que já começava a entrar pela janela, fazia o quarto parecer mágico.

Lorde Braydon ainda estava com certo receio de que Loelia se assustasse.

Era difícil colocar em palavras o que sentia, por isso disse simplesmente:

— Não deve se assustar, minha querida, porque serei muito delicado com você,

Loelia olhava-o sem o menor sinal de medo ou ansiedade. Estava feliz como nunca estivera em sua vida.

— Como posso ter medo de você? Eu o adoro. . . eu o venero. Só ficaria com medo se você deixasse de me amar.

— Como isto é impossível, então não precisamos nos preocupar com mais nada, exceto nosso amor. E é por amor, Loelia. que quero fazê-la minha.

Loelia aproximou-se dele.

— Por favor... me ensine — implorou ela. — Ensine-me não só a amá-lo... da maneira como quer ser amado... como também a manter este amor.

Não pôde dizer mais nada porque lorde Braydon silenciou-a com seus lábios.

Beijou-a com o ardor que Loelia já tinha experimentado antes.

Sabia que isto era a força e também a maravilha do amor.

Ele não precisou ensiná-la, porque todo seu corpo reagia ao dele, como seus pensamentos se correspondiam.

Era natural e perfeito. Era o que ambos desejavam.

— Eu o amo! — sussurrou ela. — Eu o amo tanto que meu amor é capaz de tomar o mundo todo!

— Eu a adoro, eu a venero — respondeu-lhe lorde Braydon, com voz enrouquecida; — Você é minha, e jamais hei de perdê-la!

Com o ardor que incendiava os dois e os transportava ao céu, lorde Braydon

possuiu Loelia.

Uma luz divina os cobriu e os arrastou para as estrelas, com êxtase do amor perfeito que vem de Deus.